



A situação na Irlanda

AMEAÇA DE LUTA DE GUERRILHAS

Para sobre a Irlanda do Norte a ameaça de guerra declarada de guerrilhas — afirmou a noite passada, um militante protestante de Belfast, após um comício que reuniu várias organizações para militares protestantes. Nesse comício decidiu-se provocar séria agitação naquela província britânica em virtude de pela primeira vez, terem sido presos dois protestantes ao abrigo da lei que permite o internamento sem julgamento. Depois de anunciar que os militantes protestantes apelavam para uma greve amanhã, um informador disse que «as próximas horas mostrarão quem dirige a província». O comício de ontem foi convocado devido à prisão dos dois militantes. (R e DL).

TELEX DE JOAQUIM LETRIA

LONDRES REJEITOU O PEDIDO DE LEI MARCIAL

LONDRES, 6 — O Governo britânico rejeitou o pedido de imposição de lei marcial e recolher obrigatório na Irlanda do Norte. Um dos ministros do Estado para a Irlanda do Norte, David Howell, disse pensar que essas disposições não ajudariam a resolver o que quer que fosse na actual situação.

Durante este último fim-de-semana, 12 pessoas foram mortas, elevando para cerca de 700 o total das vítimas desde que a violência irrompeu desta forma, há três anos.

Um deputado de Belfast, Stanley McMaster, condenou as actividades terroristas do ilegal Exército Republicano Irlandês e pediu que este fosse considerado ilegal também no resto do Reino Unido e na República da Irlanda. Como se sabe, o I.R.A. é apenas ilegal na Irlanda do Norte. Segundo esse deputado, nenhuma das atitudes conciliatórias do

Governo de Londres obtivera quaisquer resultados quanto à diminuição da violência. Por seu lado, um outro deputado, trabalhista, pediu o fim de todas as organizações para-militares, o que disse ser fácil de conseguir.

Acusações e contra-acusações sobre quem é responsável pela violência não será o que mais importa determinar agora. O que é importante é conservar uma perspectiva que oriente a política a adoptar, tendo em consideração a crise política no seu todo e os seus efeitos secundários. Tal como Howell disse, o Governo de Edward Heath não tem receio de pôr em vigor medidas que pode lamentar mais tarde. Por isso preferiu uma resposta tranquila após um fim-de-semana trágico na Irlanda do Norte.

Segundo o ministro de Estado Howell, o Governo rejeia não estar ao alcance

Continua na pag. 13

TALVEZ A PARTIR DO VERÃO

UM SEGURO DE DESEMPREGO FINALMENTE EM PORTUGAL

A generalização do seguro de desemprego, medida de previdência consignada no III Plano de Fomento que este ano termina, está a ser objecto de estudo por uma comissão de especialistas do Fundo de Desenvolvimento de Mão-de-Obra, com vista à elaboração legal.

O modo de aplicação e fixação do seguro e as fontes de receita necessárias à sua institucionalização constituem alguns aspectos do problema, que está a ser devidamente considerado. Do estudo ao texto legal ainda vai um percurso normalmente demorado, mas as entidades responsáveis mostram todo o interesse em que o seguro generalizado de desemprego vigore o mais brevemente possível, talvez a partir do próximo Verão. (Página 20).

ENCONTRO NIXON-HUSSEIN

No decorrer de uma visita rotulada de semiparticular, aos EUA o rei Hussein da Jordânia conferencia hoje, na Casa Branca, com o presidente Nixon. Hussein, considerado pelos EUA como o seu principal elemento de ligação com o mundo árabe, estudará, com o presidente Nixon, os meios de se conseguir um acordo de paz no Médio Oriente, que se pretende seja permanente e não uma paz provisória (R e DL).



Cerona, autor da morte de 25 trabalhadores rurais, foi condenado a 25 penas consecutivas de prisão perpétua. Não há precedentes na Califórnia quanto a penas semelhantes e existe uma certa confusão quanto ao que a sentença significa na verdade (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Juan Bosch acusado de insurreição armada

Um comunicado do Governo da República Dominicana acusou ontem o antigo presidente Juan Bosch e outros dirigentes opositores de estarem a preparar uma insurreição armada contra o regime do actual presidente, Joaquín Balaguer. O mesmo comunicado anunciava que tropas leais ao Governo estavam a percorrer as montanhas ocidentais do país, procurando um grupo de dez guerrilheiros que ali teriam desembarcado, vindos de Cuba. Juan Bosch, cuja casa se encontrava cercada pela Polícia, disse aos jornalistas que a acusação do Governo

não passava de uma manobra para o deportar da ilha, bem como outros elementos destacados do seu Partido Revolucionário Dominicano. O Governo encerrou também dez estações de rádio (R e DL).

A impugnação das eleições no Sindicato dos Caixeiros

A acção da impugnação apresentada no Tribunal de Trabalho pelo Instituto Nacional do Trabalho e Previdência em relação às eleições dos corpos directivos das Secções Profissionais do Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa, recentemente efectuadas, vai ser amanhã objecto de uma reunião geral de associados para se decidir qual a posição do Sindicato no processo. Entretanto, a impugnação pode protelar por largo espaço de tempo não só a tomada de posse dos candidatos eleitos (se as eleições não forem anuladas) como também as eleições para a direcção central do Sindicato, que só

poderão realizar-se 90 dias após terem decorrido as eleições para as Secções Profissionais. Este é o primeiro caso que se verifica quanto a im-

pugnações desde que entrou em vigor o Decreto n.º 51/72, que regula o processo eleitoral dos dirigentes corporativos (Pág. 8)



O presidente Salvador Allende acena para a multidão que o aguardava no estádio de Santiago do Chile, onde foi para anunciar o programa da esquerda para as eleições legislativas do dia 4 de Março (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

EDIÇÃO DE 28 PÁGINAS

O falecimento do prof. Jorge Dias

Da igreja da Pena para o cemitério de Oeiras, sai amanhã, às 10 horas, o funeral do prof. Jorge Dias, ontem falecido na sua residência em Lisboa. O prof. Jorge Dias, de 65 anos, natural do Porto, que actualmente exercia as funções de director do Museu Etnológico do Ultramar, era autor de numerosas publicações de carácter científico. (Pág. 2)



DL/NACIONAL

Portugal e França colaboram na pesca do bacalhau

O navio francês «Loire» de apoio logístico e de assistência aos pescadores do bacalhau na Terra Nova e Gronelândia, esteve durante algumas horas, ancorado na Doca da Marinha, para que fossem estabelecidos contactos com autoridades da Marinha de Pesca portuguesa e recolhidas informações sobre a entreaajuda luso-francesa nos mares onde ambos os países realizam mais uma campanha.

Tendo como objectivo prestar aos pescadores a assistência de tipo médico, alimentar ou bem estar social (pelo fornecimento de correio, jornais, etc.) o «Loire» pretendeu, com esta passagem por Lisboa conhecer a rotado nosso navio de apoio, «Gil Eanes», a fim de se não repetir, e, portanto, anularem a assistência que podem prestar, com uma eficiente divisão de tarefas.

O falecimento do prof. Jorge Dias

Da Igreja da Pena para o cemitério de Oeiras, realiza-se amanhã, às 10 horas, o funeral do prof. dr. Jorge Dias, falecido na sua residência em Lisboa, com a idade de 65 anos. Deixa viúva a dr.^a Margot Dias e era pai dos srs. Wolf Lopo Dias, Karin Dias e das sras. D. Júlia Dias Assis Lopes, D. Isabel Dias de Almeida Pestana e D. Maria Luísa Dias Schumann.

Investigador de mérito, o prof. Jorge Dias, que actualmente exercia as funções de director do Museu do ultramar, licenciou-se primeiramente em Filologia Germânica, tendo em 1944 concluído a licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas. Foi leitor de português em várias universidades estrangeiras, e de 1946 a 1947 permaneceu em Madrid, co-

mo director do Centro de Estudos de Etnologia peninsular. E de 1954 a 1956 exerceu o cargo de secretário-geral da Comissão Internacional de Etnologia Regional da UNESCO.

Dedicou-se, desde 1956, ao estudo de Etnologia Ultramarina, sector científico em que se salientou com os trabalhos sobre as raças do Norte de Moçambique «Os Macondes», trabalho esse

levado a cabo com a colaboração da esposa e que recebeu vários prémios culturais.

O dr. Jorge Dias foi um valioso e assíduo colaborador do «Diário de Lisboa», onde deixou trabalhos do maior interesse, principalmente no sector das suas especialidades. A família enlutada apresentamos os nossos sentidos pêsames.

FEIRA DE AVICULTURA

Decorrerá de 5 a 13 de Maio, em Tomar, a II Feira de Avicultura, durante a qual terão lugar trabalhos que visam o progresso da avicultura, tanto no cam-

po económico como no da produção. Na Feira estarão presentes representantes de todas as raças, dos construtores de material avícola e dos avicultores espanhóis.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

REPARTIÇÃO DE PESSOAL, EXPEDIENTE E CONTABILIDADE

AVISO

CONCURSO PÚBLICO N.º 9/72

PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA DE «TERAPLENAGENS GERAIS, PAVIMENTAÇÃO, DRENAGEM E OBRAS COMPLEMENTARES, INCLUINDO A CONSTRUÇÃO DO TUNEL, DA AMPLIAÇÃO DA PISTA 18-36 DO AEROPORTO DO PORTO»

Para os devidos efeitos se esclarece que os alvarás exigidos aos concorrentes são os seguintes:

- a) — IV categoria e 3.ª subcategoria da IV categoria ou
- b) — 4.ª Subcategoria da IV categoria e 3.ª subcategoria da IV categoria

com classe correspondente ao valor da proposta.

Por ter sido publicado no «Diário do Governo» n.º 27; III Série, de 1-2-73, o anúncio relativo à empreitada acima identificada, o acto público terá lugar pelas 15 horas do dia 5 de Março p. f.

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em 5 Fev. 1973.

O DIRECTOR GERAL

Eng.º Victor Veres

Inaugurada a cervejaria do Hotel Roma

Foram inauguradas, ontem, ao fim da tarde, as instalações da Cervejaria do Hotel Roma, que completam a segunda fase das obras daquela unidade hoteleira. Estiveram presentes o secretário da Informação e Turismo, o director-geral do Turismo e o chefe de Repartição da Direcção-Geral de Turismo, respectivamente dr. Moreira Baptista, eng. Alvaro Roquete e dr. Strecht Ribeiro. As instalações desta nova cervejaria contém algumas inovações, dispondo de um balcão com lugares sentados e uma outra zona destinada a serviço rápido em que o cliente é servido de pé.

CONFERÊNCIA DE OSCAR LOPES

O dr. Oscar Lopes dirige amanhã uma conferência sobre «uma experiência de ensino da gramática simbólica (disciplina de português) no ciclo preparatório».

A conferência realiza-se às 15 horas no Imave, — Rua Florbela Espanca — A entrada é livre.

Instituto Francês

Com o patrocínio da Embaixada francesa e organizada pela União Nacional dos Editores e Exportadores de Publicações Francesas, inaugura-se hoje, na sala de leitura e documentação do Instituto Francês, Av. António Augusto de Aguiar, 40, uma exposição que incluirá as publicações francesas de todos os sectores. O certame estará aberto ao público até 22 do corrente, das terças aos sábados e das 13 às 21 horas.

TEATRO SÃO LUÍS

ÚLTIMA SEMANA EM LISBOA diariamente às 21.45 horas

Ruth Escobar

apresenta

Missa Leiga

de Chico de Assis

Prémio da crítica brasileira para a melhor encenação e melhor música

50% para estudantes e jovens até 18 anos, devido a um subsídio da Fundação Gulbenkian

M/ 14 anos

Um empreendimento sobre o mar prova-lhe ser a melhor oportunidade de investir no turismo

Prova 1.

Clube da Praia da Oura está integrado na área urbana de Albufeira. Uma localização ímpar. Ideal para férias. Para participar na vida cosmopolita do coração turístico do Algarve.

Prova 2.

Clube Praia da Oura está debruçado sobre o mar. E tem acesso directo à praia. Certeza de maior valor comercial. De valorização constante. De aluguer a um preço mais elevado.

Prova 3.

Clube Praia da Oura é uma urbanização turística completa. Com piscina, restaurantes, bar, centro comercial, ténis. Proporciona, assim, tudo o que deseja para as suas férias. E os turistas preferem.

Prova 4.

Clube Praia da Oura tem uma arquitectura actual, integrada na paisagem. Cada apartamento é uma janela sobre o sol e o mar. Amplios terraços/solários. E acabamentos de alta qualidade.

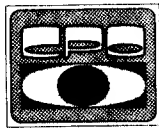
Prova 5.

Clube da Praia da Oura é iniciativa de um grupo internacional. Com amplas ramificações turísticas. Que lhe oferece duas opções. Compra para ocupação ou rendimento.

Prova 6.

Clube Praia da Oura tem preços realistas. Com regalias durante a construção. É a oportunidade de passar 6 semanas de férias no seu apartamento, caso o ceda para rendimento.

Forme a sua opinião. E actue de acordo com os seus próprios interesses. Sabendo mais sobre o Clube da Praia da Oura. Que lhe prova ser a sua melhor oportunidade de, também, beneficiar com o turismo.



CLUBE

PRAIA DA OURA

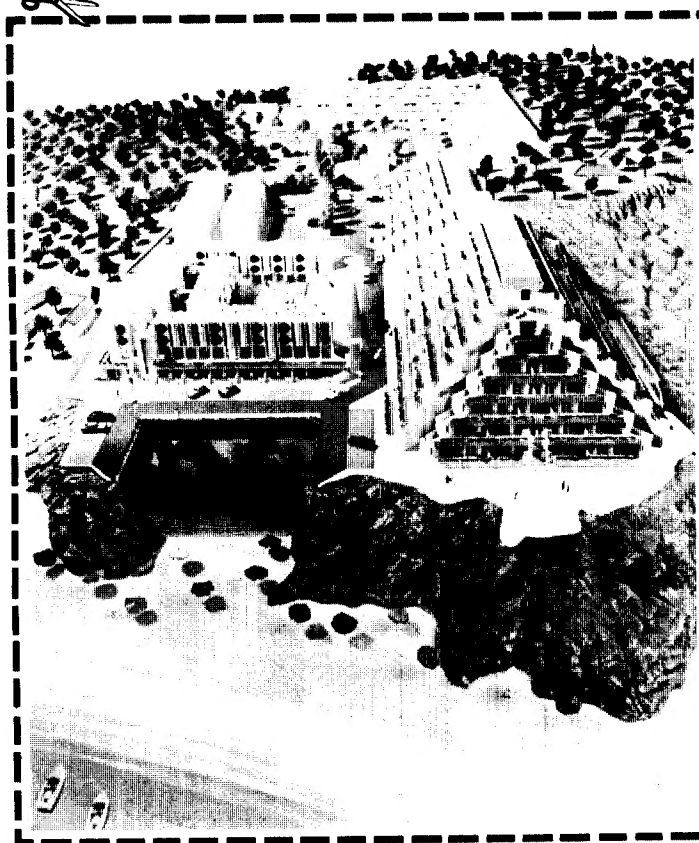
empreendimento para investidores exigentes

Agentes em Portugal SOTERRA

R. Rodrigues Sampaio, 52, 2.º Tels 5 05 96/56 28 55/5 19 98 Lisboa-2

Comprove todas as vantagens do Clube da Praia da Oura. Envie-nos este cupão. E sem compromisso, recebe úteis informações sobre investimentos turísticos no Algarve.

Nome _____ Morada _____ Localidade _____ Tel _____



FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

Um filme fundamental na história do cinema!

A FERA HUMANA

(La Bête Humaine)

Baseado no célebre romance de Emile Zola

com

Jean Gabin • Simone Simon

Um filme de Jean Renoir

4.ª SEMANA

SEMANA

SATÉLITE

Grupo D - 18 anos

DL/OPINIÃO

A INFORMAÇÃO NA ORDEM DO DIA

Não se efectivou perante grande assistência o aviso prévio sobre meios de comunicação social e problemas da informação. Apenas 65 deputados se dispuseram a ouvir o seu colega Magalhães Mota proferir algumas verdades que, pelos vistos, de tão repetidas, já pouco alcance têm... Melhor dizendo: verdades cuja enunciação se aceita quando de todo se não podem evitar, mas que cuidadosamente se rodeiam de uma atmosfera pouco propícia à expansão delas, à sua discussão e, particularmente, à sua aplicação prática. Após o desabafo, dissipados os últimos ecos, regressa a calma conformação (ou pelo contrário inquieta?) de um estatuto pouco receptivo às novidades que lá fora já são uso comum. Espanta, realmente, como ainda hoje entre nós causam um frémito de heresia, em meios bem pensantes, palavras tão claramente verdadeiras como estas: «Mas não nos limitamos a querer expulsar, ou conter dentro dos limites cuidadosamente traçados, a informação. Ela é sempre olhada como perigo potencial».

Tal qual. Por palavras diferentes o dissemos já aqui, sempre que foi possível. Mas é de algum modo reconfortante saber que dentro da Assembleia Nacional soou uma voz para articular a defesa do direito a uma informação que não seja apenas «como um elemento de conforto, mais ou menos supérfluo, como um processo de arregimentar clientelas ou como um mal necessário». No que à Imprensa toca diríamos que nada mais fácil que uma Imprensa acomodaticia, mas também nada mais mortal: talvez, conforme diz o rifão, o silêncio seja de ouro mas, no caso presente, daríamos preferência à simples prata da palavra...

Três anos decorreram desde que o deputado Magalhães Mota anunciou o seu aviso prévio. De então para cá, muita água passou debaixo das pontes, algumas esperanças se desfizeram ou foram afastadas por mais poderosas realidades, e, no capítulo da informação, tomou lugar uma lei de imprensa. Não obstante, entendeu o deputado avisante que o tema não perdera actualidade: todos nós sabemos que assim é, que, pelo contrário, sob a pressão do próprio impacto dos meios de comunicação, é cada vez mais actual. E o aviso prévio acabou por entrar na ordem do dia. Quais sejam as suas consequências, não somos profetas para o adiantar, mas, a julgar por antecedentes conhecidos, a voz do deputado Magalhães Mota terá soado em ambiente tão pouco acolhedor, que se recusa ao entendimento literal das palavras.

Não fosse assim e sentir-se-ia o que há de doloroso nesta afirmação: «O primeiro cuidado com a informação é não informar ou negar os factos. Foi assim que começámos por «não ter» cólera, como agora também começámos por «não ter» gripe. E preferia não falar de silêncios mais graves». E nesta outra, que aponta a um dos piores males que afectam a sociedade portuguesa: «Ninguém pode ter, em exclusivo, o monopólio do «interesse geral» nem ninguém pode ser o seu único depositário. Demasiado andamos cheios de monopólios de patriotismo e verdade». Esperamos que tenha ficado claro para toda a gente até que ponto o problema da informação condiciona toda a vida portuguesa, no seu presente e no seu futuro. Deixá de ser possível (se ainda o era) dizer alguém com responsabilidades: «Não sabia, não pensei, não previ...»

Num livro publicado em 1933 por António Ferro estão escritas estas palavras de Oliveira Salazar, então e por muito tempo mais presidente do Conselho: «É certíssimo que, dentro de vinte anos, o nosso actual conceito de liberdade de imprensa estará radicalmente modificado». Passaram esses vinte anos, passaram quarenta, quase meio século, e a pergunta é inevitável: modificou-se o conceito de liberdade de imprensa? e porquê só o conceito? seria isso bastante? será isso bastante para que se crie «uma imagem de Portugal novo, não romântica, folclórica, patrioteira ou provinciana?»

Voluntários

O serviço militar obrigatório terminou nos Estados Unidos mas serão precisos ainda alguns meses para se ver se os voluntários acorrem em número suficiente para manter as forças armadas ao nível desejado.

O fim do serviço militar obrigatório foi uma das últimas medidas que Melvin Laird anunciou como secretário da Defesa e coincidiu com a assinatura do acordo de paz no Vietname, mas constituía, há muito, um objectivo do presidente Nixon.

A actual lei do serviço militar selectivo só expira a 30 de Junho e, até lá, os jovens de 18 anos terão que continuar a dar o nome nas juntas de recrutamento. Por outro lado, os médicos e dentistas continuam a ser abrangidos pela lei do recrutamento, mas espera-se que o Congresso aprove aumentos de vencimentos suficientes para que se apresentem voluntários.

O objectivo do Pentágono é a criação de uma força profissional de 2 233 000 homens nos quatro ramos — exército, marinha, aviação e fuzileiros — perfeitamente equipados e preparados para lidar com as armas modernas, cada vez mais complicadas.

O serviço militar obrigatório teve início em 1940 devido à Segunda Guerra Mundial e manteve-se, até agora, principalmente por causa da guerra no Vietname, que obrigou os Estados Unidos a manter 3 547 000 homens em armas até 1968.

Agora que a perspectiva de entrar em combate se tornou mais remota devido ao cessar-fogo no Vietname, as autoridades esperam que não haja falta de voluntários dispostos a gozar as vantagens que o exército oferece, nomeadamente emprego certo, pagamento regular e oportunidades de aperfeiçoamento técnico em vários ramos de actividade.

Aqueles que se oferecem para unidades de combate — nomeadamente infantaria, artilharia e blindados — receberão um bonus extra de 1500 dólares como incentivo.

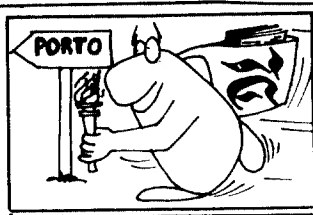
Muitos políticos americanos liberais, incluindo o senador Edward Kennedy, opuseram-se ao voluntariado como forma de recrutamento exclusiva. Eles temiam que, desta forma, as forças armadas passassem a ser ainda mais «militaristas».

«Cartas do Brasil»

Do nosso «amigo leitor» Jorge Máximo Heitor recebemos:

«Pretendo surgir-vos que lancem no mercado uma antologia das melhores «Cartas do Brasil», desse excepcional cronista Chianca de Garcia. A selecção poderia ser feita, talvez, por Urbano Tavares Rodrigues. E todos nós poderíamos recordar durante muitos anos um dos principais colaboradores do «Diário de Lisboa».

A sugestão de Jorge Máximo Heitor merece, como é natural, o nosso melhor interesse. Chianca de Garcia tem sido, ao longo dos anos, não apenas, como diz, «um dos principais colaboradores do «Diário de Lisboa», mas também um dos mais brilhantes e dedicados. Quanto à antologia, tal decisão só a ele cabe.



O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Joel Augusto Barbas. Rua de S. Marcos, 15 — REGUENGOS DE MONSARAZ

WILLIAM J. COUGHLIN

O PETRÓLEO

Beirute — Uma decisão bastante significativa e de longo alcance que poderia modificar a configuração da indústria do petróleo, foi revelada durante a última semana de Janeiro quando os Estados Unidos concordaram com a participação árabe nas companhias de comercialização americanas.

A decisão foi revelada pelo funcionário do Departamento de Estado americano Willis Armstrong, secretário-adjunto para os assuntos económicos, quando declarou durante uma audiência do Senado em Washington que a administração Nixon veria com bons olhos os investimentos na indústria petrolífera americana por parte das nações produtoras de petróleo do Médio Oriente.

O acordo americano foi a resposta dada a uma proposta feita durante o ano passado pelo ministro do Petróleo da Arábia Saudita, xeque Ahmad Zaki Yamani.

Há 15 anos, em Londres, um responsável americano do petróleo expressou a sua admiração e ansiedade pelo facto de um xeque de uma nação árabe produtora de petróleo ter a esperança de poder negociar um acordo que lhe daria 30 por cento do rendimento do petróleo do seu país.

«Se assim acontecer, ter- rão de saber que, a seguir», disse o americano em questão, «estarão a pedir uma divisão na base de 60-40 por cento».

As coisas percorreram um longo caminho desde então. Países como o Iraque e a Líbia nacionalizaram as companhias produtoras de petróleo dentro das suas fronteiras. E não só, outros obtiveram tanto como 50 por cento de rendimentos do petróleo; um grupo de cinco nações concluiu recentemente um acordo de participação com base no qual terão uma posição maioritária das companhias produtoras por volta de 1983.

Por detrás destas modificações encontra-se a muita

discutida crise de energia, na qual as necessidades crescentes de petróleo por parte dos Estados Unidos, da Europa Ocidental e do Japão criaram um mercado de vendedores de petróleo.

«Nos 15 anos que decorreram de 1955 a 1970, a indústria doméstica do petróleo despendeu um total de 8000 milhões de dólares nos seus esforços para encontrar mais petróleo», diz-se num recente relatório do Chase National Bank, de Nova Iorque.

Enquanto que a indústria americana conseguiu 50 000 milhões de barris de ramas, continua o relatório, teria tido que aumentar os seus esforços na perfuração em cerca de 75 por cento e gastar um adicional de 50 000 milhões de dólares antes e até descobrir petróleo e gás suficiente para satisfazer todas as necessidades da nação durante o período em que pudesse manter um inventário realista das reservas provadas.

Anteriormente, as poucas nações industrializadas que estavam dependentes do petróleo, tinham conseguido sustentar as exigências árabes para o aumento dos privilégios e participação em causa, com a simples ameaça de se voltarem para outro lado quanto à satisfação das suas necessidades petrolíferas.

Podiam agir desta forma, porque controlavam as fábricas que refinavam as ramas e toda a rede de comercialização — até a garagem da esquina — dos produtos finais.

Todavia, à medida que o tempo decorria, as nações árabes foram criando as possibilidades e adquirindo os conhecimentos necessários para a laboração de refinarias. Agora, estão prontos para o próximo passo, e o sinal verde apareceu para elas com a declaração de Armstrong perante a comissão interna do Senado.

«Não vemos razão», disse o funcionário do Departamento de Estado, «para que estes países e as suas com-

panhias petrolíferas nacionais não possam investir os seus enormes lucros com o petróleo, nos negócios americanos.»

O diabo, evidentemente, é que se espera que as nações árabes produtoras de petróleo recebam mais de 20 000 milhões de dólares em pagamentos de ramas por volta de 1976.

Com a crescente procura americana de petróleo estrangeiro, a administração Nixon gostaria de ver o efeito sobre a balança de pagamentos, pelo menos, parcialmente equilibrada pelos investimentos árabes nos Estados Unidos.

O homem suficientemente sensato para ver esse inconveniente — e para compreender que ele significa o último passo para a libertação dos árabes da dependência das companhias estrangeiras, ao permitir-lhes comercializar o seu próprio petróleo — foi o xeque Yamani da Arábia Saudita, educado em Inglaterra, na Universidade de Harvard.

E foi igualmente bastante hábil para compreender que uma aproximação moderada do problema que não assustasse os Estados Unidos, teria muito mais probabilidades de obter resultados do que a atitude beligerante de países produtores de petróleo como o Iraque e a Líbia.

Tal como o xeque Yamani disse numa entrevista: «É tão simples como isto. Nós precisamos vender as nossas ramas. Vocês têm um bom mercado para nós, especialmente se removerem todas as restrições... Vocês precisam terrivelmente das nossas ramas. Estão a entrar num período de falta muito séria quanto a petróleos brutos de vossa produção. Penso que temos um mútuo interesse em discutir o assunto em conjunto; vocês são o maior mercado consumidor e nós o maior fornecedor. E por isso que eu proponho um privilégio especial para a Arábia Saudita, no mercado americano».

Continua na pag. 14

TORQUATO DA LUZ

Os (in)seguros que temos

A obrigatoriedade do seguro de responsabilidade civil em acidentes de viação foi defendida, há dias, por um deputado, na Assembleia Nacional. Fez muito bem, porque se trata efectivamente de um daqueles casos que pedem, com toda a urgência, a intervenção governamental. Não há, de outra forma, defesa possível para os cidadãos (sejam ou não automobilistas, é claro).

Paralelamente a essa obrigatoriedade do seguro, a lei terá de resolver, eficazmente, a moralização das relações seguradas — entidade seguradora — terceiros. Principalmente no que respeita a estes últimos, os seus interesses terão de ficar integralmente defendidos, em especial das «manobras» inacreditáveis de certas companhias.

Falo por experiência própria: tenho um automóvel devidamente segurado (todos os riscos, uma barbaridade de contos de reis por ano). Há on-

ze dias, o dito automóvel foi abalroado por um outro, ficando muito danificado — o que, naturalmente, me trouxe uma série de contrariedades, agravadas pelo facto de o carro ser, como costuma dizer-se «novinho em folha» (não tem 6 000 quilómetros). O outro condutor, pessoa civilizada, declarou-se-me imediatamente responsável pelo sinistro — o que iria, disse, participar à sua companhia, a «Mutualidade».

Os dias passaram — e, como o tal condutor responsável vive na província, a participação só chegou à companhia uma semana depois. Imediatamente após o acidente, procurei saber, junto da «Mutualidade», se esta poderia por um carro à minha disposição. Que não! O problema só poderia ser estudado depois de o «perito» ver o meu carro — e o «perito» só veria o meu carro depois de o segurado ter participado o sinistro.

Hoje, data em que escrevo (segunda-feira), tenho o carro

numa oficina à espera que o tal «perito» se disponha a ir vê-lo — e não sei quando é que a «Mutualidade» poderá estudar o problema de me ceder um carro. De qualquer maneira, já fui informado de que não receberei qualquer indemnização por estes onze (pelo menos) dias em que tive o carro imobilizado. Se a receber, ela referir-se-á apenas aos «dias que efectivamente dura a reparação».

Ninguém fiscaliza a actividade das companhias de seguros? Ninguém defende os interesses dos chamados «terceiros»? Apenas os segurados têm obrigação de pagar pontualmente? Não há nenhuma contrapartida?

Claro que este é, apenas, um aspecto da questão — aquele de que tenho pessoalmente conhecimento. Talvez os leitores saibam de outros. Por mim, prometo contar o resto da história — que ainda vai no meio, é claro.

DL/REGIONAL

Sub-industrialização e turismo na ilha da Madeira

Acabam de ser publicados os resultados do recenseamento industrial do arquipélago da Madeira, levado a cabo pelo Instituto Nacional de Estatística em 1972. Esses e outros dados, contidos no boletim do 2.º trimestre de 1972, da delegação do I.N.E. no Funchal, não permitem, pelo seu carácter parcial, uma síntese global. No entanto, a simples descrição dos principais quadros é elucidativa da situação económica do arquipélago: sub-industrialização e dependência.

Em 1971, a indústria madeirense, em termos de valor bruto da produção, atingiu o valor de 1.639.011 contos. Dos 1.919 estabelecimentos inquiridos, 1.437 empregam menos de 5 pessoas e apenas 149 têm 20 ou mais empregados. Mais de metade dos estabelecimentos inquiridos têm sede no Funchal. Do ponto de vis-

ta do valor da produção, as indústrias mais importantes são a construção (331.893 contos), a fabricação de têxteis em obra (220.345), a padaria e pastelaria (142.743), as embalagens de madeira e cana e artigos de cesteiro (110.703) e a moagem (107.485), seguidas pela energia eléctrica, manufatura de gado e conservas de carne, conservas de peixe e alimentos para animais. A construção é igualmente a indústria que mais gente emprega (4.638 pessoas), seguida dos têxteis (2.528). E de assinalar o carácter artesanal de indústrias como as embalagens de madeira e cana e artigos de cesteiro, a moagem ou os artigos de vestuário, em que a quase totalidade dos estabelecimentos emprega menos de 5 pessoas.

A grande «indústria» da Madeira é, como se sabe, o turismo. Durante o primeiro semestre de 1972, o movi-

mento foi de 67.365 hóspedes e 504.513 dormidas. Os grandes clientes do turismo madeirense são a Alemanha Federal e a Grã-Bretanha, seguidas pelos Estados Unidos, Suécia e Dinamarca.

Escasseiam no referido boletim os dados sobre salários. Apenas um pequeno quadro sobre os salários médios dos trabalhadores rurais, em que se incluiu o valor da alimentação e vinho fornecidos: 71 escudos para homens adultos, 36 para os menores de 15 anos, 41 para mulheres, no mês mais favorável do primeiro semestre do ano passado.

O COMÉRCIO EXTERNO

No capítulo do comércio externo, há dois espaços a considerar: a Metrópole e Açores por um lado, e o estrangeiro e territórios ultramarinos por outro. Em relação ao primeiro, a Madeira apresenta um grande déficit comercial: importações no valor de 480.519 contos, contra 60.733 contos de exportação, no primeiro semestre de 1972. O arquipélago compra principalmente máquinas e aparelhos, material de transporte, alimentos e bebidas, produ-

tos químicos e metálicos, enquanto as bananas constituem a única exportação de relevo.

Em relação ao estrangeiro e territórios ultramarinos portugueses, durante o mesmo período, verifica-se um saldo negativo de perto de 65 mil contos. No entanto, este déficit deve-se ao comércio com os territórios ultramarinos (o déficit em relação a Angola é superior a 55 mil contos), registando-se um saldo positivo nas trocas com o estrangeiro: cerca de 15 mil contos. Se a este saldo se somarem as receitas provenientes do turismo, verifica-se que a Madeira tem um importante papel na aquisição de divisas para Portugal. Graças ao desequilíbrio das trocas com a Metrópole, a Madeira pouco beneficiará, do ponto de vista do desenvolvimento económico, das divisas deixadas pelo turismo. Os principais produtos exportados pelo arquipélago são índice da situação de dependência e sub-industrialização da sua economia: bordados, obras de vime e o vinho da Madeira constituíram cerca de 80 por cento da exportação para o estrangeiro e territórios ultramarinos, no primeiro semestre de 1972.

Crianças impedidas de ir às aulas

MIRANDELA. — Por falta de transporte, estão impossibilitadas de comparecer às aulas, na Escola Preparatória de Lucaino Cordeiro e Liceu Nacional, nesta vila, 110 alunos, que até agora têm vindo a utilizar, por turnos e gratuitamente, o autocarro principal dos Grêmios da Lavoura do Nordeste Transmontano. Acontece que a Brigada de Trânsito do Distrito autuou e apreendeu essa viatura, em virtude de a mesma estar autorizada a «transportar apenas operários». Contudo, o que é facto é que, grande parte dessas crianças agora impedidas de comparecer às aulas, são filhas de operários.

A decisão da Brigada de Trânsito, que afinal vem lesar

os próprios operários, causou grande indignação entre a população local.

Associação de proprietários

Na sede da Associação Lisboense de Proprietários, reuniu-se a direcção deste organismo, tendo tomado conhecimento do andamento dos trabalhos que visam a actualização das rendas antigas dos prédios em Lisboa e Porto.

Entre outros assuntos, foi ainda aprovada a agenda para a próxima assembleia-geral da A.L.P.

AGREDIU UMA MENOR

Por ofensa ao pudor e agressão a uma menor, foi detido ontem à noite, na Rua Morais Soares, um indivíduo de nome Carreira, de 38 anos, pedreiro, natural de Leiria e a viver actualmente em Lisboa.

Este indivíduo tentou, em determinado ponto daquela artéria, deitar a mão à saia da referida menor a qual reagiu, pegando-lhe um bofetão. Acito contínuo o homem atacou-a

a soco e bateu-lhe com um garrafão que transportava, causando-lhe ferimentos, pelo que teve de ser levada ao Hospital de Santa Maria, regressando depois a casa, visto os ferimentos não apresentarem gravidade.

Entretanto, um polícia que patrulhava aquela área detinha o homem, que foi levado para o Governo Civil, de onde transitará para a Polícia Judiciária.

O encerramento da fábrica da Abelheira

Encerrada desde 13 de Janeiro, a Graham — Indústria de Papel da Abelheira, cuja fábrica se situa em S. Julião de Tojal, deixou de fazer pagamentos a credores desde o passado dia 24, como anunciámos, passando o assunto a pertencer ao Tribunal de Falências.

Ao mesmo Tribunal cabe igualmente decidir das indemnizações devidas aos cerca de 400 funcionários da empresa, os quais, postos perante uma situação difícil de desemprego, têm vindo a pedir o pagamento de salários e ordenados até ser reconhecida judicialmente a falência, o pagamento das férias e respectivo subsídio, as indemnizações devidas às rescisões dos contratos colectivos, e ainda a reforma para todo o pessoal a partir dos 60 anos de idade, além do recebimento das respectivas indemnizações. Entretanto, os subsídios processados pelo Fundo de Desenvolvimento de Mão-de-Obra ainda não foram recebidos.



José Pedro Yglésias d'Oliveira

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Sua mulher, mãe, filhos, irmãos e cunhados, participam que será rezada Missa pelo seu eterno descanso, amanhã, dia 7, às 19.30 h., na Igreja de Santo António do Estoril.

P. N. A. M.

Empregada de Escritório

Admite empresa industrial margem Sul

FUNÇÕES PRINCIPAIS:

Contabilidade por descalque «Burroughs»
Classificar documentos
Dactilografia

HABILITAÇÕES:

Preferência curso comercial

OFERECE-SE:

Ordenado compatível
32 horas semanais

Resposta manuscrita indicando «curriculum vitae» e ordenado para Apartado n.º 1 — Cova da Piedade.

DESASTRE NA OTA

UM DOS SOBREVIVENTES CONTINUA EM ESTADO GRAVE

Continua em estado grave, no Serviço 10, Sala 1, do Hospital de S. José, o jovem Maximiano Roque Pinto Brandão, um dos sobreviventes do desastre de automóvel ocorrido ontem na estrada da Ota e cujo trágico balanço se cifra em dois mortos e dois feridos, um dos quais chegou àquele estabelecimento hospitalar em perigo de vida.

O acidente ocorreu ontem, na curva da ponte que fica à entrada daquela povoação, quando um carro, que circulava em direcção a Lisboa, conduziu pelo comerciante de carnes Francisco Martinho Brandão, de 52 anos, casado, morador na Rua de Moçambique 29, 3.º Dt., em Lisboa e no qual viajavam seu irmão Maximiano Isabel Brandão, de 42 anos, casado, e o filho deste, Maximiano Roque Pinto Brandão, de 17 anos, residentes na Azinhaga da Fonte do Louro, letra C, 279, no Areeiro e o sócio dos primeiros, Lúcio Alves, morador na Buraca, além do empregado da firma, Adelino Machado Nascimento, que vive na Praça Paiva Couceiro, 10, 3.º, frente, ao tentar ultrapassar um autocarro, foi embater numa camioneta de carga que vinha em sentido contrário, debaixo da qual ficaria completamente destruído. Do desastre, apenas Lúcio Alves saiu indemne. As ambulâncias da base da Ota e dos Bombeiros Voluntários de Alenquer apressaram-se a transportar os feridos para o hospital de Vila Franca de Xira, onde o condutor do veículo sinistrado chegou já sem vida, vindo a falecer pouco depois seu irmão Maximiano Isabel. De Vila Franca de Xira, os Bombeiros Voluntários locais trouxeram para o hospital de S. José os dois restantes sinistrados, verificando-se que o estado de Maximiano Roque Brandão era bastante grave. Adelino Machado Nascimento sofreu traumatismo craniano, sem que, no entanto, se receasse pela sua existência.

O DUPLO SUICÍDIO DE LEIRIA

Noivos na vida e na morte

Parece perfeitamente aclarado o caso dos noivos que, em Leiria, se suicidaram com intervalo de poucas horas. Os factos passaram-se no lugar de Cumeira, concelho da Marinha Grande e tiveram como intervenientes: Maria Emília da Luz Sousa Rato, de 20 anos e José Fernandes Henriques Palhinhas, também de 20 anos, e que viviam em comum há seis meses, aguardando melhor oportunidade para se casarem.

Segundo o que corre em Leiria, Maria Emília deixava-se arrastar constantemente pelo ciúme, desconfiando de todos os passos do noivo. Este, no sábado contra a vontade de Maria Emília, resolveu ir ao cinema a Leiria. Suspeitosa e angustiada, a jovem ingeriu uma boa dose de pesticida que a mataria em pouco tempo. Desesperado, José Fernandes velou o cadáver da noiva até o raiar do dia de domingo, depois foi a casa e servindo-se da mesma garrafa de pesticida, pôs igualmente termo à existência. Os esforços feitos no hospital local para o salvar como já aconteceram com Maria Emília resultaram inúteis.

A jovem foi ontem a enterrar. José Fernandes, teve hoje o seu funeral. Um caso triste que a população de Leiria comenta largamente.

CRIANÇA QUEIMADA NO PRIMEIRO BANHO

Encontra-se livre de perigo no serviço de pediatria do hospital de Santo António, segundo informação ali obtida, o recém-nascido, Manuel António Pereira dos Santos, que ontem viu a luz do dia em casa dos seus progenitores, Maria Fernanda Pereira e António Lopes Mota, residentes na Rua do Carvalho, freguesia do Olival, concelho de Vila Nova de Gaia.

O pequenito que nasceu ontem cerca do meio dia foi, segundo se sabe, metido numa bacia para tomar o seu primeiro banho mas em água tão quente que lhe provocou queimaduras em cerca de 70 por cento da superfície do corpo.

Atribuem a culpa à parteira que assistiu ao parto. De qualquer das formas as autoridades irão averiguar a verdade dos factos.

ACUSADO DE INCENDIÁRIO EM TRIBUNAL

PORTO, 6. — Continuou, esta tarde, no 1.º Juízo Criminal, o julgamento do sr. Augusto Couto da Silva, de 54 anos, da Estrada Exterior da Circunvalação, à Senhora da Hora, arguido de, na noite de 21 para 22 de Julho de 1971, ter, deliberadamente, deitado fogo à sua residência, onde funcionava uma pequena indústria de estores a Fábrica de Estores Conservadora.

Segundo, ainda, a acusação, praticou tal acto para receber o prémio do seguro pelos prejuízos sofridos.

Na audiência de ontem, à tarde, foram ouvidos o réu, que nega a acusação, e diversos declarantes.

OS LARÁPIOS NÃO PARAM

Dois gravadores e três rádios, no valor de vinte contos, foi tudo quanto interessou aos assaltantes que, esta madrugada e por escalamamento, se introduziram num estabelecimento de electrodomésticos da Rua Oliveira Martins, 31-C.

No mesmo período e por arrombamento, os gatuos estiveram numa residência da Praceta Domingos Rodrigues, furtando doze contos do interior de um cofre-mealheiro e ainda numa tabacaria da Avenida Almirante Reis, de onde levaram dez isqueiros Ronson e material escolar, tudo num total de quinze contos.

A Polícia Judiciária compareceu nos locais e procede agora às necessárias investigações.

ESPALHADO TEVE AZAR

Talvez porque vivemos numa época em que o pronto-a-vestir constitui a solução de emergência para a falta de tempo e de alfaiate, o covilhense Espalhado arranjara um processo funcional para se reabastecer de vestuário sem gastar dinheiro.

O sistema era simples: aproveitando a ausência dos locatários, apoderava-se das peças de que se encontravam a enxugar nos estendais das varandas e dos quintais. Mas como usou e abusou do estratagemma, Espalhado acabou mesmo por espalhar-se.

O percalço aconteceu-lhe, ontem à tarde, num quintal do Largo de S. Bento, pois quando se apressava para lançar a mão a quatro calças e duas camisas surgiu em cena o seu proprietário que o conduziu à força para a esquadra mais próxima.

TV

DIÁLOGOS

UM POUCO DE INTELIGÊNCIA — EIS O OVO DE «COLUMBO»



Por MARIO CASTRIM

I
Não era a qualidade técnica aquilo que mais se censurara nas séries americanas. Ao contrário. No crime que as séries são, a qualidade técnica está acima de toda a suspeita. Se de alguma coisa podemos acusá-la é de cumplicidade: na maioria dos casos, serve de suporte a manipulações de toda a ordem, ao serviço da ordem ianque, à maneira americana de encarar a vida. Dou por mim, às vezes, em séries imbecis como as da hora do almoço, esquecido do que se diz ou do que acontece, preso da segurança, da agilidade das câmaras capazes de autênticas acrobacias na habilidade de captar as aldrabices para dentro de um pequeno televisor. E nessa admiração vai uma enorme dose de figas contra a tecnocracia ao serviço da idiotocracia.

II

A qualidade técnica, no entanto, não é suficiente água benta. A partir de certa altura, deitamo-la pelos olhos, aborrecemo-la mortalmente como à companhia frequente de uma pessoa bonita — mas estúpida. Assim aconteceu, mas não ir mais longe com o *Longstreet* e com o *McLoud*. As histórias eram tão descaradamente fabricadas, tão feitas de propósito para nos transformarem em pastéis de massa tenra que, a breve trecho a roupagem de televisão caía e, caindo ela, nada mais justificava a sua presença. A chatice invadia as noites. Nunca nenhum objecto, desde que o homem fabrica objectos (ou seja, desde o princípio) terá ouvido tantos palavrões como o televisor. Afinal, coitado, sem nenhuma culpa.

III

A série ontem iniciada apresenta muitos pontos de avanço, sobre as suas colegas anteriores. Digamos logo em primeiro lugar a atenção que

dispensa ao telespectador minimamente inteligente: estamos diante de um caso policial e o seu desfecho vai processar-se não já dentro dos moldes rígidos dos cordelinhos e das receitas. Não se fugiu a isso em absoluto — e já agora não sei se será possível fugir-lhe em determinado tipo para consumo. Repare-se que a «situação estereotipada» (é isso que pretendo sublinhar) não ofendeu gravemente a primeira história de *Columbo*.

Columbo marcou tentos logo com esta jogada.

IV

Estamos diante de uma história policial que, verdade seja dita, nos não convida ao espectáculo de uma consciência, à boa maneira de «Crime e Castigo». E também, com mil diabos, não se deve exigir tanto às séries americanas.

Por outro lado, não se trata da exposição, mais ou menos prolixa e sofisticada, de um problema posto à nossa capacidade de dedução. Sou mau leitor desse género de romances. Aguento as primeiras vinte páginas e acabo por ler as últimas cinco para me enraivecer com a genialidade aparatosa do detective.

Na primeira história de «Columbo» o principal interesse para o telespectador consiste em adivinhar de que truque se vai servir o detective para apagar o criminoso. Quer dizer: a história convida-nos a uma identificação com o herói, representante da lei e da ordem.

Ainda aqui não estamos nos domínios de uma séria meditação sobre o papel do crime, sobre a sua natureza e inevitabilidade, numa sociedade determinada, numa determinada obra. Aponta-se que, no mundo das séries de que se alimenta, em grande parte a televisão, *Columbo* é aquela que melhor sabe contar uma história. Oxalá eu não venha a arrependê-me deste elogio.

V

Fugimos, por outro lado, às situações do falso maravilhoso, do insólito que reinventa o *era uma vez...* dos meninos pequenos. Não é o cego de sexto (ou mesmo sétimo) sentido. Não é um xerife aventureiro a caçar criminosos a laço nas ruas de Nova Iorque. Os grandes indícios são os pequenos indícios, a banalidade dos objectos que nos cercam. O próprio herói é um homem simples, sem a costela divina de um Poirot, de um Sherlock, de uma «miss» Marple. Os seus processos são os de qualquer caçador: corre atrás da caça até a encerrar no melhor ângulo de tiro. Não é um adivinho faz-tudo: é um detective que acredita em duas coisas: no fluir dos acontecimentos e na sua possibilidade de lhe dar uma ajuda.

A sua modéstia, o seu ar de «homem comum» conferem-lhe uma concordância com a natureza da imagem televisiva que, até hoje, não nos recorda de ter visto em série americana. O herói de televisão não pode ser um valentão pum-pum. Por isso, o «Santo» cansou. A sua «santidade» ficou intragável.

VI

Não se ignoram os perigos das fitas policiais. Mesmo quando as não possamos responsabilizar pela existência do crime, podemos contudo acreditar que poderão contribuir para a sua cultura sendo dadas determinadas circunstâncias. Certamente que depois de assistir à primeira história de *Columbo*, nem todos os maridos malavindos com suas amantíssimas esposas vão a correr apertar-lhes a gorja. Haverá, no entanto, razões para acreditar na sua acção maléfica em presença de espíritos fracos ou em ambientes já predispostos para determinados tipos de violência. Não importa

que o mal seja castigado e que o criminoso não fique impune. O paciente arquitectar do crime alimenta a imaginação, como que incita à procura de processos requintados. A crítica exerce-se em relação ao criminoso: *Parvo! Não devias ter feito isso. Vai-te custar caro...* Com a agravante de estarmos perante um caso típico de crítica construtiva.

Por outro lado, determinadas cenas vêm carregadas de uma tal emoção, de uma tal intensidade que a sua força rebenta os quadros lógicos da condenação moral aprendida nos convívios e preconceitos sociais. Se um espectador fecha os olhos é para ver a cena do estrangulamento. Horrificado? Talvez. Mas manipulado para a memória. E os gestos têm a tendência para adquirir o ritmo da memória.

É contra isto que devemos estar em guarda. Nós todos, incluindo os responsáveis da televisão.

DESPORTO AMADOR ... E O MUITO QUE FICOU POR DIZER

Para falar do desporto amador estiveram a conversar com Artur Agostinho, em «Momento Desportivo» os dirigentes do Benfica e do Sporting Jorge Rais e José Duro respectivamente.

A conversa não teria grande importância se atendermos ao volume das informações fornecidas. Serviu no entanto para colocar em evidência a grande amplitude da expressão «desporto amador». Ou melhor: «desporto amador em Portugal».

Devem estar lembrados a propósito dos Jogos Olímpicos, de um pândego que veio cantar loas ao facho olímpico aceso, entre nós, em toda a sua pureza. A acreditar-se nisso, talvez concluíssemos que o facho é mais isento em Portugal por ser alimentado, não a gasóleo, mas a azeite puríssimo de oliveira, como a sardinha em conserva.

Afinal, verifica-se que em Portugal, como lá fora, os amadores recebem bolsas de estudo, verbas para indemnização de despesas de transporte, compensações por salários perdidos, subsídio para alimentação, etc. Simplesmente, dada a diferença de nível de vida e as exigências de preparação, os amadores lá de fora recebem mais.

Como não podia deixar de ser, o basquetebol veio à baila e, nesse âmbito, o problema dos jogadores americanos. Amadores também? Sim, amadores, por que não? Se não fossem amadores, não podiam jogar aqui. É lógico. Mas que

estão a fazer os americanos? Bem... Estão a aprender o português. O do Benfica, por exemplo, veio com essa finalidade. E Artur Agostinho, com uma carinhosa expressão intencional...

— E já fala, já?...

Claro que esses jogadores recebem mais do que os outros em subsídios de alojamento, de transporte, de alimentação.

— Esses «comem» muito mais... — comentou Artur Agostinho.

Artur Agostinho: uma raposa. O que ele sabe só tem igual naquilo que ele cala. Grande golpe seria uma entrevista de Artur Agostinho feita por Artur Agostinho. Não acredito que o faça alguma vez. Porquê? É uma raposa. No entanto, quem estiver com atenção, descobrirá nas suas perguntas sinais para algumas respostas.

Talvez não devesse permitir que o representante do Sporting derivasse a conversa para a questão da arbitragem. Mas a verdade é que a emissão estava no fim, não custava nada ser simpático...

PROBLEMAS DA GRAVIDEZ

COIMBRA, 6 — Consoante o programa estabelecido, decorreu na Obra de Assistência Materno-Infantil Dr. Bissau Barreto, do Centro Hospitalar de Coimbra uma reunião do corpo clínico para apreciar os trabalhos apresentados pelos componentes da reunião de mesa redonda, subordinada ao tema «Nefropatias e Gravidez».

Estiveram presentes, além dos médicos do Centro Hospitalar, outros dos Hospitais da Universidade da Clínica Dr. Daniel de Matos e do Hospital de Santo António, do Porto; e foram discutidos não só os problemas tratados pelos componentes da mesa, mas também outros com esses ligados.

Hoje, às 21,30, haverá nova sessão, durante a qual, o dr. Amaral Gomes, director do Serviço de Neuro-cirurgia falará sobre «Síndrome da hipertensão craniana».

A entrada é livre para todos

os médicos, estagiários e alunos do sexto ano da Faculdade de Medicina.

FESTIVAL DE CINEMA

UAGADUGU — O Quarto Festival Pan-africano de Uagadugu (Fespaco) acaba de ser aberto pelo general Lamizana, chefe de Estado do Alto Volta, na presença de vedetas e realizadores africanos, vindos da Argélia, Guiné, Tunísia, Egipto, Costa do Marfim, Congo, Madagascar e Europa.

Dirigindo-se aos cineastas, o presidente do Fespaco dr. Diagne Mallet, apelou para «A independência do cinema africano». «Desejo — frisou — que as obras africanas sejam mais conhecidas dos nossos povos e cada vez mais programadas nas nossas salas, em substituição de alguns filmes de monopólio, que nada nos dizem para além do aumento da perversão e da criminalidade».

VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos:

TEATRO Tel. 32 60 17

VARIEDADES

27.ª SEMANA
Grupo C M/ 14 anos

HOJE — 2 SESSÕES
com JOSÉ VIANA
no protagonista

SUA EXCELENÇA O VENDEDOR

com DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Maria Otília, Vitor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, Artur Semedo, Ana Le Matre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA

Segundas e quartas-feiras, às 21.45 horas; quintas, sextas e sábados, 2 sessões, às 20.45 e 23 horas; domingos, às 16 e 21.45
3.ª feiras: descanso

HOJE

2 SESSÕES — 20.45 e 23 horas
TELEF. 55 51 33

MULHERES E COMIGO!

com AIDA BAPTISTA
MARGARIDA MAUPERRIN
LINDA SILVA
CRISTINA CASSOLA
VITÓRIA MARIA

THE RED ROSE BALLET

Amanhã: 2 sessões
às 20.45 e 23 horas

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

7.ª SEMANA
Grupo D M/ 18 anos

Uma comédia inglesa com FLORENÇA QUEIROZ

Sexo, nunca! somos britânicos...

No elenco IRENE ISIDRO
Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariana, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia OCTAVIO DE MATOS

Encenação de Maria Helena Matos

2.ª, 3.ª e 5.ª — às 21.45 h.
4.ª, 6.ª, 7.ª, 8.ª, 9.ª, 10.ª, 11.ª, 12.ª, 13.ª, 14.ª, 15.ª, 16.ª, 17.ª, 18.ª, 19.ª, 20.ª, 21.ª, 22.ª, 23.ª, 24.ª, 25.ª, 26.ª, 27.ª, 28.ª, 29.ª, 30.ª, 31.ª, 32.ª, 33.ª, 34.ª, 35.ª, 36.ª, 37.ª, 38.ª, 39.ª, 40.ª, 41.ª, 42.ª, 43.ª, 44.ª, 45.ª, 46.ª, 47.ª, 48.ª, 49.ª, 50.ª, 51.ª, 52.ª, 53.ª, 54.ª, 55.ª, 56.ª, 57.ª, 58.ª, 59.ª, 60.ª, 61.ª, 62.ª, 63.ª, 64.ª, 65.ª, 66.ª, 67.ª, 68.ª, 69.ª, 70.ª, 71.ª, 72.ª, 73.ª, 74.ª, 75.ª, 76.ª, 77.ª, 78.ª, 79.ª, 80.ª, 81.ª, 82.ª, 83.ª, 84.ª, 85.ª, 86.ª, 87.ª, 88.ª, 89.ª, 90.ª, 91.ª, 92.ª, 93.ª, 94.ª, 95.ª, 96.ª, 97.ª, 98.ª, 99.ª, 100.ª
DOMINGOS — «Matinées» 16 h.

TÁXIS - AÉREOS

deslocação rápida

para quem o tempo representa dinheiro ou vida!

De dia ou de noite, se a resolução dos seus problemas de deslocação estiver dependente da distância ou do tempo para a percorrer, contacte imediatamente conosco, pois logo será posto um avião às suas ordens durante o tempo que desejar.

FRETAMENTOS servindo 28 localidades de Norte a Sul do País e ainda várias cidades da Europa Ocidental e Marrocos.

AVIÕES-AMBULÂNCIA

BASES em LISBOA e FARO.

Consulte o seu Agente de Viagens, os escritórios da TAP ou os TAC — Telef.: em Lisboa, 716102/729181 em Faro, 23538.

TAC

TRANSPORTES AÉREOS CONTINENTAIS

DL/ESPECTACULOS

Michel Tabachnik dirige o próximo concerto da Gulbenkian

O jovem maestro suíço Michel Tabachnik vai apresentar-se pela primeira vez em Lisboa, dirigindo o concerto que a Orquestra Gulbenkian realiza no Grande Auditório da Fundação, amanhã dia 7, às 18 e 30.

Tendo trabalhado com Pierre Boulez em Basileia e Darmstadt, Michel Tabachnik rapidamente adquiriu nomeada no domínio especializado da música contemporânea, em que é hoje considerado um intérprete particularmente autorizado. Reveste-se, por isso, de redobrado interesse o facto de Tabachnik ter incluído no programa deste seu primeiro concerto em Portugal uma obra, em estreia absoluta, do nosso

compatriota Emanuel Nunes. Encomendada pela Fundação Gulbenkian, esta obra intitulada-se *Dawn Woe*, e é escrita para 13 instrumentos de sopro. O grande êxito obtido por Emanuel Nunes, há dois anos, com outra obra estréada pela Orquestra Gulbenkian (*Pur-lieu*) justifica o grande interesse com que agora é aguardada esta primeira audição.

Neste concerto colabora também, como solista, a notável violinista norte-americana Sonya Monosoff, que interpretará o *Concerto em mi maior* de J.S. Bach.

No programa figuram ainda o *Concerto Grosso* op. 6, n.º 3, de Corelli e a *Sinfonia* n.º 36 (*Linz*) de Mozart.

Canção em Festival



Tonicha

Decorrem regularmente os trabalhos de preparação do X Grande Prémio TV da Canção Portuguesa. Informam-nos entretanto, que Tonicha tem trabalhado quase diariamente com José Calvário.

MADRID — A canção «Eres tu», com letra e música de Juan Carlos Calderon, foi escolhida pela televisão espanhola para representar a Espanha no Festival da Eurovisão, que se realiza no Luxemburgo a sete de Abril. Interpreta a canção o conjunto «Mocedades».

De acordo com o regulamento do Eurofestival, a canção não será divulgada até cinco de Março, dia em que será apresentada pela Televisão Espanhola.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Ramos e Reis Tab., «A Cultural», Rua do Comércio, 88 — OLHÃO

Teatro romeno em França

PARIS — O grupo de teatro de Ion Creanga, de Bucareste, que é a Companhia Nacional Romena, apresenta-se pela primeira vez na França, no Carré Thorigny, com um espectáculo popular de danças, cantos e histórias cómicas, intitulado «Jogos de Máscaras», con-

tando de uma forma humorística as aventuras de Pacala, herói picaresco romeno que pode ser comparado a Scapin, a Till Eulenspiegel ou a Arlequin. Cada máscara representa um vício e Pacala combate-os a todos. O espectáculo será apresentado até 18 de Fevereiro.

CRÍTICA DE CINEMA

Lauro António

“Cowboys” de feira

TÍTULO: OS CENTAUROS (THE JONKERS)
REALIZAÇÃO: Steve Ihnat, 1972 (EUA)
INTERPRETES: James Coburn, Lois Nettleton, Slim Pickens, Anne Archer, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Rank Filmes
ESTREIA: Cinema S. Jorge (1-2-1973)

TÍTULO: ENTRE A LOUCURA E A MORTE (THE TRAIL OF THE SCORPIO)
REALIZAÇÃO: Sergio Martino, 1972 (Itália)
INTERPRETES: George Hilton, Anita Strindberg, Alberto de Mendonça, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Internacional Filmes
ESTREIA: Cinema Politeama (2-2-1973)

James Coburn estreia em Lisboa simultaneamente duas películas protagonizadas por si. Depois de *Um caso de Emergência*, de Blake Edwards, eis *Os Centauros*, de um novo americano: Steve Ihnat. Outro filme interessante, ainda que ligeiramente falhado, tanto nos propósitos (desmontagem de um mito), como na desenvoltura narrativa. Mas, se alguns reparos se podem (e devem) fazer a *The Jonkers*, não é menos verdade que o filme reflecte uma certa visão desencantada da América de hoje, onde ainda é possível encontrar uma lucidez e até um pouco de coragem.

Na tradição de um cinema

americano aberto aos grandes espaços, *The Jonkers* fala-nos dos «cowboys» da década de 70, «cowboys» de «redeos», «cowboys» de feira, que, de cidade em cidade, vivem oferecendo o seu número de destreza e coragem, ganhando o seu á custa do físico que hipotecam ao espectáculo. Eles são, para o público que os vai ver, «heróis» de ocasião, figuras mitológicas de um passado ainda recente e já encerrado entre os limites de um estádio. São os gladiadores da jovem América, que aplaude a violência do jogo, a aposta da valentia, a opção da coragem. De «rodeo» em «rodeo», percorrem solitários os Estados. Deslocam-se pelas estradas em frágeis carrapanas, apenas resguardados da solidão e do desespero pelos fugazes sonhos de momento. Acreditam que é sua a liberdade, que é seu o seu destino. Desconhecem as forças ocultas que os movem. As razões que a sua razão ignora. Súbito, a revelação: *The Jonkers* pretende desmistificar o «herói» quotidiano de uma América que não suporta viver sem os «cowboys» da gesta. De repente um pequeno nada, um acontecimento ocasional põe a descoberto a engrenagem viciada. Quem são estes «cowboys» de feira que vendem emoções? Homens cruéis e egoístas, aventureiros românticos, frustrados e solitários, que se disputam como objectos eróticos, que se compram e se destroem. Mas, peças de engrenagem, eles são, simultaneamente, vítimas e carrascos. Destruídos, destroem. Corrompidos, corrompem. Magoados, magoam. Heróis efémeros, retribuem a efemeridade da glória com o egoísmo e o desespero de quem se joga num acto gratuito. Este o lado mais sugestivo de «Os Centauros», a que, aliás, a forte personalidade de James Coburn ao mesmo tempo serve e desserve. De que

maneira? Pois permitindo todas as nuances possíveis a esta figura aparentemente atraente e fulgurante, mas contrastada, perigosa, carregada de um vigor e de uma destreza que é, a um tempo aliciante e ameaçadora.

Acontece, porém, que a desmontagem do mito, pela presença do próprio actor (que não sabe — ou não pode — fugir à entronização da própria personagem) acaba por funcionar, no final de forma um tanto ambígua. Na verdade, os contornos de Coburn (afastando-se derrotado e destruído, da cidade onde fora procurar reatar a vida) são, simultaneamente, os limites de uma silhueta de destreza, mas também correm o perigo do fascínio de uma figura romantizada.

De qualquer forma, *Os Centauros* reflecte uma parcela importante da sociedade americana, da sua crise de confiança, da sua actual má consciência. Algumas fragilidades, do estilo impreciso e de ritmo na narrativa, não obrigam contudo a desprezar a estreia (ao que se julga) de um novo cineasta. Steve Ihnat parece-nos um realizador a ter em conta.

Finalizando, uma referência breve a *Entre a Loucura e a Morte*, filme italiano de Sergio Martino. Depois de terem assassinado o western, os italianos prepararam-se, alegremente, para passarem a certidão de óbito de outros géneros que possuem uma tradição americana prestigiosa. *Entre a Loucura e a Morte*, como muitos outros exemplos recentes, mostram-nos os estúdios italianos a tentarem reeditar o «policial» (aqui mesclado com algumas gotas de «terror psicológico» de raiz americana ou francesa. Acabam por nada mais lucrar do que maus filmes. Realmente, os estúdios italianos podem gabar-se de possuir hoje em dia a mais estúpida e desinteressante produção em série. Um desastre.



UMA PRODUÇÃO MUSICORDE
Pavilhão de Desportos de Cascais
FEVEREIRO

24 às 21.30 H. — 25 às 17.00 H.
BILHETES A VENDA

LISBOA:

Discoteca VALENTIM DE CARVALHO, C. I.

Rua Nova do Almada, 95

Discoteca SINFONIA

Av. Roma, 44-A

Discoteca MELODIA

Rua do Carmo, 23

Discoteca ROMA

Av. de Roma, 20-C

Discoteca APOLO 70

Av. Júlio Diniz, 10

Discoteca COMPASSO

Rua Saraiva de Carvalho, 268

Discoteca PHILIPS

Av. Duarte Pacheco, 6

Livraria ULMEIRO

Av. do Uruguai

AGENCIA A. B. E. P.

Restauradores

AGENCIA CONVES

Av. Fontes Pereira de Melo, 45

CASCAIS:

Discoteca AI-FAI

Av. Frederico Ulrich, 7

Restaurante OK

Junto ao Pavilhão

ALMADA:

ALMALAR, LDA.

Rua Luís Queirós, 5-C

PORTO:

Revista MUNDO DA CANÇÃO

Rua Passos Manuel, 134-1.º

(com transporte assegurado)

PELO CORREIO:

MUSICORDE

Rua Coelho da Rocha, 69-P 1

LISBOA

Artistas contratados por intermédio de INTERARTES

AGENCIA ARTÍSTICA E DE REPRESENTAÇÕES, LIMITADA

ESTES ESPECTACULOS NÃO SÃO TELEVISIONADOS

BILHETES A VENDA

(GRUPO B — M/ 10 ANOS)

CRIMINOSO É, TAMBÉM, O QUE AJUDA A CONSTRUIR O MUNDO DA CORRUPÇÃO...



ELE PERSEGUIU, ACUSOU, INTERROGOU, PRENDEU. MAS SEMPRE...

EM NOME DO POVO ITALIANO

VITTORIO GASSMAN ★ UGO TOGNAZZI

Realização Dino Risi — Grupo D (18 anos)

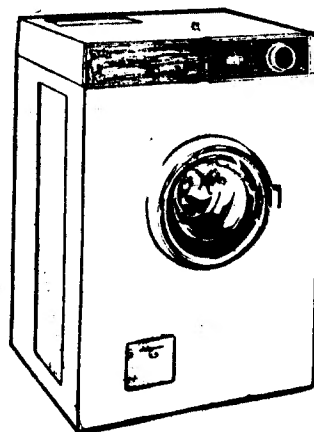
Technicolor — Um exclusivo RIVUS

EM COMPLEMENTO: o documentário a cores «AS FLORES NÃO NASCEM NO ASFALTO», realização de Augusto Santos e produção de Telocine-Moro

HOJE ESTREIA
AS 21,30 HORAS

MONUMENTAL

4990\$00



A PRONTO OU EM
24 PAGAMENTOS
MENSAIS

M. L. FERREIRA

Rua de D. Estefânia, 48-A

CASA DA
COMÉDIA
R. S. Francisco
Borja (às Janelas
Verdes)

Hoje e todos os
dias, às 22 horas
Sábados e d-mingos,
matinais às 14 horas

Últimos Dias

Só até ao dia 7

«ALICE NOS JARDINS
DO LUXEMBURGO»
de Romain Weingarten,
com Carmen Dolores,
Ana de Sá e Augusto
Figueiredo

Direcção de
Jorge Listopad
Marc. Telef. 677299
Maiores 14 anos
Sub. Fundo Teatro

AGUARDENTE VELHA
Niepoort
a prova está na prova

DL / ESPECTÁCULOS

Espectáculo em várias frentes

MONTREAL — Marco Paulo, Helena Tavares, Carlos Coelho, Anilda Pinto, Maria Eva, Orlando Fernandes e Natalina José, além do acordeonista Vítor José — tal o elenco que em Montreal, no parque Lafontaine, apresentou a revista «É De Gritos». Segundo o semanário «Voz de Portugal», publicado nesta cidade, os artistas portugueses obtiveram um grande êxito com a representação.

Também em Montreal, no salão paroquial da Igreja Notre Dame de La Salette, apresentaram-se com grande êxito os artistas portugueses Anita Guerreiro, fadista, Pepe Cardinali, ilusionista, a parelha de palhaços Emiliano e Vavá e o acordeonista José Pisco.

TÓQUIO — O Japão forneceu à Inglaterra no ano passado 156 000 televisores a cores, quase quadruplicando as suas vendas destes aparelhos àquele país em 1971, — anuncia a indústria electrónica japonesa.

MADRID — A alta comédia de José António Arnau «Morió Hace Quince años», prémio Lope de Vega, que foi objecto de uma versão filmada para a televisão, vai ser reposta em cena, em Madrid.

"Os Verdes Anos" no S. Luiz

No Teatro Municipal de S. Luiz, amanhã pelas 18 horas, será exibido, o filme «Os Verdes Anos» de Paulo Rocha, na sequência de um ciclo dedicado ao novo cinema português.

As inscrições para sócios continuam abertas a todos os estudantes na sede do Círculo de Cinema, na Av. da República, 84-6.º, ou à entrada das sessões.

3

**PRODUTOS
DE ALTA
QUALIDADE**

Arroz «TREVO»
Arroz «MOÇAMBIQUE»
Especiarias «TREVO»

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PÚBLICO

CAMISAS

POR MEDIDA

O seu género a seu gosto
Hirondelle

R. Pedro Nunes, 39
(Ao - SALDANHA)

"Isadora" no Império

«Isadora», a obra-prima de Karel Reisz interpretada por Vanessa Redgrave, é o filme

que o Império exhibe na sessão clássica de amanhã. A sessão, como habitualmente, terá início às 18 e 30.

LOURDES NORBERTO NO TEC ATÉ DIA 9

Lourdes Norberto, segundo nos informa Carlos Avilez, continua integrada no elenco da

peça «As Criadas», de Jean Genet, até à próxima sexta-feira, só depois cedendo o lugar

a Graça Lobo. Portando, até ao dia 9 «As Criadas» continuam em cena com o seu elenco inicial.



**ARRUME
ESTES
PROBLEMAS...
CONSULTE-NOS**



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

DL/NACIONAL

CRÍTICA DE TEATRO

REVISTA PARA INGLÊS VER

«MULHERES E COMIGO», de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha. Música de João Nobre e João Vasconcelos. Coreografia de António Bárdis. Realização plástica e figurinos de Juan Soutullo. Colaboração de Fernando Bento e Rui e Hernâni Martins. S/ indicação de encenador. Assistente: Alberto Vilar. Direcção musical: João Vasconcelos. Interpretes: Camilo de Oliveira, Aida Baptista, Margarida Mauperrin, Linda Silva, Cristina Cassola, Vitória Maria, Nina Flores, Fernanda Pinto, Lia Sena, Adelaide Susana, Mally, Méliia, Lila Oliveira, Lia Sara, Fátima Veloso, Diana Glenn, Sandra de Spusa, Clara Marlène, Zinda Pires, Julieta Maria, Lita Azevedo, Lurdes Pinto, Clara Maria, Luiza Lima, Fati Tavares, Paulo Belmondo, Marina. The Red Rose Ballet. Produção de Vasco Morgado. Teatro Monumental. 4/2/73.

No programa distribuído na estreia deste novo espectáculo de Vasco Morgado, os títulos dos respectivos quadros são seguidos das traduções em francês e inglês. Primeiro ponto: o empresário estava com o olho no turista.

O espectáculo do Monumental é bom de ver e mau (às vezes péssimo, quase nunca assim-assim) de ouvir. O principal elemento de «Mulheres e Comigo» é o plástico. Soutullo tentou mesmo ir para uma certa renovação

do enquadramento plástico do espectáculo tornando mais confrangedor outros dos seus aspectos: refiro-me já, e de uma vez por todas, à música que se inscreve na tradição mais medíocre (e pires) da produção do género vira o disco e toca o mesmo. O texto — com certa surpresa minha pois esta parceria escreveu «Saldas da Casa» — ou é de um pretensiosismo insuportável ou de uma falta de humor afiliva (uma característica não exclui a outra). Partindo de uma base errada — supor que Camilo de Oliveira poderia servir de suporte a um espectáculo — «Mulheres e Comigo» peca também pela desarticulação dos seus quadros pois parece não ter havido uma orientação suficientemente meditada no campo da «mise-en-scène». No programa, informa-se que César de Oliveira delineou a encenação e a direcção do espectáculo: quem te escreveu que te entenda!

Os números de dança parecem demasiado desgarrados e sem interesse que justifique a sua autonomia. Embora, sob esse aspecto, a revista tenha evoluído, a coreografia não consegue superar um nível-marcado por notável falta de imaginação. Observe-se, sobretudo, um grande desfasamento entre certas ideias, a sua concepção plástica, até a sua interpretação (é o caso em especial de Aida Baptista, Margarida Mauperrin, Cristina Cassola e, por vezes, Ca-

milo) e a realidade textual o que prejudica grandemente a capacidade de comunicação do espectáculo.

Além disso, o texto tal como o ouvimos, aparece, quase sempre, destruído por uma ambiguidade pelo menos discutível. E o caso de «Opera das Palavras», quando bem concebido, estupidamente vestido, e muito bem interpretado por Margarida Mauperrin; é o caso de «Senhora das Alviças», inspirado em Brecht (!), não percebi se com música de Kurt Weill, com uma pitada de Shakespeare (Ricardo III). Aida surge num carro puxado por quatro «bestas» (referência óbvia aos cavaleiros do apocalipse) e fala de uma criança e do futuro que a espera. No final, há uma crítica subtil e que passa despercebida. Prevendo que o rapaz virá a ser general ou poeta, banqueiro ou bancário, etc., Aida descobre com grande mágoa que, afinal, a criança não virá a ser nada disso, porque é uma menina, o que me parece uma alusão ao estatuto da mulher como ser marginal. A intérprete tem alguma dificuldade em dominar um texto pretensioso, «difícil», que não cola, nem pouco mais ou menos, com o tom da revista. A má iluminação deste número não me permitiu uma visão clara dos figurinos e máscaras que me parecem sensacionais. Outro número difícil, muito bem interpretado por Margarida Mauperrin, «Amanhã já não há Amanhã de Manhã» (pelo título, imagina-se), prosa literária sobre o fim do mundo onde se topam, aqui e ali, algumas pistas críticas curiosas.

Sob o ponto de vista de texto e de interpretação, o número de Aida «Conferencista» é uma demonstração de carga crítica (embora elementar) e de virtuosismo da actriz. Antes deste número, Cristina Cassola — Ana das Leis — revela qualidades, colocação de voz, capacidade de comunicação física — que mereciam melhor sorte ao longo da revista.

CARLOS PORTO

Camilo e Aida têm um número de comédia bem achado sobre a inflação; aquilo a que poderemos chamar um antijantar — Camilo vai recusando o que Aida lhe oferece à medida que vai sabendo os respectivos preços. Referência para um número «kitsch» — sob o ponto de vista plástico uma grosseria corajosa — «Papel Higiénico» (com Aida).

Camilo tem uma boa composição em Santo António, número em que se faz uma crítica a certos hábitos lisboetas. Camilo apareceu mais sóbrio, procurando uma depuração dos seus péssimos processos de representação. A voz mantém-se, contudo, a necessitar de um tratamento que permita uma alteração de tonalidades que me parece indispensável.

Margarida Mauperrin surgiu com perfeito à vontade, revelando, sem espanto para mim, uma grande capacidade de comunicação com o público. Os textos, como já vimos, não a ajudaram: mais uma razão para distinguirmos o seu trabalho. Do mesmo mal se queixará Aida Baptista que aqui não pôde explorar todas as suas enormes possibilidades. Uma palavra para Fátima Veloso que me pareceu elemento a aproveitar. Já me referi ao trabalho de Soutullo — lamento que esse trabalho tenha sido em parte atraído pela falta de alguns promotores.

Por vezes, surgiam, despropositadamente, elementos das estruturas do cenário ou do palco, o que prejudicava a composição dos quadros.

A contribuição de Fernando Bento bastante débil. O quadro final, dos irmãos Martins, bonito mas de um novo-riquismo que não me parece constituir o melhor caminho para uma renovação da revista com espectáculo popular (o que é fundamental).

A atracção nacional (sic) Vitória Maria: sentido de palco e voz de microfone de acordo com as tradições do nacional-cançonetismo. Um passo atrás.

Entim, esperemos a próxima!

Impugnadas as eleições do Sindicato dos Caixeiros

Como anunciamos, o Instituto Nacional de Trabalho e Previdência impugnou as eleições dos corpos directivos das Secções Profissionais do Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa, efectuadas no passado dia 26 de Janeiro.

Na acção de impugnação apresentada no Tribunal de Trabalho de Lisboa, o INTP refere que a prova documental apresentada em relação a nove candidatos às comissões directivas não satisfaz os requisitos exigidos na lei, dado que a documentação apresentada pela Comissão de Verificação das Condições de Elegibilidade, formada no Sindicato, «não faz prova de que os candidatos não estejam abrangidos por alguma das incapacidades que privam da qualidade de cidadão eleitor (alínea a) do n.º 1 do art.º 2.º do Decreto 51/72), pois referem-se apenas ao gozo de direitos civis, à não falência ou insolvência dos candidatos e à posse de facilidades físicas e mentais dos mesmos. «Tal prova é, todavia, exigida expressamente pelo n.º 7 do art.º 3.º do mesmo diploma.»

Por outro lado, e em relação à Comissão de Verificação única — constituída por três associados do Sindicato — as condições de elegibilidade dos candidatos a cada uma das Secções Profissionais (Armazém, Praça e Viajantes, e Balcão), o INTP considera que «A Comissão de Verificação que tomou a decisão que ora se impugna carece de legitimidade para o efeito» pois que: «Resulta da conjugação do n.º 1 do art.º 17.º com o n.º 1 do art.º 3.º do Decreto 51/72, que em relação a cada secção profissional ou de actividade, para efeito de eleições, deverá ser constituída uma comissão de verificação autónoma, a designar pela respectiva mesa da assembleia geral ou entidade que suas vezes fizer.»

Segundo a notificação entregue ao Sindicato dos Caixeiros pelo Tribunal de Trabalho, o organismo poderá contestar a acção até ao dia nove do corrente, sob pena de ser condenado ao pedido feito pelo INTP. Para acordar na decisão a tomar o Sindicato promove no próximo dia 7, na Voz do Operário, uma reunião geral de sócios. Entretanto, fica suspensa a tomada de posse dos candidatos eleitos, mantendo-se em exercício as comissões directivas anteriores.

Entretanto, e reportando-se directamente ao tema objecto da impugnação, o Sindicato dos Caixeiros dirigira em 20 de Outubro último um ofício ao INTP em que afirmava a dado momento:

«Tendo procedido a um estudo pormenorizado do referido Decreto conjugado com o estabelecido nos nossos estatutos surgem-nos diversas dúvidas de interpretação, para o que solicitamos um parecer desse organismo. Dado porém termos de marcar as datas das eleições e

atendendo à rapidez de prazos a observar, agradecemos que os esclarecimentos ora solicitados, nos sejam comunicados tão breve quanto possível, e o mais tardar até ao fim do corrente mês.

«Assim pedimos parecer sobre o seguinte:

«De acordo com os nossos estatutos há quatro mesas electorais para Secções e para Direcção, isto é uma mesa para cada uma das três Secções (Balcão, Armazém e Praça e Viajantes) e a mesa da Assembleia Geral (Colégio Eleitoral).

«a) Queremos saber se cada uma das mesas da Assembleia Geral das Secções deve designar a Comissão de Verificação ou se tal designação compete à mesa da Assembleia Geral (Colégio Eleitoral); ou se se pode interpretar do Decreto 51/72, que haverá apenas uma Comissão de Verificação que apreciará as condições de elegibilidade.

«E na hipótese de ter que haver quatro comissões:

b) Podem os mesmos sócios constituir as quatro comissões?

c) Ou terão as mesas de ser constituídas por sócios do sector respectivo?»

E, após expor outras dúvidas, o ofício do Sindicato terminava: «Este nosso pedido de parecer, filia-se no facto de não querermos que se verifiquem falhas no próximo acto eleitoral. Por outro lado parece-nos ser esse o organismo competente, para esclarecer as nossas dúvidas, uma vez que a legislação confere ao INTP poderes para reconhecer a legalidade destes actos.»

Não tendo recebido nunca qualquer resposta, o Sindicato procedeu às eleições da forma que lhe pareceu mais correcta à face da legislação vigente. Mal, segundo o INTP — o mesmo organismo que não esclareceu na devida altura as dúvidas que lhe foram postas.

Dado as eleições estarem marcadas para 26 de Janeiro, o sindicato entregou no dia 15 do mesmo mês — último dia do prazo legal —, no INTP, a documentação referente aos candidatos. Todavia incompleta em relação a nove dos candidatos, pois que faltava o certificado comprovativo de que não estavam abrangidos por nenhuma das incapacidades que privam da capacidade de cidadão eleitor.

Porém, os documentos tinham sido pedidos à Câmara Municipal de Almada (dois), 3.º e 4.º Bairro de Lisboa e à Câmara de Loures (todos em 17 de Novembro), Bairro Administrativo da Amadora (dois), em 20 de Novembro, Câmara de Oeiras (9 de Janeiro) e 1.º Bairro de Lisboa, em 4 de Janeiro. Destes documentos, apenas chegaram ao Sindicato em 23 de Janeiro (portanto, já fora do prazo de entrega no INTP) os dois pedidos ao Bairro Administrativo da Amadora. Quanto aos outros, não foram entregues até ao momento.

COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE

C E A L
S. A. R. L.

CAPITAL: 70 000 000\$00

Rua de D. Francisco Manuel de Melo, 23-A, 5.º, 6.º e 7.º
LISBOA - 1

Tendo-se procedido em 25 de Janeiro p. p. ao sorteio de obrigações desta Companhia de 5% 1959, foram extraídos os seguintes números:

OBRIGAÇÕES DE 5% -- 1959

33042	34098	34388	35422	36225
33061	34124	34445	35450	36230
33062	34129	34476	35462	36256
33118	34152	35010	35483	36283
33122	34154	35019	35497	36302
33124	34167	35033	36004	36327
33147	34178	35038	36009	36366
33190	34210	35084	36019	36383
33289	34223	35117	36023	36403
33306	34225	35122	36037	36413
33400	34277	35145	36041	36437
33421	34290	35179	36088	36440
33423	34314	35213	36097	36450
33424	34317	35218	36139	36461
33480	34321	35270	36143	36537
33495	34343	35292	36162	36539
34025	34345	35362	36168	36583
34069	34360	35370	36190	
34080	34377	35386	36201	

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Aliança Eléctrica do Sul, S. A. R. L.

Francisco Corrêa Figueira

EM ESPANHA

Prevê-se uma auto-estrada entre Madrid e Lisboa

Os caminhos de ferro e as estradas espanholas estão a ser preparadas a fim de que Portugal possa contar com elas para um maior intercâmbio com o país vizinho e mesmo com o resto da Europa, segundo notícia o jornal «ABC», de Madrid. O mesmo jornal informa que se encontra em estudo uma grande auto-estrada entre Lisboa e Madrid.

Diz aquele diário, que através das Obras Públicas espanholas se está a levar a cabo uma política de aproximação cada vez mais estreita, mediante a melhoria das comunicações terrestres. Existem hoje dez postos fronteiriços permanentes, dos quais os três mais importantes são: Badajoz, que absorve 30 por cento do tráfico; Tuy, que absorve 22 por cento e Ayamonte com 11 por cento. Os restantes situam-se em Verin, Fuentes de Oñoro, Valência de Alcántara, Rosal de la Frontera, Piedras Albas, Puentebarjas e Alcañices. Outros oito postos encontram-se em regime não permanente, provavelmente devido à escassez de trânsito.

Nas conversações de Madrid e Lisboa entre os ministros das Obras

Públicas de Espanha e Portugal, acordou-se que Espanha realizaria as obras precisas para construir três novos postos: os de Torregamones e Bemposta, na província de Zamora (obras que terminarão durante este ano) e o de Coria, em Cáceres, que se concluirá em 1974. O Governo Português encarregou-se de um projecto de uma nova ponte sobre o Guadiana, em Ayamonte - Vila Real de Santo António, estando igualmente previsto que a obra comece em meados de 74.

Os espanhóis dão especial relevância nas comunicações entre os dois países, à melhoria da estrada nacional V, Madrid-Badajoz, de 410 quilómetros, cujo custo final orça o milhão e 600 mil pesetas e que estará terminada igualmente durante o próximo ano, permitindo aos automobilistas altas velocidades médias. Foi aprovado também o traçado da «utopia do Atlântico», entre Ferrol e Tuy, de 335 quilómetros, que custará à volta dos 25 mil milhões de pesetas. A Espanha está interessada em conseguir dos portugueses a localização do ponto de enlace desta auto-estrada com a

projectada rede de auto-estradas lusitanas, de traçado ainda não fixado, que vão do Porto à fronteira. O ministro espanhol de Obras Públicas anunciou na capital portuguesa a inclusão, no plano nacional de auto-estradas espanholas, da que ligará Madrid - Lisboa. O seu traçado em território de Espanha encontra-se em estudo e atingirá apenas os 400 quilómetros desde a capital até à fronteira.

Quanto às ligações ferroviárias, que se realizam agora através de cinco conexões, chegou-se a este ponto optimista: para a conexão de Tuy, pediu-se a Portugal o projecto de reforço da ponte internacional

entre aquela cidade e Valência do Minho que viria facilitar enormemente o trânsito de comboios. Pelo posto de Vilar Formoso - Oñoro, circula 80 por cento do total do intercâmbio de mercadorias e os comboios especiais de trabalhadores portugueses vindos ou com destino ao resto da Europa. Nesta linha prevê-se a criação, para Junho deste ano, de rápidos com composições-camas, de eixos intercambiais Lisboa-Paris, com os quais se suprimirá o transbordo em Irun. Também se está a renovar em Valência de Alcántara todo o traçado entre a fronteira e Madrid, o que permitirá uma redução do horário dos expressos hispano-portugueses.

Plenário Criminal

Prevê-se que seja lida esta tarde a sentença do julgamento dos nove estudantes que perante o Plenário Criminal de Lisboa foram acusados de actividades subversivas, no âmbito da organização revolucio-

nária que publica os jornais «O Comunista» e «Cadernos de Luta Anti-Colonial». E este o terceiro processo que por acusação idêntica decorre no mesmo tribunal, durante este ano judicial.

A FALÊNCIA DA "GIALCO" Quatrocentos operários aguardam esclarecimentos

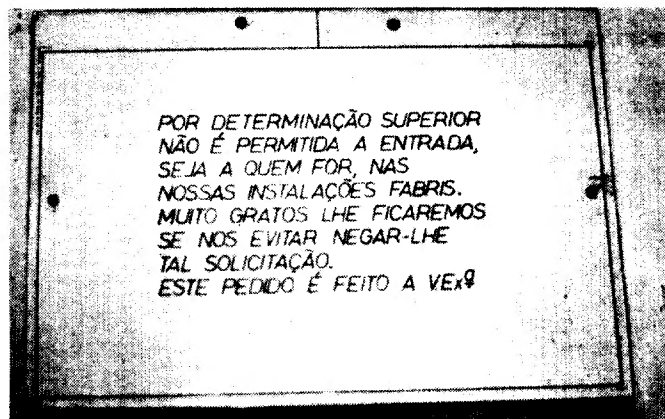
Em 20 de Dezembro, através da 2.ª Vara do Tribunal Cível da Comarca do Porto, foi decretada falência à «GIALCO» — Metalúrgia de Alumínio e Cobre, S.A.R.L.

Como é de calcular, a partir dessa altura gerou-se um clima de insegurança em cerca de 400 pessoas que ali trabalham e no número das quais se contam muitas mulheres e homens já com vários anos de casa e muitos deles analfabetos.

Antes de ter a actual denominação, a firma chamava-se «Construtora Portuguesa de Alumínios», fundada em 1957. Volvidos cinco anos tomou o seu actual nome prossequindo uma linha de laboração a que já se vinha dedicando, ou seja, a fabricação de louças em alumínio e cobre que a firma exportava em grande número para diversos países. Aliás, e segundo a própria gerência, a GIALCO é considerada a maior fábrica portuguesa de alumínios e cobre, de concorrência internacional. Daí ocupar papel importante no sector da metalurgia no nosso País.

A POSIÇÃO DO TRABALHADOR

Definir a posição do trabalhador dentro da firma, na altura em que aquela é levada à falência, é a atitude do Sindicato Nacional dos Operários Metalúrgicos do Distrito do Porto. De facto, e conforme o «Diário de Lisboa» referiu no sábado, membros da Direcção daquele organismo avistaram-se, juntamente com o seu consultor jurídico sr. dr. José Afonso, com o delegado do Instituto Nacional do Trabalho do Porto, para esclarecer a situação dos seus associados. Entretanto, e de acordo com compromisso assumido, no passado dia 2, pela Direcção daquele Sindicato perante os trabalhadores, ficou acordado que 10 horas, os operários, acompanhados por dirigentes do seu Sindicato e por um representante do I.N.T.P., iriam junto do responsável da laboração da firma, a fim de esclarecerem a sua situação.



De acordo com o estabelecido as pessoas interessadas compareceram no escritório da «Gialco», na Rua das Arrozeiras, 262, à Areosa. Mas cansaram-se de esperar pelo sr. Manuel Rodrigues Paiva, a pessoa responsável ou como tal tida dentro da firma.

LAMENTAÇÕES

Após duas horas de espera os presentes viram gorados os seus intentos para chegar à fala com o sr. Manuel Rodrigues Paiva. Dentro do escritório, — que à entrada tinha afixado o letrero: «Por determinação superior não é permitida a entrada, seja a quem for, nas nossas instalações fabris. Muito gratos lhe ficaremos se nos evitar negar-lhe tal solicitação. Este pedido é feito a V. Exa.» —, mais de uma dezena de pessoas estava possui-

da de compreensível expectativa.

O jornalista foi amavelmente recebido (à porta) por um dos elementos do Sindicato que se prontificou a contar-lhe a situação dos trabalhadores, referida, aliás, já por nós.

«Não saímos daqui sem ver isto resolvido...»

A verdade é que tiveram mesmo de sair para almoçar (já passava do meio-dia).

Procuramos estabelecer diálogo com os operários da «Gialco» para auscultarmos a sua própria opinião sobre o problema que estão a viver.

Depois de contornarmos o edifício fabril que ocupa uma vasta área de terreno, chegamos à porta por onde entra o operário. Pouco tempo depois, as queixas e lamentações saíram da boca de todos.

«Se descontamos temos os

nostros direitos. Estamos indignados porque não sabemos a quem nos dirigir!».

Mostraram-nos envelopes de férias com os respectivos descontos e que dizem respeito ao mês de Janeiro. De facto, haviam descontado 6,5 por cento para a Caixa Sindical; 1,5 por cento para o Desemprego; 1 por cento ou 2 por cento para o Imposto Profissional e 5500 e 10500 para o Sindicato.

E perguntam:

«Porque os descontos se não entram na Caixa? Ainda não recebemos o abono de família de Dezembro.»

Em tom de desânimo:

«Muitos de nós têm mais de sete anos de serviço e agora querem acabar com isto para que voltemos a ser de novo empregados. O que querem é ver se não nos pagam as indemnizações.»

Outros reclamam a atenção do repórter para uma informação ao pessoal colada junto do pequeno cubículo do porteiro assinada por M. Rodrigues Paiva, na situação de gerente da firma e que os nossos leitores podem ver na fotografia junta à reportagem.

E a propósito, adiantam (referindo o gerente):

«Só é patrão quando as coisas correm a seu favor; quando é a nosso deixa de o ser e diz que não é nada com ele.»

As lamentações surgem, em catadupa. Não só por parte do operário mas também no escritório onde um grupo de senhoras protesta vivamente contra a situação criada. Informam-nos que ontem, segunda-feira, o pessoal entrou no serviço mas não trabalhou. Aguardava ver o caso resolvido. Mas o desânimo já estava estampado em seus rostos. Dizem que a «Gialco» não atravessa crise com as encomendas e que até muitos dos clientes da firma começaram a comprar à concorrência.

Sobre o gerente, acrescentaram que se encontra ali desde Março de 1971. Entrara como director-técnico e em Janeiro de 1972 passara a concessionário.

O dr. Manuel Ricardo Espírito Santo Silva é o novo presidente do Banco Espírito Santo

O Conselho Geral do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa prestou homenagem à memória do dr. Manuel Espírito Santo, sublinhando os altos serviços que a sua vincada personalidade havia durante longos anos prestado àquela instituição. O Conselho Geral do Banco nomeou seguidamente, por unanimidade, como administradores do Banco os drs. Manuel Ricardo Espírito Santo Silva, Carlos Espírito Santo de Mello e Duarte Espírito Santo Silva. Reuniu-se depois o Conselho de Administração do Banco que, por unanimidade, elegeu como seu presidente o dr. Manuel Ricardo Espírito Santo Silva e como seu vice-presidente o comandante António Luiz Roquette Rissardi e aprovou, para ser apresentada à próxima Assembleia Geral, a proposta de nomeação do dr. José Maria Espírito Santo Silva como presidente do Conselho Geral do Banco.

O "Chrysler 180" a partir de amanhã nas estradas portuguesas

Montado pela Chrysler, em Portugal, o Chrysler 180, uma viatura construída e especialmente adaptada para o mercado europeu, vai circular nas estradas do País a partir de amanhã, data em que será posto à venda. Assim, todos os concessionários Chrysler, de norte a sul do País, poderão oferecer ao público um carro de grande qualidade, com características técnicas que o coloquem ao nível das viaturas de maior classe.

Chrysler é, de resto, um nome com grandes tradições na indústria automóvel e um dos construtores mundiais que maior evolução tem procurado para os seus produtos.

Possuidor de uma relação peso potência muito favorável o Chrysler 180 é ao mesmo tempo um carro extremamente económico tanto em preço como em manutenção.

MORREU ATROPELADO

Uma pessoa morreu devido a um desastre de viação verificando na Rua Possidónio da Silva. Inocência Lopes dos Santos foi

a vítima. Depois de atropelado por uma camioneta chegou ao Hospital de S. José já sem vida, pelo que recolheu ao Instituto de Medicina Legal.

SALDOS

SÓ ATÉ 15 DO CORRENTE
CASA REGIONAL DA
ILHA VERDE
R. PAIVA DE ANDRADE, 4
(AO LARGO DO CHIADO)

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

REPARTIÇÃO DE PESSOAL, EXPEDIENTE E CONTABILIDADE

CONCURSO PÚBLICO N.º 1/73

PARA ARREMAÇÃO DA EMPREITADA DE «PROJECTO E EXECUÇÃO DO NOVO TERMINAL DE CARGA DO AEROPORTO DE LISBOA»

Depósito provisório: Esc.: 2 000 000\$00

Prazo de apresentação das propostas: 60 dias

Alvarás exigidos aos concorrentes:

1. Categoria, ou 1.ª Subcategoria da 1.ª Categoria e classe correspondente ao valor da proposta.

Locais de consulta do processo:

Sede: Avenida da Liberdade, n.º 193 — Lisboa;

Direcção do Serviço de Obras — Avenida Sidónio Pais, n.º 8, 5.º e na 3.ª e na 4.ª Repartições: no Edifício n.º 4 do Arruamento B do Aeroporto de Lisboa.

Anuncia-se que se encontra aberto o concurso público acima identificado, sendo o prazo de apresentação das propostas contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo».

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 15 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de sessenta dias fixado neste anúncio.

Nos locais de consulta do processo, em todos os dias úteis e nas horas de expediente, podem os concorrentes solicitar cópias dos elementos patentes a concurso.

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em 5 de Fevereiro de 1973.

O DIRECTOR-GERAL,
Eng.º V.ctor Veres

mini JORNAL

BANDA DE CINFÃES

Depois de renovados os corpos directivos, a Banda Marcial desta localidade entregou-se a uma tarefa de remodelação de quadros e intensificação de ensaios, tendo contratado para isso um novo regente, com vista à preparação da próxima temporada de festas e romarias. A direcção promoveu ainda uma campanha de angariação de fundos para a compra de novos fardamentos.

BAILE DE FINALISTAS

Uma comissão de finalistas da Escola Comercial Patrício Prazeres leva a efeito, no próximo sábado, dia 10, pelas 20 horas, no Hotel Sheraton, um baile de convívio, abrilhantado por conjuntos e atracções musicais, que se prolongará por toda a madrugada.

CONGRESSO EUCARÍSTICO

Para assistir ao 40.º Congresso Eucarístico Internacional, segue na próxima quinta-feira para Melbourne, sob a presidência do arcebispo-prímaz de Braga, D. Francisco Maria da Silva, uma peregrinação portuguesa. No regresso os peregrinos permanecerão quatro dias em Jerusalém, em visita aos lugares santos.

EDUCAÇÃO PELA ARTE

Integrada no «Ciclo sobre o Ensino Artístico» realizou-se ontem, no Conservatório Nacional, uma palestra proferida pelo dr. Arquimedes da Silva Santos subordinada ao tema «A formação de professores de Educação pela Arte. Da realidade ao projecto ideal», tendo sido abordado a maneira como se pretende estruturar a Escola Piloto e tecendo considerações sobre os

projectos que lhe serão integrados.

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA

Focando temas nacionais, é inaugurada depois de amanhã, às 18 e 30 horas, no Centro Cultural Americano, uma exposição fotográfica de trabalhos fotográficos da artista Linda Jones permanecendo patente ao público até 23 do corrente, das 12 às 20 horas.

RECENSEAMENTO DA POPULAÇÃO

Proferida pelo dr. José Manuel Lopes Figueira, director dos Serviços de Informática do Instituto Nacional de Estatística, realiza-se no próximo dia 7, pelas 18 horas, na Sociedade de Geografia, a quarta conferência do Seminário sobre o Recenseamento Geral da População de 1970, subordinada ao

tema «Recenseamento da População de 1970 — O Processamento Electrónico». A entrada é livre.

SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS

Prosseguem os rastreios da tuberculose pulmonar e das doenças cardiovasculares nos serviços médico-sociais universitários de Lisboa. De acordo com o calendário dos dias 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16 e 17 do corrente destinam-se aos alunos do I.S.T.

JOVENS

QUER EMPREGAR-SE E TEM O 5.º ANO?

telefone hoje das 19 às 21 horas para 535001.

DL/GERAL

3



Madagáscar NOVO REGIME VELHOS PROBLEMAS

Por PHILIPPE DECRAENE

Depois de ter analisado os problemas de ordem geral com que se defronta o regime do brigadeiro Ramanantsoa, e descrito as tensões que resultam, em Majunga, da coabitação de diferentes comunidades, Philippe Decraene refere-se, neste último artigo, ao futuro da base francesa de Diégo-Suarez.

DIÉGO-SUAREZ — Afirma-se, muitas vezes, que nesta baía, cercada de montanhas, poderiam manobrar, à vontade, todas as esquadras do mundo. Comparada, normalmente, com a baía do Rio de Janeiro, é, no entanto, com a de Brest que tem mais pontos comuns. Acessível, como esta última, através de um estreito canal, é dividida ao meio por uma larga península. Um viajante breião que acabava de lá passar uma semana notava, em 1892: «Os estabelecimentos que nós aí criámos terão sobre os de Brest a vantagem de, por estarem colocados ao Sul da enseada, ficarem ao abrigo do vento dominante, a monção do Sueste, ao passo que o vento de Sudoeste torna, por vezes, insustentáveis os acessos da Pensel, onde se ergue o arsenal de Brest...».

Muito recortada, a baía está dividida em numerosas ansas secundárias, entre elas as de Tonnerre e Rafaele. É dominada pelo soberbo maciço da montanha de Ambre, que se ergue 1 400 metros acima do

nível do mar, sendo um dos pontos turísticos da Grande Ilha.

AS HORAS DE GLÓRIA DO IMPÉRIO

Os acessos desta perfeitura de quarenta e cinco mil habitantes lembram mais o sertão das costas senegalesas ou o interior do Sudão Francês do que as costas do Oceano Índico, de tal modo a paisagem é africana. A própria cidade parece-se mais com uma pequena aglomeração provincial francesa do que com uma cidade malgache.

Os nomes das principais artérias evocam, as glórias do Império francês, de Richelieu ao deputado Etienne, passando por Colbert, de Lally-Tollendal a Gallieni, sem esquecer o cardeal Lavignerie. As ruas são todas traçadas à maneira de um tabuleiro de xadrez, mais ou menos regular, lembrando o gosto dos militares pelos alinhamentos impecáveis. E a sucessão de casernas, entrepostos, campos de manobras, depósitos de material, lazaretos e residências permite medir, logo ao primeiro golpe de vista, que é ao Exército e à Marinha, que aí mantêm as suas instalações há mais de setenta anos, que a cidade deve o seu desenvolvimento.

Um pouco mais de dois séculos antes de a Marinha francesa se ter interessado por estas costas ensolaradas, o corsário provençal Misson, acompanhado por dois outros fora-da-lei, o inglês Tew e o franciscano italiano Caraccioli, fundou aqui uma comunidade ideal, aberta a todos os ho-

mens, que se tornavam iguais, sem distinção de raça, e cuja cidade foi baptizada com o nome de «Libertalia». Nesse fim do século XVII, comoreanos, portugueses, escravos de todas as origens, arrancadas às mãos dos negreiros, congregaram-se sob o bastão de «Sua Alta Excelência o Conservador». Misson. Mas, ao fim de alguns meses, os colonos improvisados começaram a matar-se uns aos outros.

Foi em 1884 que a marinha francesa obteve dos soberanos «hovas», que dominavam as tribos «sakalaves» da região, o direito de se instalar, simultaneamente, em Nosi-Bé, Mayote (no arquipélago das Comores) e no local que viria a ser, mais tarde, Diégo-Suarez. Foi, no entanto, necessário esperar um ano para que meio cento de homens, pertencentes à Companhia, aí desembarcassem do aviso «La Creuse» e se instalassem neste local, depois de o seu navio ter ancorado na baía de Nièvre. Não havia, então, aqui, mais do que umas tantas cubatas, e a aldeia chamava-se, prosaicamente, Antsirana (o porto).

Promovida, por pouco tempo, a capital dos estabelecimentos franceses em Madagáscar, a aldeia passou a cidade e tomou o nome de Diégo-Suarez — referência a um navegador português que teria visitado esta região no século XVI. Após a crise franco-inglesa, que se seguiu ao caso de Fachoda, a França, decidida a vingar-se, no Oceano Índico, do seu fracasso no vale do Nilo, instalou em Diégo-Suarez uma guarnição de nove mil homens, sob o comando do coronel Joffre, que aqui ganharia as suas duas estrelas. (Aquele militar viria a dar o seu nome à estação climática local, Joffreville).

As margens da baía viram-se então semeadas de fortificações construídas por uma mão-de-obra proveniente dos quatro cantos do Império: argelinos, senegaleses, anamitas, etc. A construção da doca de reparação, onde vêm queren embarcações de todas as

regiões vizinhas, começa naquela época, para terminar em 1916. É ali que navios de guerra etíopes, cargueiros sudaneses e do Paquistão, reparam, regularmente, as suas avarias. Constituem uma clientela mais importante do que a dos navios mercantes franceses.

gem do resto do território malgache. O ambiente que aqui reina é um tanto análogo ao que se verifica no bairro Lucicardi em Tananarive, onde está instalado o posto de comando do general Bigeard. Mas enquanto que, na capital malgache, se iça e arreia a bandeira

constantemente mantida a um nível suficiente para assegurar o apoio a uma força de intervenção, compreendendo um porta-aviões e cinco escoltadores.

Mas é, sobretudo, a actividade do porto — desembarcadouro natural da região — e do arsenal que interessa à população. Em mil cento e trinta e um empregados, apenas se contam cento e dezasseis «quadros» franceses, a trabalharem nas oficinas de mecânica, electricidade, caldeiraria e nas forjas. A maioria do pessoal é malgaxe e trabalha tanto para os militares, que asseguram 75 por cento do volume dos negócios, como para os civis. É em Diégo-Suarez que se situa a única empresa de toda a ilha capaz de efectuar certos trabalhos delicados, entre os quais a robinação de motores eléctricos.

Reparações de navios, construções navais, manutenção de faróis e balizas, fornecimento e armazenamento, cobrem trabalho a um milhar de famílias malgaxes.

A existência de pequenos empregos — motoristas, guardas, criados — está ligada à presença de várias centenas de europeus, cuja partida parece mais temida do que desejada, tanto pelos malgaxes como pelos comoreanos, que constituem a terça parte da população de Diégo-Suarez.

Esta actividade industrial explica a intensidade das lutas sindicais. Enquanto as centrais metropolitanas apelam para a greve a fim de que os seus aderentes obtenham uma melhoria do subsídio de residência, o sindicato dos nacionais franceses originários dos departamentos ultramarinos, que agrupa os provenientes da Reunião, exige a reintegração destes na Metrópole. Por seu lado, o sindicato dos trabalhadores comoreanos e das duas grandes centrais malgaxes mostram-se prontos a formular, periodicamente, reivindicações salariais.

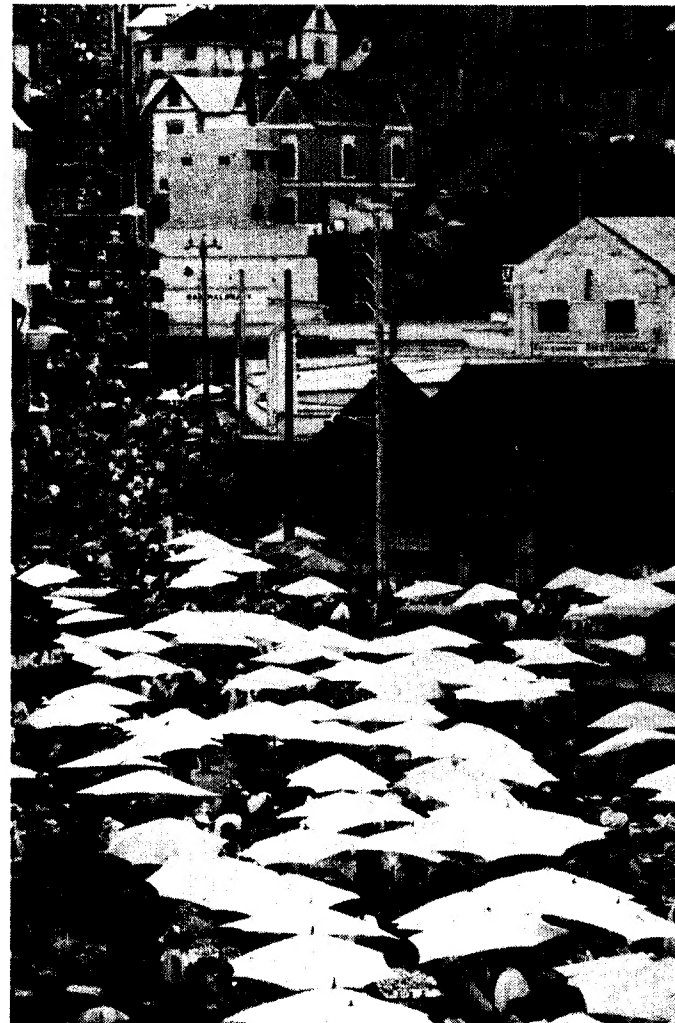
ESTRATÉGICA INTERNACIONAL E ROTA DO CABO

Afirmava-nos um político malgaxe, com excessivo pessimismo: «Os franceses não estão interessados em Diégo-Suarez, e a chantagem da expulsão assenta em métodos demagógicos que não enganem quem for...».

Com efeito, três grandes correntes de tráfego marítimo passam ao largo das costas malgaxes e não param de crescer depois do encerramento do Canal de Suez, verificado em 1967, o que confere a Diégo-Suarez uma importância estratégica essencial.

O tráfego petrolífero dos Estados do Golfo Pérsico com destino ao Atlântico Norte utiliza o Canal de Moçambique pelo qual transitam, assim, mais de 50 por cento do consumo europeu de petróleo em bruto. De acordo com uma fonte bem informada, «a participação francesa naquele tráfego, tendo em conta o número de grandes petroleiros afectados à linha, corresponde a uma presença permanente, na zona, de sete a oito navios, ou, ainda, a um fluxo quotidiano de 75.000 toneladas de petróleo transitando pelo Canal de Moçambique».

O tráfego petrolífero do Golfo Pérsico com destino ao Ex-



Um dos vários mercados da cidade.

De 1906 a 1912, «Diégo» é nesta época que Mortages, aventureiro da origem catalã, embelezou a cidade e constrói, o actual «Hotel da Marinha», que foi uma casa de jogo e um «dancing» muito célebre. Antigo marinheiro, gerente de restaurante, maquinista de comboios na Índia, Mortages começou a fazer fortuna a vender aguardente de má qualidade aos marinheiros da esquadra russa do Báltico, que, a caminho do estreito de Tsushima, onde seriam esmagados pela marinha japonesa, ancoraram em Nosi-Bé. O hotel que mandou construir rivaliza em beleza com o coreto que domina a baía e donde a vista se estende até ao estreito de acesso à enseada.

As últimas horas trágicas da cidade remontam a Maio de 1942, quando os comandos da marinha britânica, desembarcados na baía do Courier, se apoderaram da praça, após três dias de combate contra a guarnição. Uns tantos destroços de navios afundados, as trezentas campas do cemitério militar, aí estão para recordar este sangrento episódio. Foi de Diégo-Suarez que as tropas quenianas e zulus, comandadas por oficiais de Sua Magestade Britânica, se lançaram à conquista da ilha.

AO SOM DOS CLARINS

A partir daí, Diégo-Suarez, cuja cidade é relativamente isolada, sempre viveu à mar-

francesa diante de uma silenciosa secção de «homens-leopards», aqui, em Diégo-Suarez, o som dos clarins espalha-se para lá do recinto das casernas.

Não se nota nenhuma espécie de animosidade para com os franceses por parte de uma população que vive, exclusivamente, da actividade arsenal das diferentes guarnições do Exército de terra, da Marinha e da Legião Estrangeira.

O presidente da Câmara local informa-nos que foi em Diégo-Suarez que se verificou a mais baixa percentagem de votos favoráveis, aquando do escrutínio de 8 de Outubro: 88,18 por cento, e explica-o nestes termos: «Esta atitude traduz mais uma viva oposição aos «merinas» dos planaltos, estrangeiros a esta região, do que fidelidade para com o antigo presidente Tsiranana. «E acrescenta, a propósito da «malgachização» do ensino: «Opusemo-nos, ferozmente, a isso, e se, no plano oficial, os «merinas» se mostram favoráveis é porque muitos deles são burgueses que dispõem de recursos financeiros suficientes para mandarem os filhos estudar para França.».

Sede do Comando da Zona Marítima do Sul do Oceano Índico (Z.M.S.O.I.) e do comando da Marinha de Madagáscar, Diégo-Suarez dispõe de meios aéreos e navais apreciáveis, entre eles uma base aeronaval em Andrakaka, três escoltadores e quatro draga-minas. A capacidade das instalações é



As «típicas» casas de argamassa vermelha...

tremo Oriente tem quase a mesma importância, pois que 90 por cento do petróleo consumido pelo Japão transita pelo Oceano Índico.

O tráfego comercial entre o Atlântico Norte e o Extremo Oriente navega ao longo das costas sul-africanas, e, depois, das do Sul de Madagascar e do arquipélago das Mascarenhas.

Passam, diariamente, pelo meridiano do Cabo da Boa Esperança oitenta navios franceses, havendo, constantemente, um milhar de navios carregados, sobretudo de petróleo em bruto e de minerais estratégicos. Calcula-se em seis mil o número de barcos espalhados entre o Cabo da Boa Esperança, o Golfo Pérsico e a Austrália, quinhentos dos quais só no Canal de Moçambique.

Navios lança-mísseis, «destroyers» e submarinos soviéticos cruzam, permanentemente, esta região, onde os barcos de pesca, igualmente soviéticos, mas também chineses, são, por seu lado, muito numerosos.

A União Soviética esforçou-se por obter facilidades de acesso à Ilha Maurícia, onde se encontra a base do Almirantado britânico de Vacoas. Os russos dispõem de instalações permanentes ou de direitos de ancoragem em Aden, Mogadíscio e Zanzibar, enquanto a marinha chinesa está presente em Dar-es-Salam. Por seu lado, americanos e britânicos estabeleceram um acordo com vista a instalar pontos de apoio em vários arquipélagos do Oceano Índico, nomeadamente Chagos e Farquhar.

Assim, a base de Diégo-Suarez ocupa uma posição privilegiada para uma acção do Oceano Índico, cuja importância aumenta de ano para ano no domínio das comunicações marítimas e aéreas, ou das telecomunicações, quanto mais não seja depois da instalação da NASA nos arredores de Tananarive.

UMA QUESTÃO DE SOBERANIA

Apesar da atitude conciliadora do governo malgaxe, que deseja negociar discretamente com Paris a revisão do conjunto das relações franco-malgaxes, a opinião pública, em Tananarive, dá sinais de impaciência, e os responsáveis políticos mostram-se,

praticamente, todos de acordo quanto a quererem apressar o termo das discussões. É o caso de André Resampa, antigo vice-presidente do Governo, antigo ministro do Interior, detido durante mais de um ano sobre a falsa acusação de «complot» contra a segurança do Estado. Resampa, que fundou, em Setembro do ano passado, a União Socialista Malgaxe (U.S.M.), já tinha pedido, há anos, o estabelecimento de novos acordos de cooperação. O pastor protestante Richard Andriamanjato, «leader» da A. K. F. M., que se felicita, hoje em dia, porque «a presença, à frente do Estado, de militares que não são fascistas, mas nacionalistas, evita que se tenha de governar sob a pressão da rua», milita no mesmo sentido, de há anos a esta parte, assim como Monja Jaona, chefe do MONINA.

Para Manandafy, considerado como um dos teóricos do MONINA, «é necessário colocar no mesmo plano prioritário a supressão do despotismo administrativo e a das bases francesas... O arranque económico e a estabilidade política ficam por aquele preço... Tudo se pode negociar com Paris, menos a manutenção das instalações militares de Diégo-Suarez e de Ivato...»

Ravoajanahary, que conduziu, durante meses, o combate, à frente do KIM (movimento contestatário de Maio de 1972) declara-nos, por seu lado: «O nosso governo deve proceder sem precipitação, nem demora, mas tomar uma decisão satisfatória, sejam quais forem as consequências económicas. Com efeito, se tivéssemos raciocinado em termos económicos, teríamos recusado a independência porque a França nos tinha construído estradas e hospitais...»

O capitão-de-fragata Didier Ratsiraka, que os elementos mais conservadores da minoria francesa taxam, um tanto precipitadamente, de «francofobia», dá mostras de mais moderação, tendo-nos afirmado, recentemente, que «a questão das bases faz parte de um conjunto que discutiremos globalmente com o governo francês, tendo em conta o facto de aquele se encontrar, nesta altura, ocupado com as eleições, como nós próprios o estivemos com o referendo...».

Marketing no I.N.I.I.

Pela primeira vez no nosso país, o Instituto Nacional de Investigação Industrial vai levar a efeito um ciclo completo de Marketing, englobando quatro módulos de base, obrigatórios: princípios de Marketing; o contexto da Empresa e a função Marketing; estratégia e acção Marketing; estudos e pesquisas comerciais, além de cinco módulos de opção, distribuídos por dois anos, a escolher numa gama de trinta e sete módulos. Este ciclo, em que está prevista a participação de profes-

sos nacionais e estrangeiros, destina-se a quadros superiores, dirigentes e consultores de empresas, e professores do ensino superior.

O primeiro módulo obrigatório realizar-se-á de 19 a 24 de Março e terá por monitor M. Doré, director do Institut National de Marketing.

Qualquer outra informação adicional poderá ser solicitada ao INII-Divisão de Formação e Aperfeiçoamento - Rua Filipe Folque, 2-6.º D.º, Lisboa

A CÂMARA DE OEIRAS E AS BARRACAS

Na reunião do Município de Oeiras, a que presidiu o eng.º Armando Brito Subtil, o vereador coronel Firmino Gambim da Costa Gomes chamou a atenção da Câmara para a necessidade da construção de casas

destinadas a famílias pobres, a viver actualmente em barracas, para que estas possam ser demolidas, por fases. Por sua vez, o presidente deu conhecimento do problema do realojamento das famílias que ocupam as barracas situadas na Travessa da Reboleira, situação agravada pelo incêndio de 7 de Julho do ano findo.

Entre outros assuntos tratados, foi deliberado aumentar de \$500 para \$600 a taxa diária do campista que pretenda utilizar-se do parque de campismo camarário, medida que só entrará em vigor depois de superiormente aprovada.

ORA DIGA-NOS

TEM UM CÃO EM CASA?

Quem tem medo compra um cão. Assim sucedia, e sucede ainda, embora menos frequentemente, quando as pessoas viviam em casas isoladas. Era frequente ver-se nos portões das residências dos arredores tabuletas a informar: **Cuidado com o cão.** Sinal de animal perigoso e não que fosse tão pequeno que pudesse ser pisado por distração.

Hoje, com o serviço de vigilância existente, as pessoas já não sentem a necessidade de cães para se defenderem, antes pelo contrário, por vezes têm que se defender deles. Enclausuradas em florestas de cimento armado, sem espaços verdes suficientes e sujeitas a repetição diária da casa-em-preço e emprego-casa o homem quase se automatiza. Portanto, a companhia dos animais é procurada como variante para a monotonia de vida e ambiente, a possibilidade de esquecer os problemas do dia-a-dia, a amizade que se procura e não é imposta. Simplesmente, as condições de habitabilidade, hoje existentes, nem sempre permitem a existência de um animal em casa. A propósito da exposição canina efectuada, na FIL, ouvimos as razões de algumas pessoas por que tinham, em casa, ou não, o melhor amigo do homem.

Augusto Moreira, 49 anos, motorista particular, declarou:

«Não. Não tenho porque

moro num terceiro andar. Se tivesse quintal gostava, assim não.

«A alimentação não afectava. Os restos dão à vontade para os bichos.

«Sim, os meus patrões têm cães lá em casa.

A entrada de uma garagem, um outro motorista particular fazia festas a um cão, o «Sabu», como viemos a saber.

«Não tenho porque não tenho casa para isso. Confidenciou Rui da Fonseca, de 47 anos. A minha filha adora. Já lá tenho tido um que é do meu irmão e por vezes uma cadela que é de uma vizinha. Agora que está para ter cachorros a minha vizinha quis-me oferecer um, mas a casa é pequena e não queria pô-lo na varanda, que é muito fria e durante o Inverno não apanha sol. No entanto, tenho alguns pássaros e peixes.

«O patrão não tem, mas uma filha dele tem imensos cães.

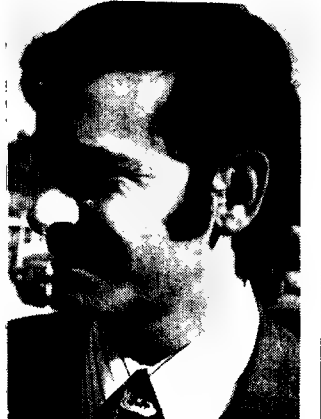
O «Sabu» rafeiro genuíno e com «pedigree», olhava para nós com uns olhos que diziam:

«Se pudesse tinha uma casa daquelas em que nos deixam dormir nos sofás de couro, um grande quintal para poder correr livremente e quanto a comida...» Aí, lambeu os beiços e correu a farejar qualquer coisa.

Sentado num banco do Parque Eduardo VII, ao sol, um homem de meia idade



Rui Fonseca: «não tenho casa para isso».



Fernando Gabriel: «é pouco higiénico».

lia o jornal. E continuou a lê-lo pois não quis responder.

Um empregado de escritório, Fernando Maria Gabriel, aproveitava a manhã soalheira para passear a filha.

«Não tenho, não — respondeu — E pouco higiénico. Vivo numa casa com duas divisões assoalhadas e não posso ter o cão em casa. Contudo gosto de animais, principalmente cães.

Zilda dos Prazeres Pereira, 30 anos de idade, respondeu:

«Não, nem tenho casa sequer. Vivo num lar, pois sou enfermeira.

Não gosto de cães, antes um gato quando tiver casa própria. Acho que os cães são bons numa quinta, mas na cidade há pouco espaço

para as pessoas, quanto mais para os cães...

«Não. Não tenho. Gostava se vivesse numa casa com jardim ou então nos arredores de Lisboa — informou Margarida de Mesquita, licenciada em Ciências Sociais, que não quis ser fotografada.

Duas senhoras, duas crianças. Conversavam. Arlete Albuquerque, empregada de escritório, 30 anos e mãe das duas crianças. Não tem cães em casa.

«Não tenho casa onde possa ter um cão. Só no quintal. Moro num apartamento. Gostava imenso de ter até porque as minhas filhas adoravam.

A outra, húngara de origem mas casada com um português, falava mal a nossa língua, embora a percebesse. Ao ouvir a conversa e vendo que pretendíamos a sua declaração disse em francês:

«Sim, sim. Tenho um caniche. Vivo num apartamento. Gosto muito de cães. acrescentou ainda chamar-se Guimarães, o apelido do marido.

Ter um cão em casa, e não só, é, como se vê, um problema, um problema directamente relacionado com as condições de habitabilidade impostas que a maior parte das pessoas sofre directamente muitas vezes sem a menor consciência disso.



Zilda Pereira: «não gosto de cães».



Arlete Albuquerque: «gostava de ter um cão, mas...»



Guimarães: «Tenho um»

ANÁLISE CONJUNTURAL

"O equipamento constitui o principal problema da indústria"

O Relatório de Síntese da Situação e Perspectivas da Indústria em Setembro de 1972, elaborado pela Corporação da Indústria e agora publicado, refere que «o equipamento — seguido à distância pelo pessoal qualificado e não qualificado — constitui o principal problema da indústria. Há sectores em que se torna urgente a intensificação dos investimentos e equipamentos».

No Inquérito de Conjuntura que deu origem ao Relatório participaram cerca de duas mil e quinhentas empresas pertencentes às indústrias extractivas e transformadoras, cuja produção e exportação, em 1971,

foi de 75,9 milhões e 16,4 milhões de contos. Em Junho de 1972, o pessoal fabril utilizado por aquelas unidades industriais era da ordem dos 302,4 mil operários.

Refere o Relatório da Corporação da Indústria, nas conclusões gerais:

«As tendências de produção observadas entre Abril e Setembro de 1972 foram idênticas às observadas em igual período do ano anterior. Portanto, um pouco melhores do que haviam sido previstas em Março 72. Contribuíram para a manutenção deste clima conjuntural as indústrias dos bens de consumo e intermédios, uma vez que as

indústrias de bens de investimento registaram uma quebra de ritmo de produção durante o período em análise. Descontando os aspectos sazonais negativos entre Outubro/Março, é de prever que a Conjuntura industrial detectada em Setembro 72 se prolongue até Março de 1973».

«A procura de produtos em Setembro 72 foi considerada normal pela generalidade dos industriais, o que corresponde a uma subida de 3 pontos em relação a Março desse ano. Os «stocks» de produtos aproximaram-se dos valores normais. De um modo geral os industriais previram com grande realismo

a evolução das exportações entre Abril e Setembro 72. De facto, admitiu-se que o saldo entre tendências de aumento e diminuição passasse de 34 pontos, em Março 72, para 26 em Setembro 72, tendo-se registado 25 pontos neste último mês. Até Março de 1973 espera-se que a actividade exportadora se intensifique para além das influências sazonais positivas existentes neste período do ano.

O grau de utilização da capacidade da indústria mantém-se elevado: 81 por cento, tendo o número de empregos criados no primeiro semestre de 1972 sido de 2,7 mil».

NOIVOS
As alianças e prendas da
JOURNÉE DE LA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

DL/ESTRANGEIRO

Um duelo de artilharia impediu a entrada em Quang Tri de observadores internacionais

SAIGÃO, 6 — (FP, UPI e ANI) — Um duelo de artilharia impediu que uma equipa de observadores da Comissão Internacional de Controle e Supervisão (ICCS) visitasse a cidade de Quang Tri de acordo com notícias chegadas a Saigão.

Nusuke Akatsuka, fotógrafo da UPI, comunicou que 12 observadores se encontravam em viagem de Hué para Quang Tri quando fuzileiros sul-vietnamitas os fizeram parar, a dez quilómetros da última cidade.

Os observadores aguardaram 30 minutos, escutando o duelo de artilharia e em seguida regressaram a Hué.

Entretanto, os prisioneiros de guerra norte-americanos no Vietname do Norte serão libertados quando o comando dos Estados Unidos apresentar em pormenores da retirada das tropas norte-americanas — ao que se afirma em círculos da Comissão Militar Conjunta (JMC), composta por representantes dos Estados Unidos, do Vietname do Norte e do Sul, e do Vietcong.

O Vietcong exigiu que os representantes dos Estados Unidos apresentem um prazo con-

creto para a retirada dos 20 mil soldados norte-americanos que ainda se encontram no Vietname do Sul.

O general Gilbert Woodward informou o chefe da delegação Vietcong, Tran Van Tra, de que a retirada dos soldados norte-americanos estará terminada em 28 de Março.

Por outro lado consta, sem confirmação, que um primeiro grupo de uns dez prisioneiros americanos detidos no Vietname do Sul será transportado no sector de An Loc, uma centena de quilómetros ao norte de Saigão.

A Comissão Internacional de Controle e Supervisão do cessar-fogo (Canadá, Indonésia, Hungria e Polónia) foi informada ontem dos preparativos a fazer para a libertação dos prisioneiros. De tarde, a mesma comissão reuniu, durante quatro horas em Saigão, para estudar, por outro lado, as reclamações apresentadas pelas quatro delegações à Comissão Quadripartida (Estados Unidos, Vietname do Sul, Vietname do Norte e GRP) sobre as violações do cessar-fogo.

Entretanto, as comissões regionais da ICSS e da Comissão Militar Quadripartida continuam a instalar-se nas sete capitais regionais designadas pelos protocolos do acordo.

AUXÍLIO MILITAR

WASHINGTON, 6 (FP) — O Governo americano reafirmou ontem o seu direito de prestar auxílio ao Laos e ao Camboja, apesar das disposições dos acordos de Paris relativamente a estes países.

«Podemos manter o nosso auxílio militar ao Laos e ao Camboja no âmbito do art. 20 do acordo de paz», disse um porta voz. Mas este negou-se a precisar se os Estados Unidos reconhecem a Hanói e Pequim o direito de ajudarem os partidários do príncipe Sihanouk, que consideram o único detentor da soberania Khmer.

CAMBERRA - HANÓI

CAMBERRA, 6 (FP) — A Austrália pensa estabelecer relações diplomáticas com o

Vietname do Norte disse Whitlam, primeiro-ministro dos Estrangeiros aos jornalistas, e acrescentou que os países vizinhos e amigos da Austrália já tinham sido prevenidos deste intenção. Por outro lado, e logo que se verifique que o cessar-fogo se tornou efectivo a Austrália considera uma ajuda «muito larga» ao Vietname.

«O Governo australiano julga, salientou, que deve haver um Vietname. A Austrália só tem um desejo: que as feridas da guerra se cicatrizem, graças a uma acção internacional tão rápida quanto possível».

SPIRO AGNEW EM DJAKARTA

DJAKARTA, 6 (FP) — Vindo de Singapura, o vice-presidente dos Estados Unidos Spiro Agnew, chegou a esta cidade, sendo recebido no aeroporto pelo general Suharto. A sua visita à Indonésia é de dois dias. Em Singapura publicou-se um comunicado sobre a visita de 45 horas do vice-presidente. No documento assinala-se que Spiro Agnew explicou que o fim da guerra do Vietname permitirá dar a maior atenção aos problemas económicos e sociais desta região. Sendo a intenção dos Estados Unidos cooperar com Singapura e outras nações «para constituir-se uma Ásia do sul forte, estável e livre».

Grupos clandestinos para desviar material

WASHINGTON, 6 (F. P.) — Grupos clandestinos estão a formar-se nos Estados Unidos e na Europa, para facilitar o desvio e a revenda de material militar americano fornecido aos sul-vietnamitas, antes da conclusão da paz, escreve o «Aviation Week». Esse material destina-se, precisa o semanário, aos revolucionários da África, da Ásia e do Médio Oriente. A partir de meados

de Março, devem começar a recebê-lo ou, então, logo depois da retirada das tropas americanas no fim daquele mês.

Os pedidos dos revolucionários em questão incidem sobretudo em instrumentos de óptica, permitindo ver na escuridão, e em material de comunicações retirado de aviões e helicópteros, conclui a «Aviation Week».

ELEIÇÕES EM MARÇO Programa da esquerda apresentado por Allende

SANTIAGO DO CHILE, 6 (FP) — O presidente Salvador Allende tornou público ontem o programa eleitoral da coligação de esquerda. Falando para a multidão que o foi ouvir ao Estádio Nacional, começou por criticar a oposição centrista e conservadora e esforçou-se por demonstrar que a maior parte dos actuais problemas económicos são consequências do trabalho do seu governo nos últimos dois anos, passou a expor os principais pontos do seu programa.

Por exemplo, um «parlamento popular», com uma só câmara, substituiria o actual Congresso que tem duas. O presidente da República, eleito ao mesmo tempo que o Parlamento, poderá dissolvê-lo.

Anunciou depois a incorporação do sector «social» (nacionalizado) das grandes empresas e dos monopólios. «Venceremos

os défices fiscais, aumentando as receitas públicas através dos sectores mais ricos», disse.

Allende anunciou, por outro lado, um plano de investimentos compreendendo quatro secções:

1 — Indústrias alimentares, vestuário, remédios.

2 — Matérias primas para construção, escolas, hospitais, etc.

3 — Empresas que favoreçam a reentrada de divisas.

4 — Melhor uso dos recursos naturais do país.

«Disponho de cerca de 600 milhões de dólares para pôr este plano em prática», acrescentou, para afirmar depois que a crise económica do Chile «é consequência da sabotagem e das manobras anti-chilenas da oligarquia e do imperialismo». As eleições de Março contribuirão para apressar a «construção de uma sociedade socialista chilena».

Kenneth Kaunda desmente afirmações de Ian Smith

ARUSHA (Tânzania), 6 (R.) — O presidente Kenneth Kaunda da Zâmbia declarou aqui que o seu país manterá as rotas comerciais através da Rodésia fechadas enquanto não houver um Governo maioritário naquela antiga colónia britânica.

«Receio bem que a Zâmbia já não esteja disposta a voltar a pôr os seus ovos no cesto de Smith. Eles ali podem partir-se e a economia da Zâmbia é demasiado importante para andarmos a brincar com ela», disse o presidente entrevistado pela Reuter antes de tomar o avião de regresso a Lusaka, depois de tomar parte numa conferência cimeira com os presidentes Nyerere da Tanzânia e Mobutu do Zaire.

Kaunda insurgiu-se contra a declaração feita por Ian Smith no último fim-de-semana de que ia reabrir a fronteira por ter recebido garantias de que a Zâmbia deixaria de apoiar os

guerrilheiros que actuam contra o seu regime.

Depois de afirmar que não tivera qualquer contacto directo ou indirecto com Smith, o presidente Kaunda salientou: «A Zâmbia nunca poderia dar tais garantias uma vez que a luta se trava no interior da Rodésia».

Aconteça o que acontecer a Zâmbia continuará a dar apoio material e financeiro para a libertação de todos os países colonizados na África Austral, salientou.

A Zâmbia vai apresentar um relatório completo sobre a situação ao conselho ministerial da Organização de Unidade Africana que se vai reunir em Addis Abeba e segundo fontes fidedignas a questão da Rodésia foi igualmente abordada aqui durante a conferência cimeira entre os três presidentes africanos.

JÁ ESTÁ CONSTITUÍDA A MISSÃO DA ONU

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 6 (R.) — Uma missão de quatro membros do Conselho de Segurança, encarregada de estudar a crise na fronteira Zâmbia-Rodésia, será constituída por representantes da Austrália, Indonésia, Peru e Sudão, anunciou a noite passada um informador das Nações Unidas.

Fontes geralmente bem informadas disseram que o grupo está a considerar a possibilidade de conferenciar com funcionários britânicos. Em Londres, antes de partir para a Zâmbia no fim desta semana, uma vez que a Grã-Bretanha é oficialmente a potência administrativa responsável pela Rodésia.

Espera-se que a missão chegue à Zâmbia no fim da semana. Deverá entregar um relatório ao conselho, sobre a sua viagem, no dia 1 de Março.

Perspectivas pouco animadoras para o dólar

A cotação do dólar continuava estabilizada hoje em Lisboa enquanto na Europa, sob a protecção da Alemanha Federal a moeda norte-americana lutava pelo seu restabelecimento apesar das perspectivas não serem animadoras.

Em Paris registaram-se cedências nas primeiras transacções. Tanto o dólar comercial como o dólar financeiro estavam cotados a 5,0050-5,0075 francos, contra 5,0275-5,0325 no fecho de ontem. As transacções teriam sido relativamente leves na opinião de negociadores.

As drásticas restrições ao movimento de capitais tomadas pelo Governo da Alemanha Federal conservaram ontem a estabilidade da divisa norte-americana na maioria dos mercados de câmbio europeus, enquanto os especuladores se mantiveram na expectativa. Contudo, há correntes que apostam que o dólar

enfraquecerá em mais cinco por cento, dentro dos próximos trinta dias, e em quatro e meio por cento, dentro de noventa dias.

Em Bruxelas, atribui-se a estabilidade registada ontem pelo dólar ao apoio dado pela Alemanha Ocidental e outros países.

«Isto talvez tenha feito restabelecer a confiança no dólar, e os especuladores agiram em conformidade com o facto — acrescenta-se — neste momento, devem estar a aguardar os acontecimentos. De qualquer modo, a tendência futura continua incerta».

Fortes compras de marcos alemães, na semana passada, e de francos suíços, na semana anterior, reflectiram a nova falta de confiança no dólar. O resultado, no que respeita à Alemanha Federal, foi o súbito aumento do dinheiro em circulação no país, o que contrariou a tentati-

va feita pelo chanceler Willy Brandt para sustentar a alta de preços. Na opinião de Washington, o marco devia ser revalorizado. A tal se opõe Brandt, não só porque assim os exportadores alemães ficariam em desvantagem, mas também porque tem esperança de que a comunidade europeia alargada tome medidas conjuntas. Enquanto isto não se verifica, o Governo alemão levantou novas barreiras ao afluxo de capital estrangeiro para a Alemanha.

O conselho de ministros da Comunidade Europeia, que se reúne em Bruxelas, esta semana, tenciona estudar várias propostas de combate à inflação, e a comissão monetária do grupo efectua reuniões, hoje e amanhã, com vista ao estudo pormenorizado das flutuações registadas no mercado de dinheiro. (UPI-ANI e DL).

CALEIDOSCÓPIO

HELDER CÂMARA PROPOSTO PARA NOBEL — Treze membros do Partido Cristão-Democrático da Alemanha Ocidental propuseram monsenhor Helder Pessoa Câmara, arcebispo de Olinda e Recife para o Prémio Nobel da Paz. «O comissário dos bispos alemães» e 40 deputados sociais-democráticos fizeram já propostas idênticas. (F.P.)

NERUDA DEMITIU-SE — O presidente Salvador Allende anunciou ter aceite o pedido de demissão apresentado pelo embaixador do Chile em Paris, Pablo Neruda, laureado com o Prémio Nobel da Literatura. Allende declarou que a saúde de Neruda «é delicada», mas não

entrou em pormenores. Neruda regressou de França há três meses, e, desde então, apareceu numa única vez em público, para assistir a um comício organizado em sua honra. (UPI-ANI).

CONSELHO DA OUA — O conselho dos ministros da Organização da Unidade Africana iniciou os seus trabalhos na segunda-feira à noite em Addis Abeba com a condenação geral da Rodésia e um apelo a favor da solidariedade dos países africanos para com a Zâmbia. Os trabalhos propriamente ditos começaram na terça-feira com o exame da ordem do dia. (F.P.)

AUMENTO DO PREÇO DO CAFÉ — As mais importantes

firmas cafeeiras de Inglaterra concordaram hoje em aumentar os preços do café e do café solúvel, apesar do congelamento de preços. Nos dias mais próximos os preços devem aumentar cerca de três dinheiros (dois escudos) por pacote de quatro onças (uns 115 gramas). Um informador do Ministério da agricultura comunicou que esse aumento reflectia o aumento de 25 por cento nos preços mundiais do café, sobre o ano passado, devido ao nível mais baixo de produção. (UPI-ANI).

PROTECÇÃO PARA JORNALISTAS — O congresso dos EUA começou a estudar uma legislação para proteger jornalistas que se recusem a revelar fon-

tes de informações confidenciais. Membros destacados da comissão judiciária da câmara dos representantes indicaram, em declarações que fizeram, que aprovariam uma lei concedendo, pelo menos, aos jornalistas, defesa limitada contra prisão, como aconteceu com quatro repórteres que se negaram a revelar as fontes das suas notícias. O congressista Robert Kastenmeier, presidente da subcomissão declarou esperar que o seu grupo aprove em Março certa espécie de protecção. (R.)

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por João Armindo Aires ALCOITÃO

A MORTE DE AMILCAR CABRAL Desmentido português

NAÇÕES UNIDAS, 6 (R) — Portugal negou novamente qualquer envolvimento no assassinio, em 20 de Janeiro, em Conakry, de Amílcar Cabral, o chefe do Movimento de Independência da Guiné Portuguesa.

Numa comunicação feita a noite passada à imprensa, a delegação portuguesa junto das Nações Unidas afirmou que eram responsáveis pelo crime a corrupção e a discriminação no movimento nacionalista de Amílcar Cabral.

A comunicação dizia ainda

que as diferenças eram generalizadas e graves entre guineenses e os naturais de Cabo Verde, a terra natal de Cabral.

Notava que o presidente Sékou Touré da Guiné, em cuja capital Cabral fora assinado, tentava manter vivo o movimento de independência.

Acrescenta que Touré controlava o movimento do PAIGC na Guiné-Bissau Portuguesa, do qual Cabral era secretário-geral, e utilizava a organização como um instrumento político para os seus próprios propósitos.

APELO PROTESTANTE À GREVE NO ULSTER

BELFAST, 6 (R.) — Protestantes ameaçaram hoje provocar séria agitação no Ulster por causa da detenção, sem julgamento de dois homens presos após um ataque à granada, na semana passada, contra um autocarro cheio de operários católicos.

Um informador disse, após um comício de várias organizações protestantes paramilitares, que se efectuou a noite passada, que milhares de partidários não trabalhariam amanhã e que os seus filhos não iriam à escola.

«As próximas 48 horas mostrarão quem dirige a província» — observou uma fonte afectada aos militantes protestantes. Disse ainda que pairava sobre a Irlanda do Norte a ameaça de guerra declarada de guerrilhas.

Julgou-se que os dois homens detidos, presos durante uma série de rusgas da Polícia, após um operário católico ter sido morto em consequência do ataque à granada, sejam os primeiros protestantes encarcerados sem julgamento por suspeita de actividades terroristas.

A detenção sem julgamento foi introduzida em Agosto de 1971, mas nos termos dos novos regulamentos em vigor desde o fim do ano passado, os suspeitos podem ser detidos sem julgamento durante apenas 28 dias, antes de comparecerem perante um tribunal especial, que decide se um suspeito deve ficar preso indefinidamente ou ser libertado.

A reunião incluiu membros do principal grupo paramilitar, a Associação de Defesa do Ulster (UDA) e de várias outras organizações armadas protestantes. Os dois detidos pertencem, segundo se supõe, a uma unidade da UDA no leste de Belfast.

Um informador dos grupos declarou que esperava que todos os seus milhares de partidários respeitassem o apelo de uma greve de um dia.

«O internamento começou

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Pedro Martins, Praça da Restauração, 4 — OLHÃO

para os protestantes. Resistiremos» notou.

Dirigentes protestantes afirmaram que esperavam agora novas operações de busca e detenção nas áreas protestantes, em consequência das quais viriam a ser presos mais homens.

Outra fonte protestante, referindo-se às detenções, comentou: «Haverá certamente uma reacção violenta».

O primeiro-ministro irlandês, Jack Lynch, que pediu uma rápida eleição geral em 28 de Fevereiro, afirmou, ontem, à noite, que a Grã-Bretanha ne-

cessitaria do apoio do Governo de Dublin para a sua política sobre o futuro do Ulster.

Aguarda-se que o Governo britânico apresente dentro de duas semanas as suas propostas para a Irlanda do Norte num documento político.

O Governo do primeiro-ministro britânico, Edward Heath, está a enfrentar uma prova severa na sua tentativa de formular um programa aceitável para a futura administração da província, assolada por uma onda de violência.

A ala marxista oficial do

Exército Republicano Irlandês, que se tem mantido nos bastidores desde que declarou, em Maio passado um cessar-fogo, ofereceu-se ontem para guarnecer barricadas nos bairros católicos do Ulster.

Numa comunicação a seguir a um fim-de-semana de tiroteio e morte, essa ala disse: «Apoiarémos, orientaremos e auxiliaremos qualquer grupo de operários que decida erguer e guarnecer barricadas, patrulhar áreas de perigo e limitar o fluxo de trânsito através das suas ruas».

Londres rejeitou o pedido de lei marcial

Continuação da pag. 1

o fim do domínio directo de Londres nem a restauração das instituições democráticas e a sua vida na Irlanda do Norte. Segundo este porta-voz, o Governo britânico está a trabalhar arduamente para obter progresso político na Irlanda do Norte, mas deverão ainda faltar semanas para a publicação das já referidas propostas de solução do conflito e da crise. Entretanto, disse o ministro, as forças de segurança continuam a procurar deter a violência e o terrorismo, agindo com o maior vigor.

Jack Lynch, primeiro-ministro da República da Irlanda, anunciou eleições gerais para o fim deste mês de Fevereiro. Este anúncio

marca as eleições para muito mais cedo do que se esperava. Segundo Lynch, o Governo da República necessita de sentir o apoio inequívoco do povo para poder actuar à vontade nas presentes situações. O primeiro-ministro irlandês disse igualmente necessitar do apoio incondicional da população para fazer face a qualquer situação emergente das propostas a longo prazo que venham a ser feitas pelo Governo britânico. Segundo observadores em Dublin, esta seria também uma forma de Lynch poder no seu mandato lidar com a maior firmeza com os problemas políticos e económicos que se levantaram com a entrada da Irlanda para o Mercado Comum Europeu no primeiro de Janeiro.

Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa

CONVOCATÓRIA

Dia 7/Fevereiro, às 21.30 horas

na VOZ DO OPERÁRIO com a seguinte Ordem de Trabalhos

1. INFORMAÇÃO E DISCUSSÃO SOBRE A IMPUGNAÇÃO DAS ELEIÇÕES DAS SECÇÕES
2. O AUMENTO DE QUOTAS
3. INFORMAÇÕES SOBRE O CONTRATO PARA O RAMO RETALHISTAS
4. QUESTÕES RELACIONADAS COM OS PERIODOS DE ABERTURA

A DIRECÇÃO

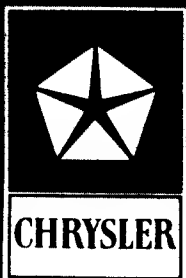
CHRYSLER 180

o máximo da Chrysler para a Europa



o 180 é um carro compacto mas **espaçoso, confortável** e de grande robustez.

Potente e veloz mas **económico**, o CHRYSLER 180, satisfaz a exigência de uma performance ideal.



Chrysler constrói os carros que você deseja

DL/GERAL

OS SALDOS DOS



Tecidos
Almirante, Lda.

— AV. ALMIRANTE REIS, 23-A

CONTINUAM POR MAIS UNS DIAS
E AGORA COM A GRANDE **SENSAÇÃO**

CAMISAS PARA HOMEM

67% POLYESTER (NÃO PASSA A FERRO)

UMA POR 75\$00—DUAS 130\$00

E TRÊS POR 175\$00 (O QUE É INCRÍVEL)

POIS O VALOR DE CADA CAMISA É 195\$00

— E TAMBÉM AINDA —

VESTIDOS PARA SENHORA

PURA LÃ (EM CAXEMIRA)

Eram a 430\$00

Agora a 175\$00

ROBES PARA CRIANÇA

(EM PELUCHE)

Apenas por 55\$00

**E MILHARES DE TÚNICAS, SAIAS,
CALÇAS E VESTIDOS (PARA SENHORA)**

A PREÇOS DE VERDADEIRA LIQUIDAÇÃO

— VISITE-NOS E CONFRONTE —

POIS O SEU DINHEIRO TEM O DOBRO DO SEU VALOR

O PETRÓLEO

Continuação da pag. 3

o que garantirá, subsequentemente, um fluxo contínuo das nossas ramas para o vosso mercado.

Yamani explicou que não vê a possibilidade das gran-

des organizações petrolíferas internacionais, como a Gulf e a Shell, virem a desaparecer como resultado deste desenvolvimento. Acredita que há um papel permanente a desempenhar por elas como sócios na produ-

ção com os árabes.

Todavia, o acesso ao mercado interno americano, dará claramente às nações produtoras um novo e mais importante papel, tanto política como económica, do que aquele que desempenhavam antes.

Yamani põe o assunto desta maneira: «Isto estabelecerá um laço económico muito forte que, em última análise, virá a reflectir-se nas nossas relações políticas.»

Assim, a decisão da administração Nixon, revelada recentemente, pode não só alterar a configuração da indústria petrolífera, como também poderá, a longo prazo, afectar significativamente a política externa dos Estados Unidos nesta área.

Saúde mental na Empresa

Um simpósio sobre saúde mental na empresa decorrerá no Centro de Medicina Física e Reabilitação de Alcoitão no próximo dia 10 de Fevereiro. No decorrer do colóquio que se prolongará até ao fim da

tarde será abordado o seguinte tema: prevenção primária, secundária e terciária. Participam psiquiatras, médicos de trabalho, directores de pessoal e assistentes sociais.

**DINHEIRO
EMPRESTA-SE
SOBRE
PROPRIEDADES
A CONFIDENTE**

Rua do Ouro, 292
LISBOA

INDÚSTRIAS CAMBOURNAC

Das nossas fábricas directamente ao público
A bem da sua economia consulte-nos

FIOS PARA TRICOT

Em defesa da sua comodidade utilize a nossa Frota Automóvel que, gratuitamente, transportará as encomendas a sua casa.

Descontos especiais às tricoteiras
FILIAIS E DEPÓSITOS
Largo da Anunciada, 11 - T. 326415
Av. Almirante Reis, 28-B - T. 833811
LISBOA

Tribunal Cível da Comarca de Lisboa

6.º JUÍZO
ANÚNCIO

Faz-se saber que, no dia 19 de Fevereiro próximo, pelas 14 h., na Garagem sita na Rua Aparício Mafra, 1-B, em Lisboa, e pelos autos de carta precatória vinda da comarca de Vila Franca de Xira, extraída da execução de sentença que ANTONIO RAFAEL SOARES BASTOS move contra a executada GERTRUDES PALMIRA ALVES, residente na Av.ª de Roma, 119, 2.º, esq.º, em Lisboa, vai, pela 1.ª vez, à praça para arrematação em hasta pública, do seguinte veículo que se encontra naquela garagem — UM AUTOMÓVEL marca «Austin», com a matrícula CB-75-03, de cor branca, em mau estado de conservação, com o motor em reparação, faltando-lhe o farol do lado direito frente e partido o vidro do farolim da retaguarda, com pneu em estado de novo na roda sobressalente e 73.511 quilómetros percorridos, e que vai à praça no valor de 20.000\$00. É depositária do automóvel a própria executada acima indicada.

LISBOA, 29 de Janeiro de 1973.

O JUIZ DE DIREITO
(Fernando Heitor Barros
de Sequeiros)

O ESCRIVÃO
DA 1.ª SECÇÃO
(Eugénio Ferreira Pestana)

COMUNICADO

TOURMIX, Italiana, S. R. L.

de Milão tem o prazer de anunciar que nomeou seu representante exclusivo para Portugal e Ilhas Madeira e Açores para todos os seus artigos a firma **NOVIMPORTA—Centro Comercial de Importação, Lda.**, na Estrada da Luz, 173-r/c., Dt.º e Esq.º — LISBOA.

NOVIMPORTA—Centro Comercial de Importação, Lda.

tem a honra de comunicar que foi nomeado representante exclusivo para Portugal e Ilhas Madeira e Açores de todos os artigos da **TOURMIX, Italiana, S. R. L.** incluindo o seu sensacional minimixer. Todos os artigos para entrega imediata.

FUTEBOL ESTRANGEIRO

Milão à frente em Itália

Na última jornada do Campeonato Italiano de futebol, o Milão obteve uma decisiva vitória (por 3-1) sobre o Ternana, e passou para o comando da tabela classificativa, graças ao Verona (que forçou o Juventus, actual campeão, a um empate sem golos).

O Milão colocou-se em vantagem no marcador, aos 11 minutos, mercê de um golo marcado na própria baliza por Fernando Benatti. A traduzir o domínio exercido pelos milaneses, Gianni Rivera fez 2-0, e Luciano Chiarugi estabeleceu o resultado final.

Em Verona, quem comandou as operações foi o Juventus. A inoperância dos seus avançados, porém, custou-lhe a chefia da classificação: e a equipa passou para o segundo lugar.

Houve outros dois desafios que terminaram em branco: Lazio-Fiorentina e Roma-Genova. Como consequência, o Lazio ficou na terceira posição (a três pontos do guia) e o Fiorentina na quinta, com menos seis pontos.

O Inter desceu para o quarto lugar, depois de ter perdido (por 0-1) frente ao Bolonha. O golo foi marcado por Ghetti.

Paolo Pulici marcou dois tentos, dando a vitória por 2-0 ao Torino sobre o Palermo, que deste modo passou a ser o «lanterna vermelha».

O Nápoles bateu o Atalanta (por 1-0) tendo obtido por Giuseppe Damiani. Finalmente, o Cagliari derrotou o Vicenza (por 3-0) com os três golos marcados no espaço de 17 minutos: dois da autoria de Gigi Riva e o terceiro marcado pelo brasileiro Néné.

ESPAÑA: DOMINGO JOGAM ATLÉTICO DE MADRID-REAL

Em Espanha, Barcelona e Atlético de Madrid foram derrotados pelo Oviedo e o Bétis de Sevilha, respectivamente. Ambos eram favoritos, mas não souberam (ou não puderam) manter no relvado esse favoritismo.

Enquanto o Barcelona, como mal menor, conseguia o empate sem golos, o Atlético de Madrid-Real Madrid e Real Madrid (por 1-0) em golo marcado de grande penalidade. Mas ambos os resultados dos aspirantes ao título, mas o Barcelona aumentou um ponto à vantagem sobre o adversário.

O Atlético de Madrid não pode alegar que a derrota se deveu a um «penalty» rigoroso, já que o Bétis teve mérito para justificar uma vitória mais ampla.

O Castellon empatou em Bilbao, contra o Atlético (1-1) resultado que não constitui surpresa, porque a igualdade entre as equipas espanholas é um facto e já poucos resultados podem surpreender. Os bascos jogaram mal, ao passo que o Castellon, com velocidade e coragem, aproveitou as oportunidades.

O mesmo aconteceu no Valência-Granada, de fraco futebol e escassas ocasiões de golo, a justificar o 0-0. E também se justifica o empate do Corunha-Saragoça (encontro péssimo) em que uns e outros rivalizaram em desacerto.

A Real Sociedad de San Sebastian não mereceu vencer o Celta, que lhe foi superior em todo o encontro. No entanto, um «penalty» deu o triunfo à Real Sociedad.

Pelo seu lado, o Real Madrid impôs-se ao Las Palmas, com mais facilidade do que reflecte o 2-1 final. O Real jogou bem na segunda parte, período em que o árbitro lhe «escamoteou» um claro «penalty», ao passo que assinalou outro (inexistente) a favor do Las Palmas. Questão de opiniões.

Claros os triunfos do Espanhol sobre o Gijon e do Málaga perante o Burgos, ambos por 3-0. Espanholistas e malagueños estão a fazer uma magnífica campanha — e oxalá dure, para bem do campeonato. Este pode entrar numa fase de emoção nas duas próximas jornadas, em que os encontros Atlético de Madrid-Real Madrid e Real Madrid-Barcelona, respectivamente, podem esclarecer as posições do Atlético e do Barcelona, ou dar ao Real Madrid a oportunidade de luta pelo título, caso ganhe ambos os encontros. O Real, quase desesperado há uma semana, pode recuperar terreno.

O caso é que a igualdade das equipas é o signo distintivo do presente Torneio da Liga.

No domingo prosseguem os campeonatos da primeira e da segunda divisão. Jogos da primeira divisão (21.ª jornada): Burgos-Corunha, Saragoça-Valência, Granada-Oviedo, Barcelona-Bétis, Atlético de Madrid-Real Madrid, Las Palmas-Espanhol, Gijon-Atlético de Bilbao, Castellon-Real Sociedad e Celta-Málaga.

Os nomes-chave são para a Assembleia Geral: Fernando Vaz como presidente, Joseph Wilson e António Feliciano para secretários; Direcção: Presidente, António Fernandes, secretário Frederico Passos, tesoureiro Rolando Azevedo e vogais Manuel Oliveira e Rodrigues Dias.

reses dos seus filiados. Os nomes-chave são para a Assembleia Geral: Fernando Vaz como presidente, Joseph Wilson e António Feliciano para secretários; Direcção: Presidente, António Fernandes, secretário Frederico Passos, tesoureiro Rolando Azevedo e vogais Manuel Oliveira e Rodrigues Dias.

METROPOLITANO DE BASQUETEBOL

Inesperado colapso do Benfica

Golpe de teatro neste fim-de-semana devido ao «jejum» do Benfica. Perdendo uma posição de supremacia incontestável, os «encarnados» ficaram iguais ao Sporting e à Académica: isto, porque os «estudantes» foram batidos no Porto (ante o B.P.M. a quem não escandalizaria se vencessem).

Posição actual: três clubes no primeiro lugar. O que poderá reservar o futuro?

Já no próximo sábado o Benfica defronta o F. C. do Porto, na Luz. Depois das derrotas contra o Sporting e o Barreirense, não chega a ser surpresa se o conjunto de «vedetas» do Benfica perder. Dover está em plena forma física e, assim, os «azuis-brancos» não vão ser fáceis de dominar. E até ao resto do campeonato, os «encarnados» têm outra deslocação relativamente difícil: para jogar com o Académico, no Porto.

A Académica e o Sporting tem o seu jogo da segunda «volta» em Lisboa: o que perder deverá ficar «arrumado». Ambos têm ainda a deslocação ao Barreiro, onde o F. C. do Porto foi copiosamente batido e o Benfica «dobrado» no prolongamento (no tempo regulamentar 105-105). As proezas do Barreirense no seu reduto podem ser repetidas contra o Sporting e a Académica. Os «leões», por sua vez, têm uma deslocação para defrontar o B.P.M.: por quem os «estudantes» foram batidos...

Reunidas as circunstâncias de um resto de prova emocionante, parece-nos ser o Benfica que tem menos problemas difíceis a resolver. Pode acontecer uma probabilidade de empate «a dois», quando muito: Benfica e o vencedor do jogo Sporting-Académica. Nunca «a três». Note-se: há ainda por resolver um protesto do Sporting no jogo que perdeu com a Académica em Coimbra. De modo que...

O campeonato parecia não mais ter história, mas neste fim-de-semana houve uma transformação emotiva e imprevista. Aguardemos (agora) até ao fim: até às duas últimas jornadas, com o Barreirense a

definir os acontecimentos como vaticinamos. Até aos seus jogos com a Académica (na penúltima jornada) e com o Sporting, (na última) tudo pode suceder.

ACADÉMICA: QUEDA NOTÓRIA

A queda dos «estudantes» em relação à época passada é notória: e foi confirmada contra o B.P.M., no Porto. Não é na substituição de Sanford por Haderleine que está a diferença. Baganha e Carreira estão em nítida má forma e Tavares também não é aquele jogador regular que «assinou» exibições excelentes, com a agravante de ter perdido qualidades como «tabeleiro».

A equipa «tem que jogar» para as mãos de Sanford: se este corresponde, tudo fica certo; se está em dia-não, por carências próprias ou por mérito dos adversários (ele é o jo-

gador mais marcado pelos contrários) a equipa afunda-se. Portanto, não é na disseminação de valor dos americanos, o que serviu e o que serve a equipa, que se expressa o abismo que há entre a Académica «de Haderleine» e a Académica «de Sanford». Augusto Baganha, Tavares e Carreira são mais responsáveis pelas descoloridas actuações que vimos aos estudantes.

Contra o B.P.M. completamos a ideia de que o «basket» senior da Académica está em declínio. Aconteceu (até) que os «bancários» nem realizaram exibição de vulto. Nortearam a sua manobra defensiva por um «homem-a-homem» com flutuações e maior vigilância sobre Sanford: e, no ataque, actuaram sempre a meia-distância. Por sua vez, a Académica nem teve engenho para se furta à marcação adversária nem talento para dominar os lançadores contrários que ati-

raram quase sempre sem oposição. Bem tentou o prof. Alberto Martins, através de várias soluções de defesa e ataque mudar o rumo dos acontecimentos, mas os jogadores não correspondiam. Notou-se-lhe (ainda) uma falta de vibração, de entrega à luta, de espírito competitivo, que não é vulgar. Talvez fruto de quaisquer circunstâncias que desconhecemos.

A função do crítico é contar o que os seus olhos observam: ora a conclusão a que chegamos é que a Académica não luta com todas as energias, acomoda-se aos esboços de supremacia dos adversários e começa por não acreditar nas suas próprias potencialidades.

Só uma Académica mais forte (físicamente) e mais ambiciosa pode ainda lutar pelo primeiro lugar final, não obstante as saídas difíceis que tem neste resto de prova.

ANTÓNIO ABEL

VITÓRIA DO COLECTIVISMO SOBRE O ESFORÇO INDIVIDUAL

O Sporting-Benfica, disputado no pavilhão da Ajuda, ofereceu a todos os adeptos do basquetebol (e muitos foram os que esgotaram por completo o frigorífico recinto) uma preciosa lição que deveria ser compreendida por todos os praticantes desportivos, como pela sociedade em geral: a vitória do colectivismo sobre o esforço individual.

Impressionou (de facto) o modo como os «leões» derrotaram um adversário pago a peso de ouro (dentro dos termos relativos em que isso pode acontecer no basquetebol) e como recuperaram a desvantagem na tabela pontual em termos de hoje emparceirarem com a Académica e o Benfica no topo da classificação. Isto, quando a equipa de Kit Jones já havia sido dada como desistente na luta pelo título. Quem, como nós, está a les-te das técnicas e tácticas da bola ao cesto e apenas vive o jogo numa base sensorial, não podia esquecer a grande verdade da actuação do Sporting: humildade ao serviço do colectivismo.

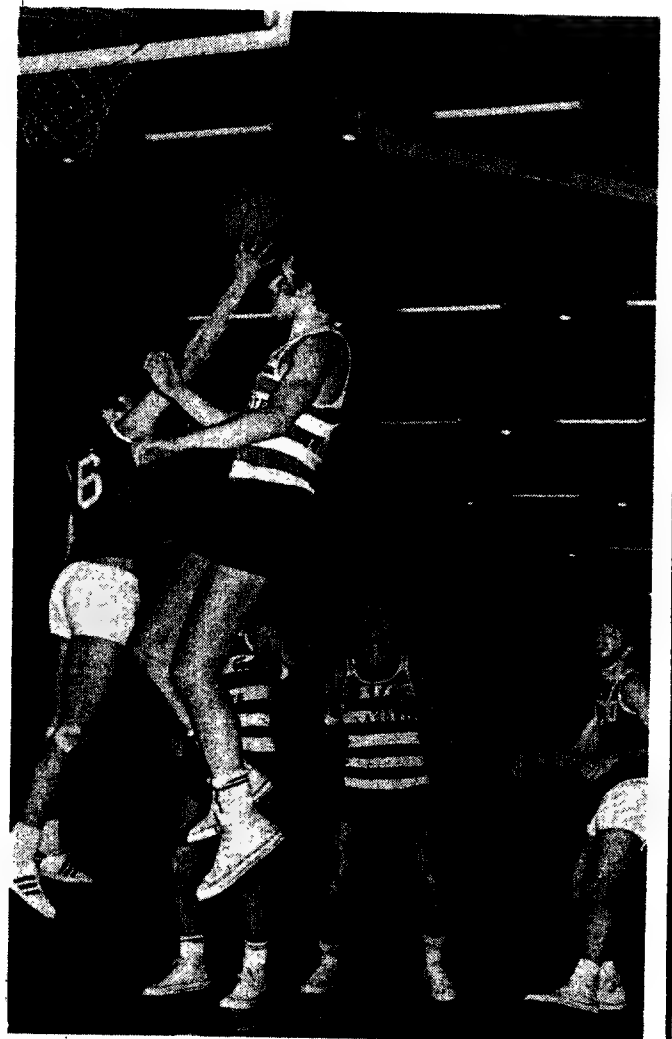
Contra um Hill que caminha ao «ralenti», mas cada vez que lança ao cesto põe um pavilhão inteiro a contar mais dois pontos; contra um Leonel que (dizem os técnicos) é o mais completo praticante português; contra um Paulo de Carvalho, também arregimentado em Lourenço Marques; e contra um Pratas que vive no círculo dos melhores (e de uma equipa bancária se mudou com armas e bagagens para Lisboa); os rapazes de Ernesto Silva ofereceram humildade e colectivismo. Nem um resquício de vedetismo, nem uma tentativa de brilharete individual, nem uma jogada para a plateia. Apenas (e só) jogo de equipa, trocas de bola, de homens e de posições, entrada de suplentes e saída de titulares, tudo a um ritmo vivíssimo de quem trabalhou muito, com humildade, para colher.

O trabalho de base desenvolvido por Hermínio Barreto está a aparecer, aperfeiçoado por mais alguns anos de prática e pelos conselhos do sábio Ernesto que (quase apostávamos), deve ganhar menos de metade de vários técnicos da I divisão. Com a vantagem de ser aceite pelos colegas, que votaram (em tempos) a sua promoção a treinador.

O Sporting venceu, a cus-

to, mas com justiça e muito brio. Podem o Benfica ou a Académica ganhar o «metropolitano», o que até nem nos espantará. Mas a lição dos basquetebolistas do Sporting já foi dada, com a recuperação pontual e a vitória de sábado sobre o Benfica, obtida à custa do esforço colectivo sobre o brilhantismo individual.

DANIEL REIS



José Alberto corta um passe dirigido a Encarnação (que já saltava para o cesto), no decorrer do emocionante e disputadíssimo Sporting-Benfica. José Carlos (14) e Leonel (10) foram outras grandes figuras do jogo.

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

O Sindicato de Treinadores continua com a mesma gente

Eleições no Sindicato dos Treinadores: tudo como dantes, com a meia centena de presentes a votar na lista única que continua a actual Direcção, certamente para defender os inte-

resses dos seus filiados. Os nomes-chave são para a Assembleia Geral: Fernando Vaz como presidente, Joseph Wilson e António Feliciano para secretários; Direcção: Presidente, António Fernandes, secretário Frederico Passos, tesoureiro Rolando Azevedo e vogais Manuel Oliveira e Rodrigues Dias.

BENFICA ORIENTAL

Quanto ao Benfica, depois das duas primeiras vitórias (11-0 e 3-1) volta a exibir-se depois de amanhã, em Hong-Kong às 20 e 30 locais.

Humberto e Toni continuam lesionados, mas em recuperação.

DL/DESPORTOS

NOTÍCIAS E FACTOS

VOLEIBOL: para o regional feminino, o Benfica A venceu o Benfica de Cascais por 3-0 e o Benfica C derrotou o Atlético por 3-1. As turmas que actuaram: BENFICA «A» — Margarida Leite, Leonor Santos, Lia Melo, Leonor Salema, Paula Antunes e Elsa Peixoto; L. CASCAIS — Elizabeth Leitão, Isabel Brandão, Luisa Pintão, Clara Costa, Ana Cardoso, Luz Gomes, Margarida Almeida e Margarida Cabral; BENFICA «C» — Filomena Moreira, Madalena Canha, Graça Ramos, Lurdes Soares, Teresa Reis, Gizele Rasteiro, Teresa Rocha, Paula Aatánasio, Ana Bernardes, Luisa Costa e Marina Monteiro; ATLÉTICO — Fernanda Cruz, Olinda Araújo, Lurdes Matos, Teresa Santos e Cândida Duarte.

LICENCIATURA: António Castro, técnico dos juniores do Belenenses e antigo futebolista da Académica de Coimbra, licenciou-se na Lusa-Atenas. Os parabéns do «DL».

FESTIVAL DE PREPARAÇÃO: nadadores lisboetas estiveram em acção na piscina de Algés. Nomes salientes nas várias competições: José Gomes Pereira, Neiva Maciel, Luis Brito Rosa, Maria Manuela

Banha, Manuela Nuncio Gomes, Ana Canas Cunha, Paulo Frischknecht, Susana Serra e Luisa Cavaleiro Madeira.

TIRO A CHUMBO: Luis Tinoco, José de Brito, Guy Valle Flor, eng.º José de Matos, dr. Gustavo Carinhas, D. Té Janz,

dr. Joaquim de Sousa, Marques Leandro, eng.º Andrade e Sousa, Fernando Terenas, Armando Marques, Gueifão Ferreira, Rui Lagoa, Miguel Crespo, José Luis Valle Flor, Palhava Pinto e Bernardo Simões saíram-se no torneio efectuado no Monte das Perdizes.



Na festa de homenagem aos hoquistas Muje e Barata, que o Sporting levou a efeito no Pavilhão dos Desportos, a recente aquisição leonina Quim (vindo do Campo de Ourique) conquistou o público «verde» que acredita estar perante o parceiro ideal para Chana ou Salema. Na imagem, que precedeu o embate Sporting-Infante de Sagres (vencido pelos «leões», por 8-1) vêem-se, em primeiro plano, Barata e Muje.

ARBITRAGEM: a Associação de Voleibol de Lisboa aceitou a colaboração dos juizes Alfredo de Oliveira e Silva, António Vítor Fonseca, Fernando de Almeida Rodolfo, Fernando Manuel Oliveira Dias, Fernando Manuel Rodrigues Alves, João José Veiga e Manuel Machado Bento que vão auxiliar a entidade na campanha de expansão da modalidade.

ATLETISMO: estafeta Coimbra-Lousã integrada no programa das festividades a Nossa Senhora da Piedade e nas Bodas de Ouro do Clube de Futebol de Santa Clara. A corrida disputa-se no próximo domingo.

LUTA GRECO-ROMANA: o Runa foi a Alvalade vencer o Sporting por 6-1, exactamente a marca com que finalizou o despieque Ginásio-Belenenses, favorável ao primeiro. As formações: Sporting — Armando Fernandes, José Ferreira, Laurindo Duarte, Fernando Silva, Joaquim Infante, Carlos Gaspar e João Varatojo; Runa — Jorge Januário, Francisco Melícias, Vítor Filipe, Manuel Ferreira, Tertuliano Onofre, António Alves, Manuel Baptista e Eduardo Sebastião; Ginásio — João Marques, António Baptis-

ta, Carlos Pinto, João Coelho, António Palácios, Pinto Gomes, Samuel Vieira e Diamantino Escada; Belenenses — Jorge Flores, Raul Balans, António Mendes, Mário Pinto, Ramiro Nascimento, Carlos Silva. Por seu turno, o embate Benfica-Ate-neu terminou empatado a quatro vitórias. Equipas: Carlos Fortunato, A. Lourenço, António Guerreiro, João Neto, Abel Carvalho, Frederico Sasso e António Teixeira (Ateneu); Maximino Abreu, António Valido, Manuel Piteira, Vítor Fernandes, José Rodrigues, António Marcelino e David Silva (Benfica).

VELA: José Manuel Quina e Patrick Monteiro Barros venceram as duas primeiras regatas do «Torneio de Preparação» para a classe «Finns».

AVEIRO: no «Torneio de Abertura» de Corta-Mato saíram vencedores José Lopes (seniores) e Arménio Neves (juniores).

NATAÇÃO: em Lourenço Marques, António Botelho de Melo bateu os «records» provinciais de juvenis nos 200 metros estilos (2.44,7) e 400 metros livres (5.06,6). Por seu turno, Carlos Oliveira bateu o

máximo nacional absoluto dos 200 metros estilos fixando-o em 2m. 28,4s.. Mas, não ficou por aqui o balanço deste fim-de-semana da nataçã moçambicana: também Clotilde Botelho de Melo melhorou o «record» nacional de seniores em 400 metros fazendo a distância em 5m. 18,3s..

TOTOBOLA O NOSSO PALPITE

Penafiel - G. Vicente	2
Sanjoanense - Oliveirense	2
Riopele - Académica	2
Espinho - Vilanovense	1
Salgueiros - Famalicão	1
Olhanense - Marinh.	1
Seixal - Sesimbra	X
Saragoça - Valência	1
At. Madrid-Real Mad.	X
Celta - Málaga	2
Atalanta - Milan	2
Juventus - Lazio	X
Lanerossi - Nápoles	X

O CONCURSO DESTA SEMANA

ESPANHA, ITÁLIA E II DIVISÃO — de tudo um pouco

Mais um concurso sem Benfica, nem Sporting, nem Belenenses, que é o mesmo que dizer sem I Divisão. Há II (7 jogos) e depois aparece Campeonato de Espanha e Campeonato de Itália. Um calendário cosmopolita que como já se vai ver pode dar para tudo.

1. PENAFIEL-GIL VICENTE — Penafiel leva só mais um ponto (16) do que o penúltimo, e vai portanto em posição bastante crítica: Gil Vicente tem 20 pontos e menos um jogo, e continua com hipóteses de chegar ao 2.º lugar. Penafiel, a jogar em casa, não costuma facilitar, apenas apresentando nessa situação duas derrotas, por sinal que impostas pelas duas equipas da frente: Académica e Fafe. Gil Vicente, por outro lado, ainda não perdeu qualquer jogo fora desde que está sob a orientação de Meirim. Parece razoável esperar-se que continue a não perder. «Dupla», portanto, «X2».

2. SANJOANENSE-OLIVEIRENSE — Sanjoanense, com 17 pontos, vai em 7.º lugar mas só tem mais 2 pontos do que o penúltimo, o que significa que tem que acautelar-se contra qualquer eventual precalço. Oliveirense tem 21 pontos, vai em 4.º lugar, e espreita qualquer escorregadela do Braga e do Fafe que são segundos com mais dois. A equipa de S. João da Madeira, em casa, ainda só uma vez foi derrotada, mas pela Académica; Oliveirense, fora, costuma pontuar com alguma frequência. Cremos em todo o caso que irá ser «1».

3. RIOPELE-ACADÉMICA — Riopele a meio da tabela, com 17 pontos, depois de um início de Campeonato muito inseguro. Académica muito firme no comando com 33 pontos. Um pormenor a levar em conta: a equipa da Pousada de Saramagos, jogando em casa, ainda só por duas vezes foi derrotada. Vamos, portanto, admitir a «dupla»: «X2».

4. ESPINHO-VILANOVENSE — Espinho, com 16 pontos, entre os últimos; Vilanovense, a meio da tabela, mas só com mais um ponto. Espinho, em casa, tem feito toda a sorte de resultados. Vilanovense leva 7 pontos feitos fora. A «dupla» deve resolver a situação (1X) ainda que a tendência pareça ser «1».

5. SALGUEIROS-FAMALICÃO — Salgueiros com 15 pontos, Famalicão com 16. Duas equipas cheias de problemas que têm que começar a pensar em fazer pontos para escaparem aos lugares incómodos. Salgueiros, em casa, ainda só por duas vezes se deixou derrotar e de uma dessas vezes às mãos da Académica. Famalicão, fora, apresenta uma única vitória mas também quatro empates o que aconselha algumas cautelas. «Dupla», portanto: «1X».

6. OLHANENSE-MARINHENSE — Olhanense, com 28 pontos, é já «guia» isolado; Marinhense segue logo depois com menos um ponto. Pormenor a levar em conta: a equipa algarvia, jogando no seu terreno, apresenta como resultados menos bons dois empates, um dos quais lhe foi imposto pelos vizinhos de Portimão. Marinhense há 15 jornadas que não perde mas empatou os últimos três jogos. Tendência, portanto, para «1», ainda que a prudência aconselhe ser também de considerar a hipótese empate.

7. SEIXAL-SESIMBRA — Seixal continua último, com 11 pontos, mas tem vindo a melhorar bastante e a comprová-lo o facto de apenas ter perdido uma vez nas últimas seis jornadas, aliás em Sintra. Sesimbra segue tranquilamente a meio da tabela, com 18 pontos, e nas últimas cinco saídas limitou-se a perder um jogo, aliás em Portimão. Tendência para empate sendo de admitir igualmente a vitória dos seixalenses.

8. SARAGOÇA-VALÊNCIA — Começa o campeonato

de Espanha avolumam-se as complicações. Neste Saragoça-Valência defrontam-se o 7.º (Saragoça) com 21 pontos, e o Valença que é 10.º com 18 pontos. A equipa visitante, depois de ter marcado recentemente posição de grande relevo no futebol espanhol, desceu bastante de rendimento encontrando-se agora num plano secundário. O Saragoça para além de estar melhor pontuado joga em casa. Símbolo «1».

9. ATLÉTICO DE MADRID-REAL MADRID — O grande duelo do futebol espanhol, o Sporting-Benfica do lado de lá da fronteira. Neste momento Atlético é 2.º, com 27 pontos, apenas menos dois que o guia que é o Barcelona. Real, por seu turno, é 4.º, com 25, e está a fazer um Campeonato bastante modesto. E de crer que os visitantes consigam triunfar sobre o seu adversário até porque naturalmente não querem perder o contacto com o Barça. Neste momento uma vitória do

Real, admitindo que o Barcelona triunfa no seu campo sobre a modesto Bétis, colocaria as duas equipas de Madrid em igualdade de situação mas... a 4 pontos dos catalães. Pela lógica é símbolo «1». Mas se puder jogar com «dupla» (1X) ou até com «tripla», tanto melhor.

10. CELTA-MÁLAGA — Celta com os mesmos 14 pontos do último classificado, que é o Burgos; Málaga com 24, em 5.º lugar, só menos um ponto do que o Real. Como vai ser? Os de Vigo devem querer escapar à sua mais do que incómoda situação. No entanto acredita-se que os malagueños possam fazer valer o seu melhor potencial futebolístico.

11. ATALANTA-MILAN — Atalanta, com 14 pontos, ocupa os últimos lugares da classificação, caminhando em plena zona perigosa. Milan, com 26 pontos, é agora o «leader» isolado, já que o Juventus, com quem dividia o comando na última semana, empatou em Verona bai-

xando assim para o 2.º posto. Vence o Milan? É possível, até muito provável que sim, por tudo e até porque o comando se encontra em jogo. Em todo o caso admitir o empate como alternativa não estará fora da lógica. «Dupla», portanto: «X2».

12. JUVENTUS-LAZIO — Juventus é 2.º, com 25 pontos; Lazio 3.º, com 23. Dois pontos, portanto, a separar duas das mais cotadas equipas do Campeonato italiano, dois dos mais

cotados candidatos ao título. Mais um jogo em que a «dupla» é de aconselhar, muito embora o Juventus justifique algum favoritismo. Logo «1X».

13. LANEROSI-NÁPOLES — Lanerossi de Vicenza segue em último lugar com 10 pontos; Nápoles, em 11.º lugar com 15 pontos não ocupa de forma alguma uma posição tranquila. Para a equipa da Vicenza parece ser chegada a grande oportunidade. Jogue no «1».

OS PRÓXIMOS CONCURSOS

CONCURSO N.º 24
18-2-73

I DIVISÃO

- 1 Leixões-Beira Mar
- 2 Montijo-U. Coimbra
- 3 Guimarães-Belenenses
- 4 Farense-Setúbal
- 5 União Tomar-Porto

II DIVISÃO

- 6 Chaves-Régua
- 7 Ovarense-Valecamb.
- 8 Naval-Gouveia
- 9 Alverca-Casa Pia
- 10 Cartaxo-Alcobaca
- 11 Almeirim-Torriense

12 Bombarral-Portalegre
13 Aljustrel-Lusit. Ev.

CONCURSO N.º 25

25-2-73

- 1 Beira Mar-Boavista
- 2 U. Coimbra-Leixões
- 3 Barreirense-Atlético
- 4 Belenenses-Benfica
- 5 Setúbal-Guimarães
- 6 Porto-Farense
- 7 U. Tomar-CUF
- 8 Gil Vicente-Fafe
- 9 Vilanovense-Varzim
- 10 Tirsense-Salgueiros
- 11 Nazarenos-Oriental
- 12 Torres Novas-Olhanense
- 13 Marinhense-Portimonense.

VAMOS FALAR DE SISTEMAS

O sr. Antunes Pinto, de Alcobaça, solicita-nos o desdobramento de 4 triplas e 4 duplas «condicionado ao 12» mas que ultrapasse os 11,11 de possibilidades para o treze. Apresentamos um sistema com 18,52 de percentagem para ser totalista no caso de acertar os «fixos» e as duplas. Tal sistema desdobra-se em cinco boletins de 48 apostas e o seu custo é, portanto, de 480\$00

TRIPLA	1	X	2	2	X
TRIPLA	X	1	2	1	2
TRIPLA	2	X	X	1	1
TRIPLA	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X

As duplas poderão ser alteradas para 1-2 ou x-2 sem que, por isso o sistema sofra qualquer redução nas suas possibilidades.

Nas épocas anteriores...

Nos Concursos n.º 23 das onze épocas anteriores verificaram-se as seguintes «chaves»:

1961-62	122	X22	21X	1211
1962-63	2X1	12X	1X1	21XX
1963-64	2X1	X21	221	1121
1964-65	111	22X	X12	212X
1965-66	121	X1X	1X1	1111
1966-67	1XX	X2X	X21	2121
1967-68	122	111	211	1X11
1968-69	122	2X1	12X	121X
1969-70	212	111	X22	X211
1970-71	2X1	111	112	21XX
1971-72	2X1	X1X	1X1	2111

a) No jogo-n.º 1 nunca saiu o símbolo «X» e no jogo n.º 13 ainda não saiu o símbolo «2»... ficamos à espera que saiam;

b) Repare-se na simetria perfeita verificada no jogo n.º 13;

c) Há tendência para «1» nos jogos n.ºs 1, 3, 9, 11, 12 e 13.



Lance do jogo Direito-Medicina: a vantagem foi para os «médicos», que comandam a segunda metade da classificação.

RÁGUEBI

O Belenenses vai firme na frente

Técnico e Académica a trocarem de posições, Belenenses a solidificar no topo da tabela e Medicina a derrotar Direito (por escassa margem) foram os acontecimentos dominantes da jornada número 11 do Campeonato Nacional de Raguebi.

O jogo mais importante realizou-se no Estádio Almirante Américo Tomás e opôs os (então) primeiros classificados, Belenenses e Académica. O resultado final (11-4) favoreceu os «azuis», que marcham (assim) isolados, agora com dois pontos de avanço sobre o segundo (o Técnico).

Linhas e marcadores de pontos nos jogos principais:

Belenenses — Branco; Costa Spínola, Melo e Caldeira; Rocha e V. Nunes; Nifo, Paquete e Ferreira; Hugo e Marques; Silva, Guerreiro e Artur.

ACADÉMICA — Gomes; Castanheira, Maleitos, Varandas e Grandão; Redondo e Soares; Júlio, Toni e Luis Carlos; Corsan e Ferreira; Vítor Pereira, Vilela e Adriano.

MAUS VENTOS EM ALMADA ASSUSTAM UM CANDIDATO

Deve estar desfeito o trio da vanguarda, no Campeonato Metropolitano de Andebol, uma vez que o F. C. do Porto consentiu um empate em Almada, atrasando-se um ponto em relação ao Sporting e Belenenses. Apenas não se dá já como certa esta classificação, porque há algumas hipóteses de a Federação não considerar o resultado final (20-20), pois o jogo não durou o tempo regulamentar, sendo dado por concluído (pelo árbitro) a 30 segundos do final. Motivo: invasão de campo com agressão a um dos árbitros.

Esta invasão teve origem num erro involuntário do árbitro, que apitara para o fim do jogo induzido em erro por um espectador, quando ainda faltava minuto e meio. O erro foi

Gonçalo e Vassalo; Simões, Frazão e Vaz.

BENFICA — Rui; Rafachinho, Barata, Neto e Ramos Pinto; Nobre e Minhoto; Jojo, Gaspar e Pegado; Trindade e Silvestre; Júlio, Mike e Clemente.

MARCAM: Nobre (18), Barata (12), Minhoto (12), Rafachinho (8), Jojo (6) e Ramos Pinto (4).

DIREITO — Aguilár, Alfredo, Toscano, Cid e Adelino; Borges e Pedro; Miguel, Filipe e Armando; Costa e Cabral; Leitão, Moitinho e Costa.

MEDICINA — Vilar; Santos, Dídio, Barroso e Pierre; Tibério e Norton; Nuno, Ramos e Rosa; Rodrigues e Almeida; Gautier, Riques e Mário.

MARCADORES: Adelino (4), por Direito e Norton (4) e Nuno (2).

Os dois resultados restantes, na 1.ª Divisão: Agronomia, 6-1 Técnico, 9 e CDUP, 3-CDUL, 7.

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	V.	E.	D.	P.
Belenenses ..	10	—	1	31
Técnico	9	—	2	29
Académica ..	8	—	3	27
C.D.U.L.	8	—	3	27
Benfica	8	—	3	27
Medicina	5	—	6	21
Direito	3	—	8	17
C.D.U.P.	2	—	9	15
Agronomia ...	1	—	10	13
S. Miguel	1	—	10	13

ANDEBOL

Maus ventos em Almada assustam um candidato

reparado, mas no recomeço, por demais agitado, uma falta contra o Almada provocou distúrbios, agressões entre jogadores e cenas pouco edificantes. O F. C. do Porto protestou o jogo, aguardando-se agora na Federação o relatório para agir de acordo.

Até lá, o Sporting (que venceu em Setúbal) e o Belenenses triunfador do Baira-Mar seguem com os olhos no título e à espera de uma escorregadelinha do seu parceiro. Resultados: Técnico-Atlético, 17-16; Progresso - Benfica, 17-17; Académico - Campo de Ourique, 17-15; Vitória de Setúbal - Sporting, 13-16; Almada - F. C. do Porto, 20-20 (não concluído) e Belenenses - Beira-Mar, 26-11.

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.		P.
SPORTING	16	13	1	2	320 - 199	43
Belenenses	16	13	1	2	356 - 227	43
F. C. Porto	16	12	2	2	366 - 238	42
Académico	16	9	3	4	251 - 266	37
V. Setúbal	16	9	1	6	254 - 274	35
Benfica	16	8	3	5	312 - 299	35
Almada (a)	16	8	1	7	280 - 252	32
Técnico	16	5	—	11	250 - 319	26
Progresso	16	4	2	10	241 - 298	26
C. de Ourique	16	4	1	11	261 - 294	25
Beira-Mar	16	3	1	12	193 - 265	23
Atlético	16	—	—	16	190 - 356	16

TAÇA "DIÁRIO DE LISBOA"

TIRO AO ARCO NA FLORESTA DO JAMOR

Sem que nos tenhamos influenciado pela série do «Robin dos Bosques» (aquele galá medieval, domingueiro na TV, estilo do «nosso» Zé do Telhado: que, além de bom atirador, também «roubava aos ricos para dar aos pobres...») fomos ao Estádio Nacional (melhor dizendo: a um dos seus apêndices) para ver com interesse uma prova de tiro ao arco.

De manhã, bem cedo (nove horas) começou a competição. Fazendo parte do campeonato nacional da modalidade, para ela se instituiu uma taça a que o «DL» deu a sua colaboração e nome.

Presentes à competição 16 atiradores: e entre eles duas senhoras o que, nestas andanças do Desporto entre nós, merece sempre saliência. Sobre a modalidade, falou-nos o árbitro da competição, Pinho e Cruz, que é também secretário da Federação Portuguesa do Tiro ao Arco. Assim, sabemos agora, que:

Esta arma, (o arco) sofreu através dos tempos, várias

transformações, mantendo contudo a sua concepção inicial. Hoje, é um instrumento que, devido aos seus múltiplos aperfeiçoamentos, custa cerca de nove notas de mil. Isto, em relação aos arcos de competição: e melhores.

A modalidade faz parte, actualmente, da competição Olímpica, depois de ter estado algum tempo afastada.

É um Desporto que agrada, particularmente, à aristocracia. No estrangeiro, claro.

A propaganda e expansão da modalidade pelo Mundo tem sido obra trabalhosa, mas de resultados compensadores por parte da FITA (Federação Internacional do Tiro ao Arco). Entre nós, a Federação Portuguesa recebe anualmente de subsídio, da Direcção-Geral dos Desportos, três mil e quinhentos escudos. O que poderá fazer com «tanto» dinheiro?

A América é o país de maior número de praticantes (cerca de oito milhões). Seguem-se-lhe (na Europa) Inglaterra, Bélgica, França, Polónia

e Suécia. Entre nós, estão oficialmente inscritos na Federação, quatro clubes (Sporting, Lisboa Ginásio, CNN e Benfica) com um total de 45 atiradores.

Os melhores de lá fora: entre os homens, há um americano chamado John Williams, de 19 anos (recordista mundial com 2 445 pontos) capaz de ganhar mesmo ao Robin Hood... e uma russa (como não podia deixar de ser, o par do costume) de nome Emma Gapchenko e de profissão engenheira, que atrai como gente grande.

E nós, o que temos? José Inácio (recordista nacional com 1 106 pontos) que faz o que pode (por si) para não desprestigiar este «cantinho» à beira mar plantado...

As cinco horas da tarde, quando acabou a prova, conhecíamos mais alguma coisa da Terra em que vivemos: a história de uma arma que, no passado, serviu para a caça e para a guerra e que, no presente, se tornou um simples instru-



mento de diversão. Quando se poderá dizer o mesmo de todas as «armas» que há no Mundo?

Classificação da taça «Diário de Lisboa»: 1.ª categoria — homens: 1.º João Inácio (CNN) 1041 pontos; 2.º Moreira Dias (CNN) 938; 3.º José Roberto (CNN) 934; 4.º Daniel Bucu (L. GIN) 439 (fez só meia prova). 2.ª categoria — homens: 1.º João Ferreira (CNN) 881 pontos; 2.º Vasco de Melo (CNN) 836; 3.º Sebastião Fernandes (CNN) 831; 4.º Manuel Damascos (CNN) 768; 5.º Carlos Ferreira (CNN) 705; 6.º Carlos Vieira (CNN) 635; 7.º José Cardoso (S.L.B.) 620; 8.º Miguel Mamede (S.L.B.) 543. 3.ª categoria — homens: 1.º João Ramos (S.L.B.) 440 pontos; 2.º António Marchão (S.L.B.) 400. 2.ª categoria — senhoras: 1.ª Margareta Möller (L. GIN) 804 pontos. 3.ª categoria — senhoras: 1.ª Carolina Cardoso (S.L.B.) 503 pontos.

FRANCISCO FARIA

TOTOBOLA continua distribuindo prémios

Para FIGUEIRA da Foz e CORUCHE os dois «trezes» da semana

Onde se conta a história de um totobolista de primeira hora...

Eram ambos anónimos os dois totalistas do Concurso do Totobola desta semana. De dois, todavia, já só resta um, pois o concorrente de Volta do Vale — Coruche, sr. José Filipe Balsa, casado de 50 anos, quando soube que tinha feito um «treze» mais seis «dozes» ganhando assim direito a um prémio global de 2535 921\$60, abdicou de bom grado do anonimato.

E, eu deixei lá a cruzinha no boletim que entreguei porque costume fazer isso todas as semanas. Mas não há inconveniente algum em que a minha identidade seja divulgada. Não me importo nada, podem tirar-me fotografias, divulgar o meu nome que não me importo.

Apostador desde a primeira hora do Totobola o sr. Balsa tinha feito já em tempos um «treze» acrescido de quatro «dozes». Quando foi a deltar contas ao prémio que lhe cabia reparou, porém, que o seu brilharete só valia mil e poucos escudos. Persistente, não desanimou, continuando a jogar todas as semanas como sempre o tinha feito até ali esperando que o «treze» aparecesse.

Eu sabia que ele havia de chegar e se de alguma coisa me admira é que não tenha chegado mais cedo. Já há muito que cá estava à espera disto. Disto do «treze». O «treze» é que eu esperava, porque o prémio foi surpresa. Mais: ainda nem cheguei a acreditar que possa ter ganho tanto dinheiro. Acho que só acredito quando receber. Mais de dois mil e quinhentos contos! Posso lá acreditar!

Mas é verdade. E pelo sim pelo não o sr. Balsa já vai pensando no destino a dar-lhe.

Bem, temos três filhos, dois rapazes com 18 e 21 anos e uma rapariga com 17. Por isso estou pensando comprar uma casa para eles. Depois disso talvez compre um carro para mim. Não tenho carta, nem sequer posso vir a tirá-la porque nunca cheguei a fazer

exame da quarta classe, mas um deles pode bem encarregar-se de guiar.

No Totobola nunca o totalista de Coruche tivera a sorte

de arrecadar um prémio grande. Mas na lotaria ainda há um ano ganhou 116 contos, numa altura em que a um outro seu irmão saíram 1600 contos. Ago-

ra os dois milhões e meio vão chegar para endireitar a vida, para realizar as ambições mais caras de uma família, e também (é justo) para uma máquina de costura para a única filha do casal que para si não reclama outra qualquer prenda além dessa.

O outro totalista desta semana é da Figueira da Foz e requereu o anonimato. Pode, contudo, acrescentar-se que se encontra na situação de reformado da Câmara Municipal daquele concelho onde exercia as funções de chefe dos motoristas, e que ronda agora os setenta anos. Viúvo, reformado, que vai o totalista da Figueira da Foz fazer dos 2307 117\$00 que é quanto vale o prémio?

Resta acrescentar que cada uma das 121 matrizes escrutinadas com doze resultados certos será contemplada com 38 134\$10



Uma família feliz — o sr. José Filipe Balsa com a mulher e a filha. E ainda há quem diga que dinheiro não traz felicidade...

16.40	Canções sem palavras	21.00/24.00	«Quadrante 2-9-0»
17.05	Diversimentos (Demuth)	21.03	Terça-feira à noite
17.45	Intercâmbio musical, Festival Tibor Varga de 1972	21.32	Impacto
18.22	Poema sinfónico	22.30	Quando o telefone toca
18.30	Gravações históricas, interpretações do pianista Arthur Schnabel	23.08	Novas de alegria
		23.22	Apenas música
19.00	Dança e ballet, por Pedro Risques Pereira	23.30	PBX
19.30	Rádio educativa, auditório juvenil	02.00	A noite é nossa
		06.00	Diário rural
20.00	Diário sonoro	07.00	Talismã
20.20	Solos em viola dedilhada, por Narciso Yepes	Modulação de frequência	
20.30	Concerto pela Academia de Instrumentistas da E.N.	16.00	Noticiário
21.00	Música coral, o Córdo do Exército Soviética, dir. pelo coronel Boris Alexandrovitch Alexandrov e Conjunto Instrumental	16.04	Programa CDC
21.20	Tempo literário	18.02	O nosso programa
21.45	Recital de canto e órgão por Francisco Loureiro Dinis e Antoine Sibertin-Blanc	19.04	Vértice
22.15	O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco	20.00	Divagando
22.45	Suite de ballet «Céleste et Procris» (Grétry), Orq.ª Sinfónica de Hartford, dir. por Fritz Mahler	21.02	Boa noite em FM
23.00	Emissão em línguas estrangeiras	22.02	Programa à go-gò
		23.00	Noticiário; programa à go-gò (cont.)
01.15	Fecho	00.02	Em órbita-dois
RÁDIO CLUBE		01.02	Banda sonora Sonipol
		02.00	Perspectiva
Onda Média		03.00	Fecho
16.00	Noticiário	RÁDIO RENASCENÇA	
16.04	Programa CDC	16.05	Rádiorama
18.02.42.01	Programa «Movimento», realização de Fialho Gouveia	18.00	Dialogo
20.00	Divagando	18.30	Terço e benção
		19.00	Jornal diário
		19.30	Página 1
		21.05	Meditando
		21.08	Só música
		21.15	Poente
		21.30	José Mário Branco e as suas canções
		21.45	Pentagrama
		22.00	Quando o telefone toca
		22.30	Esquema, 13
		23.05	A 23ª hora hora

DIA 10 DIA 17 DIA 25 DIA 5

Empresas de serviço

LISBOA

**TURNO B-1
TODA A NOITE**

AJUDA
Boa Hora, Rua dos Quartéis, 25 (Tel. 637777)

ALVALADE
Paris, Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Água) (Tel. 710131); Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (Tel. 712803); Neoterapia, Campo Grande, 138 (Tel. 774682)

AREIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Avenida S. João de Deus) (Tel. 724941)

ARROIOS
Oriental de Lisboa, Rua de Arroios, 215 (Tel. 45079)

BAIRRO ALTO
Labor, Rua Diário de Notícias, 81 (Tel. 323428)

BAIRRO AMÉRICA
Martins, R. Fernão Magalhães, 33 (Tel. 849448)

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (Tel. 310172)

BAIXA
Estácio, Rossio, 63 (Tel. 327067-324224)

BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (Tel. 702532)

CAMPOLIDE
Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (Tel. 680304)

CAMPO DE OURIQUE
Portiro, Rua Francisco Metrass, 59 (Tel. 663349)

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780181)

CONDE REDONDO
Davi, Rua Conde Redondo, 68-72 (Tel. 54342)

ESTRELA
Soares, Av. Pedro Álvares Cabral, 1 (Tel. 684282)

GRAÇA
Mourão, Largo da Graça, 63 (Tel. 860700)

INTENDENTE
Góis, Rua dos Anjos, 12-12-D (Tel. 840101)

LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, Lote 12-C (Tel. 790704)

OLIVAIS
S. Paulo, Rua José de Campos, Lote 823 (à Estrada de Moscavide) — Olivais Sul (Tel. 310711)

RESTELO
Occidental, Rua D. Jerónimo Osório, J. M. P., 3 (Tel. 610256)

SANTOS-O-VELHO
Fontoura de Carvalho, Rua Santos-o-Velho, 12 (Tel. 662075)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres, Av. Luiz Bivar, 69 (Tel. 47213)

XABREGAS
Romana, R. Actor Augusto de Melo, 7-A (Tel. 383800)

**TURNO B-2
ATÉ ÀS 22 HORAS**

AJUDA
Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 117 (Tel. 633288)

ALFAMA
Arnali, Rua das Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940)

ALVALADE
Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 45-A (Tel. 710465); Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (Tel. 712070)

AREIRO
Onilda, Av. João XXI, 13-A (Tel. 726848)

AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (Tel. 40592); Universal, Rua Actor Taborda, 5 (Tel. 44158)

BAIRRO ACTORES
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (Tel. 842152)

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, Rua Forno do Tijolo, 40 (Tel. 841122)

BAIXA
Morão, Rua da Assunção, 17 (Tel. 321289)

BENFICA
Souza, Estrada de Benfica, 429 (Tel. 780027-789985)

CAMPO GRANDE
(Ver Alvalade e Lumiar).

CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (Tel. 650760)

CAMPO PEQUENO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (Tel. 770776)

ESTRELA
Martins, Calçada da Estrela, 167 (Tel. 660823); Paivas e Parvante, Rua de Santo António à Estrela, 96 (Tel. 665196)

LUMIAR
Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tel. 790942)

MARVILA
Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Tel. 381612)

OLIVAIS
Higiene, Rua Cidade Vila Cabral (ex-Rua B. 4) Lote 43 — Zona Poente (Olivais Sul) (Tel. 310026)

PENHA DE FRANÇA
Nova Luz, Rua Domingos Jardo, 28-A, à Avenida D. Afonso III (Tel. 843439)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B-C (Tel. 720703-728395)

REGO
Pratas e Mota, Rua Beneficência, 91 (Tel. 7737728)

RESTELO
Tavares, R. Rodrigo Rainel, 3-A (à encosta do Restelo — próximo dos Moínhos) (Tel. 611814)

SANTO AMARO
Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (Tel. 637020)

S. PAULO
Central, Rua de S. Paulo, 108 (Tel. 320383)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P.D. João I - Lote 146 - B. Janeiro (Tel. 932756); Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); Igreja, P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740); Jardim, Av. Conde de Oeiras, Lota X-1, Reboteira (Tel. 938424)

DAMAIA
D. João V, Av. Kurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461)

VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Tel. 972530)

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 9581841)

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS
Químia, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)

SINTRA
Misericórdia, L. dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)

COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nito, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)

PARADE
Alair, Av. Gago Coutinho-B.º das Caixas de Previdência (Tel. 2472948)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Tel. 261186)

ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191)

CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141); Cascais, R. Conde de Monte Real-B.º Caxias (Tel. 282407)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)

ALMADA
Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (Tel. 2760565)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)

BARREIRO
Pimenta, R. Cons.º Joaquim António de Aguiar, 259 (Tel. 2273012)

COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121)

MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239029)

MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 93 (Tel. 229028)

SETÚBAL
Normal do Sul, P. do Bocage (Tel. 22216)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

3.º TURNO

SUB-TURNO A
Alves Moreira, Av. Rodrigues de Freitas, 167. Clerigos (dos), Rua dos Clerigos, 36. Cruz (da), Rua Costa Cabral, 1082. Maia, Rua do Campo Alegre, 192. Monte dos Burgos, Rua do Monte Burgos, 802

SUB-TURNO B
Aliança, Rua da Conceição, 2. Boleiro, Rua da Alegria, 863. Estácio, Rua Sá da Bandeira, 120. Guarani, Rua Pedro Hispano, 367. Menezes de Lima, Pr. Dr. Teó. Perel, 227. Vilarinha (da), Rua da Vilarinha, 161

COIMBRA

TURNO D
Solum, Rua Carolina Michaelis, 20 (Tel. 33120). Nazaré, R. Ferreira Borges, 135-139 (Tel. 22605); S. Isabel, Av. Sá da Bandeira, 28 (Tel. 24916)

cinemas

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
Grupo B - 10 anos
14.30-17.00-19.00-21.45
Technicolor Barbra Streisand e Ryan O'Neal em «QUE SE PASSA DOUTOR»
Rua Castilho - Metro Rotunda Estacionamento Parque Castil

MONUMENTAL (Tel. 555131)
Estreia às 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Technicolor «EM NOME DO POVO ITALIANO» de Dino Ris - com Vittorio Gassman e Ugo Tognazzi
As 15.15 últimas de «CENTURIÕES DO SÉCULO XX»
(Grupo D - 18 anos)

SATELITE (Tel. 555131)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 4.ª Semana
A obra prima de Jean Renoir baseado no romance de Emile Zola «A FERA HUMANA» com Jean Gabin e Simone Simon

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
4.ª semana — Por amor a César por amor a David — Entre dois amores... Rosalie CÉSAR ET ROSALIE com Yves Montand e Romy Schneider (Metro: Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos) 2.ª Semana
Um filme de André Delvaux «ENCONTRO EM BRAY» (Rendez-vous à Bray) com Anna Karina, Mathieu Carrière (Metro Alameda)

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
Joseph Cotten - Anne Baxter num filme de Orson Welles «O 4.º MANDAMENTO» 2.ª semana.

LYS (Tel. 48560)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«MALPERTUIS» e em complemento «COM JEITO VAI... GRITANDO»
(Metropolitano: Intendente)

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 4.ª semana
Uma adolescente... os sonhos a imaginação... o amor! «DESEJO DE AMAR» Isabelle Adjani e Mauriel Catala.

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Eastmancolor - Johnny Hallyday em «PONTO DE ENCONTRO» com Robert Hossein e Pascale Rivault

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos) 5.ª Semana
Goldie Hawn e Eileen Heckart em «SÓ AS BORBOLETAS SÃO LIVRES» Um filme que faz livre também. Technicolor

LONDRES (Tel. 731313)
14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
12.ª Semana
A Estrela do ano Liza Minnelli «CABARET» (Adeus Berlim) Snak-Bar «Put The Flag» o melhor encontro gastronómico

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª semana
«CHEGA-LHE... AMIGO» com Bud Spencer e Jack Palance Technicolor-scope

BERNA (Tel. 7776098)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
2.ª Semana Eastmancolor. Duas horas de grande cinema «PERSEGUIÇÃO» Um filme de René Clement.

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos) 9.ª Semana
Alfredo Landa, Sylvia Koscina e Ira Fustenberg em «NÃO DESEJAS A MULHER DO DELICADINHO» Um escândalo em graça brejeira

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo B - 10 anos)
Novo show António Calvário Em fim de festa o filme português «O DIABO ERA PORTUGUÊS»

TIVOLI (Tel. 50595)
HOJE NÃO HÁ ESPECTÁCULO
Amanhã às 15.15 - 18.30-21.45
«A ESTATUA» (Grupo D - 18 anos)

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
(Grupo B (10 anos)
54.ª Semana «Record» de exibição em Portugal! «TRINITA COW-BOY INSOLENT» com Terence Hill e Bud Spencer. Color - Scope

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«A CÔLERA DE DEUS» e em complemento «ANÓNIMO VE-NEZIANO»
(Metropolitano: Arroios-Chile)

CONDES (Tel. 322523/326710)
4 sessões diárias
14.15 - 16.30 - 18.45 e 21.45
(Grupo D (18 anos) James Coburn enfrenta... UM CASO DE URGÊNCIA Inquérito sobre um crime sem assassino!

MUNDIAL (Tel. 538743)
18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Virna Lisi, M. Ronet e Annie Cordy vivem uma apaixonante história de amor! «UM GATO NA RATOeira» Alta comédia colorida de Sergio Gobbi A noite, música de fundo por Jorge Fontes e a sua guitarra

APOLLO 70 (Tel. 763319)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
7.ª Semana Technicolor Genial! «O GRANDE CONQUISTADOR» Com Wood Allen

CASINO (Tel. 26462/264948)
17.00 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«A MAFIA MANDA MATAR»

S. JORGE (Tel. 54153/4)
15.15 - 18.15 e 21.30
James Coburn. Indomável! Aventuroso! Dominador! OS CENTAUROS
Grupo C (14 anos)

POLI TEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) O Mistério de um assassino desvendado com audácia «ENTRE A LOUCURA E O CRIME» Com George Hilton e Anita Strindberg

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Eastmancolor - um filme de Jacques Deray, um romance de Françoise Sagan «UM RAIÓ DE SOL NA AGUA FRIA»

BARS BOITES RESTAURANTES DANCINGS

FANTASMA-Dancing Caveau com variedades, Maria Helena, Odete Maria, Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto. R. Gomes Freire, 145-B Aberto das 18h às 21h e das 22.30h às 05.00h.

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. Avenida Duque de Loulé 69. Tel. 534117.

LUSO — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Ermin da e Jose Luis Tomar; fado de Coimbra por Américo Silva Em fado castiço Cristina Maria. Travessa da Queimada, 10 Tel. 362889. Aberto todos os dias.

HIPOPÓTAMO — Com Heider Reis. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A Tel. 48384

SANZALA — Dancing, Duo Ouro Negro e Conjunto Blackground Jantares e ceias até às 5 da manhã. Avenida Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Tel. 790177

EL CIDE — Dancing com o conjunto «X 4» Rua Bernardo Lima, 18-A (Ao conde Redondo) Tel. 560538 Com variedades.

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Tel. 34859/365167

CASEBRE — Rua da Barroca, 133. Tel. 369760. Encerrado aos domingos. Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues e Nazaré A 1.00h. convidado especial em tempo-show. Folclore pelos cinco tipicos de Vila Franca de Xira Tocam Carvalhinho e Julio Gomes

FRAGATA REAL — Maria Valejo Maria João Nelo e Joaquim Campos em Fado Lisboa, João Queiroz em Fado de Coimbra, acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natália Desejos e João Cabral Trav. S. Miguel, 22-Alfama-Tel. 668552

SAN-PAYO — Bar-boite c/mús.ca constante. Aberto até às 5h da madrugada Rua Rodrigues Sampaio, 34 Tel. 561422. (Ar condicionado)

JACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

FORCADO — Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins Folclore pelos 5 Tipicos de Vila Franca de Xira Ar condicionado. Rua da Rosa, 221-Tel. 368579.

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11 Encerra aos domingos Tel. 320164

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946

FONTORIA — Dancing Musica constante Variedades internacionais Praça da Alegria, 66 Tel. 35431.

PRINCIPE NEGRO — Dancing com variedades Calçada da Glória, 2 Tel. 368987.

Outros espectáculos

LISBOA/Teatros

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«Sexo, Nunca! Somos britânicos»

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Mulheres é Comigo»

A. B. C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
É o fim da macacada»

CASA DA COMEDIA
22.00 (14 anos)
«Alice nos jardins de Luxemburgo»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Grande circo de Madrid»

TRINDADE
21.45 (18 anos)
«Adriano VII»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

GIL VICENTE
22.00 (18 anos)
«As criadas»

SÃO LUIS
21.45 (14 anos)
«Missa Leiga»

LISBOA/Cinemas

CINEARTE
21.30 (14 anos)
«O Lobo Vermelho»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«O que se pode fazer com sete mulheres»

PARIS
21.30 (18 anos)
«Mocidade sem freio»

JARDIM CINEMA
21.30 (18 anos)
«Novado à italiana» e «O Passaro com plumas de cristal»

MOSCAVIDE
21.00 (14 anos)
«Os Forsytes»

PROMOTORA
21.00 (14 anos)
«Profissão assassino»

MAYER
21.00 (18 anos)
«Um homem chamado Arizona»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
2 30 (8 anos)
Os Cowboys»

OEIRAS
Oeiras-cine
2 00 (8 anos)
O Circo do Terror» e Macedonia, mulher modelo»

PARADE
Royal-cine
2 5 (0 anos)
O Vício das beatas»

ESTORIL
Casino
7 00 e 2 30 (8 anos)
«A Mafia manda matar»

Palácio
2 30 (0 anos)
«Os cavaleiros da Távola Redonda»

CASCAIS
S. Jose
2 30 (8 anos)
«Máscaras de cera»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
2 30 (8 anos)
Terror no Colégio»

AMADORA
Recreios Des. ortivos
2 5 (8 anos)
Div' da de od o

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
União Artística
2 5 (4 anos)
O Recado

ALMADA
Incrível
2 5 (4 anos)
Sarlana esta de volta»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«A cama dos comuns»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Desejo de amar»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«A noite das oito badaladas»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Maciste na Corte do rei Salomão»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«O pecador»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Cabaret»

S. JOÃO
21.30 (10 anos)
«As noites loucas do dr. Jerry»

JÚLIO DINIZ
21.30 (18 anos)
«Uma mistura de amor»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Dracula-72»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Quatro moscas de Veludo»

TRINDADE
21.30 (14 anos)
«Um violino no telhado»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (14 anos)
«O solitário do Rio Grande»

VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«Amor de mãe»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Não desejavas a mulher do delicadinho»

GIL VICENTE
21.30 (14 anos)
«Um violino no telhado»

AVENIDA
21.45 (18 anos)
«Empréstame o teu apartamento»

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«O Gigante»

DL / ÚLTIMAS



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º, 2.º, 4.º
TELEF. 654531/234
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

FIXADAS AS NORMAS DA CARREIRA MÉDICA NOS HOSPITAIS ESCOLARES

As normas a que deve obedecer a carreira médica nos hospitais escolares, bem como as condições de equiparação e de comunicabilidade com as carreiras que se desenvolvem com a carreira docente, foram fixadas no Decreto-Lei n.º 33/73, publicado hoje no Diário do Governo.

Segundo o diploma, toda a actividade médica exercida nos hospitais escolares deve assegurar as funções assistenciais próprias de um hospital central, sem prejuízo do ensino e da investigação científica que lhes cumpre assegurar e incentivar. A função de ensino dos hospitais escolares é ordenada tendo em vista a licenciatura em Medicina, cursos pós-graduados e formação ou aperfeiçoamento de especialistas, e ainda reciclagem de profissionais. Nos quadros dos hospitais escolares poderão ser criados, à margem da carreira, cargos de investigador e de médico técnico, de acordo com as necessidades de cada estabelecimento.

Segundo o diploma, a carreira médica nos hospitais escolares terá os seguintes graus: interno de policlíника, assistente eventual, assistente, professor auxiliar, professor extraordinário e professor catedrático. Os internos de po-

lícula serão nomeados por despacho conjunto dos ministros da Educação Nacional e da Saúde e Assistência, procedendo concurso documental, ao qual se podem candidatar, nos termos regulamentares, os licenciados em Medicina. São condições de preferência, eliminando cada uma delas as que se lhe seguem: a) melhor classificação de curso; b) mais alta média das classificações obtidas nas cadeiras gerais de Medicina e Cirurgia. Determina-se ainda que os internos de policlíника exercerão as suas funções em regime de tempo completo e prestação de trinta e seis horas semanais de serviço. O regime de dedicação exclusiva impede o exercício de outras actividades médicas, públicas ou privadas, incluindo clínica livre. O vencimento do interno de policlíника corresponde à letra J.

O diploma agora publicado revoga os n.ºs 3 e 4 do art.º 15.º do Decreto-Lei 414/71, determinando-se ainda que logo que os hospitais escolares disponham das condições indispensáveis para o efeito, irá sendo constituído, gradualmente e segundo regras a estabelecer, o regime de tempo completo ou de dedicação exclusiva para todas as categorias do pessoal médico.

Autonomia administrativa dos Hospitais Distritais

Os novos hospitais distritais, construídos pelo Ministério das Obras Públicas, que venham a ser entregues ao Ministério da Saúde e

Assistência serão dotados de personalidade jurídica e de autonomia administrativa, segundo o determinado no Decreto-Lei n.º 53/73, hoje publicado no Diário do Governo.

A estes estabelecimentos competem as funções próprias dos hospitais distritais, para o que lhes será atribuído o respectivo esquema de serviços, cabendo-lhes assumir a responsabilidade pela assistência hospitalar dentro da área que for estabelecida.

A administração destes hospitais pode ser oportunamente confiada às Santas Casas da Misericórdia das respectivas localidades. O pessoal que preste serviço nos hospitais das Santas Casas das respectivas localidades há mais de um ano, contado até à data do início do regime de instalação, poderá ser admitido em lugares idênticos nos novos hospitais, independentemente do requisito de idade, sendo-lhe contado, para efeitos de antiguidade e acesso, o tempo de serviço anteriormente prestado.

MODIFICAÇÃO ORTOGRÁFICA

São eliminados da ortografia oficial portuguesa os acentos circunflexos e os acentos graves com que se assinalam as sílabas subtónicas dos vocábulos derivados com o sufixo «-mente» e com os sufixos iniciados por «-z», conforme o determinado no Decreto-Lei n.º 32/73, emanado do Ministério da Educação Nacional.

O diploma refere que deste modo se aproximarão ainda mais as ortografias seguidas em Portugal e no Brasil, baixando sensivelmente a percentagem de divergências.

QUADROS ANTIGUIDADES

A GALERIA SANTIAGO, no Largo dos Lóios 3, (ao Castelo) compra ou aceita para os seus Leilões, quadros de Pintores famosos e, móveis, pratas, porcelanas, imagens, jóias, sedas, cristais, moedas, livros, etc. e conjunto de recheios. Transacções rápidas. T. 865001

LEILÕES

A GALERIA SANTIAGO, no Largo dos Lóios 3, ao Castelo aceita a realização de Leilões de qualquer género em Lisboa ou Província. Telefone 865001.

EM PORTUGAL

Estuda-se a criação do Seguro de Desemprego

Um grupo de trabalho expressamente constituído para o efeito, agrupando especialistas de vários serviços, a funcionar sob a égide do Fundo de Desenvolvimento de Mão de Obra, estuda neste momento a instituição de um seguro de desemprego generalizado, preocupação que já data de há anos mas que é agora alvo de especial atenção.

Se bem que nos círculos interessados, e ligados ao assunto, se aceite a possibilidade da sua institucionalização, ou da sua promessa oficial, ainda este ano, provavelmente até ao verão, não será possível saber quando terminarão os trabalhos em curso.

Segundo informações colhidas junto do Fundo de Desenvolvimento de Mão-de-Obra, o referido grupo para a instituição do seguro de desemprego estuda os termos de aplicação e o esquema a que obedecerá esta medida de protecção aos desempregados. Um outro problema, da maior importância e cuja resolução é fundamental para a entrada em vigor do seguro, está também a ser objecto de estudo e refere-se à definição e garantia das fontes de receita que irão cobrir os gastos nos subsídios. Apesar de não existir uma data conhecida, tanto o Fundo como o Serviço Nacional de Emprego são unânimes em afirmar haver todo o interesse em que o seguro entre em vigor no menor espaço de tempo possível.

A acontecer assim, uma grave lacuna do sistema de protecção aos trabalhadores seria, dentro em breve, preenchida. Alterar-se-ia o âmbito do Serviço Nacional de Emprego e a voluntariedade nas relações entre o serviço e as empresas e trabalhadores. Actualmente nem estes são, naturalmente, obrigados a inscrever-se naquele organismo, nem as entidades patronais estão vinculadas a comunicarem os postos de trabalho vagos. Por outro lado, uma vez a medida em vigor, teria que se efectivar um aumento do reduzido grau de penetração regional destes serviços, iniciado em 1967.

A importância da criação de um seguro de desemprego que faça a cobertura de todos os trabalhadores do país não necessita de sublinhados e do seu valor se aferirá pela sua efectiva aplicação prática. De qualquer modo, a generalização do seguro inscreve-se num campo de segurança social do trabalhador, muito afectado, ultimamente sobretudo, pelo elevado nível dos despedimentos colectivos, quer por falência empresarial, quer pelo desenvolvimento tecnológico, factor que tem sido responsável por um crescente número de trabalhadores sem meios de subsistência. E o caso recente de muitos profissionais da indústria têxtil, por exemplo.

O DESTINO DOS FUNDOS

O organismo que está mais directamente ligado a este aspecto da Previdência, o Fundo do Desemprego, além de não subsidiar, nem isso seria possível, a totalidade dos trabalhadores em desemprego involuntário, emprega as suas verbas em investimentos que não estão directamente ligados, nem beneficiam a situação destes. Segundo números recentemente tornados públicos gastaram-se, por exemplo, 39, por cento das suas receitas no financiamento de melhoramentos urbanos e ru-

rais, estradas, hospitais, e «Outros empreendimentos de interesse público». O Fundo participa também no financiamento de obras a cargo do Ministério das Obras Públicas: em 1969, comparticipou em 169 obras em igrejas e seminários, num total de 14 537 contos e cobriu 23 por cento das despesas daquele Ministério (mais de 730 565 milhares de escudos). No ano anterior o Fundo contribuiu com 30 por cento. Além destas verbas, outras são gastas com o Fundo do Teatro e com a inspecção do Trabalho.

Se é realidade o elevado número de despedimentos colectivos e a limitada aplicação dos capitais do Fundo de Desemprego, há que reconhecer, tomando para o efeito os dados fornecidos por uma publicação do Grémio da Indústria, que no ano passado aumentou consideravelmente o número de empregos, pelo menos nos sectores das indústrias extractivas e transformadoras. Provando-o está o facto de, entre Abril e Setembro de 1972, terem sido criados, nesses sectores, perto de 6,4 mil

novos postos de trabalho. Apesar de não se definirem, salarially, esses empregos o que seria importante a se afirma: «Considerando as principais regiões industriais do país: Lisboa, Porto, Setúbal, Aveiro, Braga e outros distritos. Verifica-se que todos eles aumentaram os efectivos fabris entre Abril e Setembro de 1972. Em Lisboa criaram-se 1,6 mil novos empregos, no Porto 0,3 mil novos empregos, Setúbal 0,3 mil novos empregos, Aveiro 0,2 mil novos empregos, Braga 0,1 mil novos empregos e outros distritos 3,9 mil novos empregos. F. de notar que o grupo residual outros distritos está particularmente influenciado por aspectos de ordem sazonal.

De Outubro findo até Março de 1973, prevê-se que em Lisboa sejam criados mais 0,3 mil novos empregos, no Porto 0,9 mil novos empregos, Aveiro 0,1 mil novos empregos. Por seu turno o distrito de Setúbal e outros distritos deverão diminuir os efectivos fabris respectivamente de 0,6 mil e 2,6 mil.»

EXEMPLOS

A generalização do seguro de desemprego irá, sem dúvida, aproximar o sector da segurança social de nível mais europeu cujas experiências e desenvolvimento são, em muitos casos, bastante mais aperfeiçoados. Na República Federal Alemã, por exemplo, uma lei regula desde 1927 o seguro de desemprego, sendo reformada em 1969, com o objectivo de evitar ao trabalhador a perda do seu «status» social em consequência da falta de trabalho. Mas a quota de desemprego é bastante baixa: em 1970 registavam-se 94 800 desempregados contra 891 700 vagas por preencher. O seguro de desemprego, tipo de seguro social que abarca mais beneficiários do que qualquer outro é constituído por uma mensalidade básica acrescida de um suplemento familiar que em média representa 62,5 por cento do ordenado recebido à altura do despedimento. Além deste seguro, existem outras formas de assistência.

90 mil contos para cantinas e residências escolares

Uma centena de cantinas em escolas primárias e 83 em estabelecimentos de ensino preparatório e secundário, uma nova cantina universitária no Porto e sete residências para 580 estudantes não universitários vão ser construídos no âmbito do programa extraordinário de desenvolvimento da acção social escolar, que para o efeito foi dotado com 94 mil contos, segundo um despacho do

secretário de Estados da Juventude e Desportos.

As cantinas do ensino primário vão custar 25 mil contos e ficarão instaladas nos distritos de Aveiro (5), Beja (5), Braga (3), Bragança (6), C. Branco (6), Coimbra (6), Évora (5), Faro (5), Guarda (6), Leiria (2), Lisboa (3), Portalegre (3), Porto (5), Santarém (4), Setúbal (4), Viana (5), Vila Real (10), Viseu (5), Horta (2) e P. Delgada (2).

Os números indicados poderão ser ultrapassados.

A instalação e apetrechamento das 83 cantinas do ensino secundário e preparatório, além da verba de nove mil contos já inscrita no orçamento do I.A.S.E. vão custar 34 500 contos e beneficiarão quinze secções liceais, e 65 escolas preparatórias distribuídas por localidades de todos os distritos da Metrópole. Os distritos de Santarém e de Viseu são os mais beneficiados: nove e onze cantinas, respectivamente.

No Centro Universitário do Porto, vai ser instalada uma nova cantina, para que foi destinada a verba de 2 500 contos.

As sete residências de estudantes que vão ser construídas ou adaptadas envolvem uma despesa global de 22 mil contos e ficarão situadas em Vimioso (70 alunos), Mirandela (100), Pampilhosa da Serra (70), Anadia (80), Santarém (100), Ponta Delgada (60) e Porto (100).

No despacho salienta-se que a criação do Instituto de Acção Social Escolar dispôs em 1972 de 190 mil contos, situando-se a sua actividade «numa política de contínua democratização do ensino em Portugal», salientando que «apesar de nunca se ter realizado tanto», todos «sentem a obra enorme que é necessário ainda realizar neste domínio».

JOVEM MILITAR DESAPARECE DE AVIÃO

Cessaram já, sem resultados, as buscas para localização do monomotor que desapareceu depois de largar do aeroporto de Faro, na manhã de sábado.

Estão ainda em curso, mas não se conhecem as suas conclusões, as diligências diplomáticas para confirmação do paradeiro do 1.º cabo miliciano João Hanzler Vieira Branco, de 22 anos, que tripulava o aparelho. Com ele seguia uma jovem estudante de 17 anos, Maria Alice Ribeiro de Sá Teixeira, transportando larga quantia em dinheiro, e um regente agrícola de 18 anos, Alberto Francisco do Espírito Santo Fernandes.

Um informador do aeroporto de Faro, não podendo repudiá-la completamente, julga ser de afastar a hipótese de acidentais buscas em terra e no mar do Algarve, em que participaram aparelhos do aeroclube daquela cidade e as autoridades do distrito, em especial a G.N.R. O «Auster», com os depósitos de combustível atestados, tinha uma autonomia de voo de quatro horas, o que lhe permitiria atingir qualquer aeroporto do Norte de África.

João Hanzler Vieira Branco prestava serviço no Regimento de Infantaria estacionado em Faro. Piloto desportivo há quatro anos, largara daquela cidade declarando a intenção de seguir para Évora, onde trataria da sua vida escolar, regressando ao fim da tarde. Pouco depois da decolagem, cortou-se o contacto entre a fonia do aparelho e a escuta do aeroporto.

As autoridades aeronáuticas esgotaram já as possibilidades de confirmação da chegada do «Auster», a qualquer aeroporto nacional, espanhol ou norte-africano. Destes últimos, só Tânger não desmentiu (nem confirmou) a aterrissagem do aparelho nas suas pistas.

Em contacto com a mãe do piloto desaparecido, o «DL» obteve apenas, e mais uma vez, a resposta: «Não se sabe nada, não posso prestar qualquer esclarecimento».

"RAPTADO" PELO PAI?

Tudo parece indicar ter sido o próprio pai o pretensor «raptor» da criança desaparecida da Cruz da Argola no passado sábado.

Efectivamente, a Polícia localizou e interrogou já o proprietário e condutor do pequeno automóvel branco que transportou pai e filho do local (a três quilómetros de Guimarães) para o Porto, onde ficaram, embora não tenham sido ainda encontrados o pequeno Manuel José de oito anos, e o pai, ex-agente da PSP.

O "APETITE" DAS GRANDES EMPRESAS

N.º 44
6 DE
FEVEREIRO
DE 1973

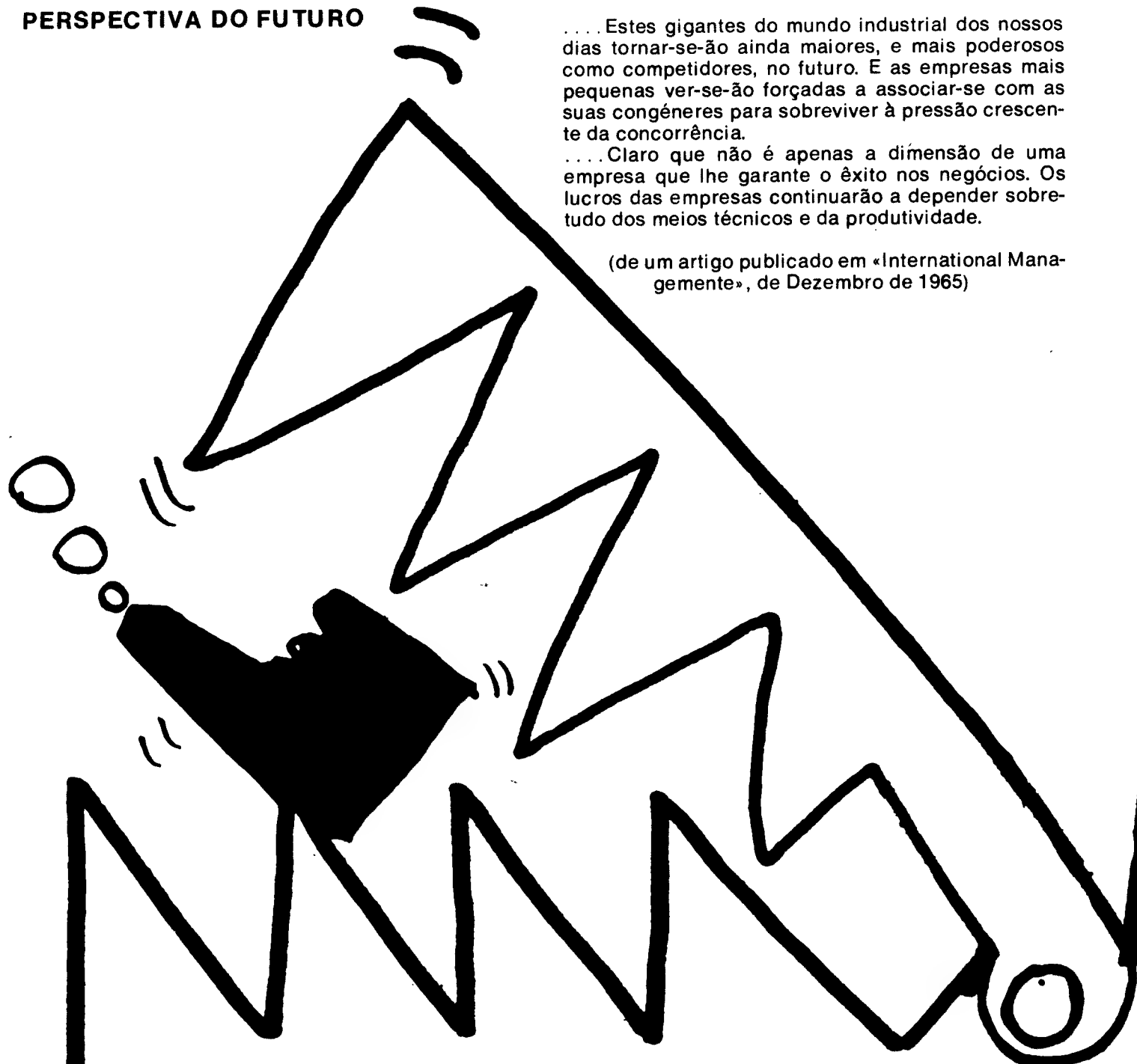
Economia

PERSPECTIVA DO FUTURO

.... Estes gigantes do mundo industrial dos nossos dias tornar-se-ão ainda maiores, e mais poderosos como competidores, no futuro. E as empresas mais pequenas ver-se-ão forçadas a associar-se com as suas congéneres para sobreviver à pressão crescente da concorrência.

.... Claro que não é apenas a dimensão de uma empresa que lhe garante o êxito nos negócios. Os lucros das empresas continuarão a depender sobretudo dos meios técnicos e da produtividade.

(de um artigo publicado em «International Management», de Dezembro de 1965)



ACORDO ENTRE DUAS GRANDES FIRMAS — ALEMÃ E FRANCESA — NO DOMÍNIO DA ELECTROMECAÂNICA

.... A C. G. E. (Compagnie Générale de Électricité) e a M. A. N. (Maschinen Augsburg-Nürnberg) concluíram um acordo para estudo e produção de turbinas a vapor destinadas às centrais clássicas e às centrais nucleares.

.... As empresas multinacionais vão tomando posições para o domínio da Europa do Mercado Comum e, ao associarem-se com firmas de outros países, promovem a sua penetração nos respectivos mercados, o que lhes seria difícil por outra via.

.... De facto, tem-se verificado, nos dez principais países capitalistas europeus, que um máximo de 15 por cento da capacidade instalada no sector da produção de energia eléctrica provém de equipamento importado.

LIGAÇÃO ENTRE EMPRESA PETROLÍFERA E EMPRESA DE TRANSPORTE MARÍTIMO

.... A Esso, empresa petrolífera ultimamente bastante referida a propósito da Guiné, negociou com a Worms Compagnie Maritime et Charbonnière a constituição de uma nova sociedade, a Worms Distribution, que se encarregará da actividade de distribuição de combustíveis sólidos e líquidos e da venda de material de queima.

.... O presidente da nova sociedade será o actual presidente daquela companhia marítima.

Na Pág. três

Por FRANCISCO CORRÊA GUEDES

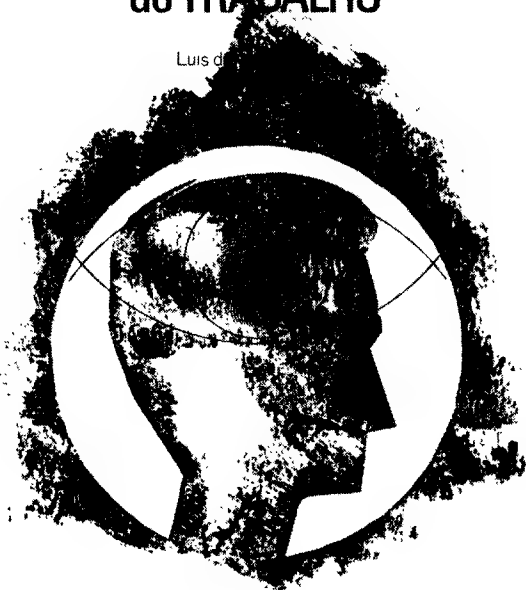
O PNB E OS SEUS FANTASMAS

Sabadel

UM LIVRO POR SEMANA

Regulamentação
de TrabalhoREGULAMENTAÇÃO
do TRABALHO

Luís de



Regulamentação do trabalho

Luís de Abreu Ribeiro

(198 páginas)

Plátano Editora

Este livro, editado sem alaridos, modestamente, vem apresentar uma útil «arrumação» das condições legais de exercício profissional. Segundo o autor, na abertura do livro, «esta obra nasceu e tomou forma nas aulas de Formação Corporativa na Escola Industrial e Comercial de Abrantes». Ainda segundo essa introdução, o autor quer considerar o livro como obra colectiva pois resultou de apontamentos tomados pelos seus alunos, e por sua iniciativa copiografados.

No índice geral, propriamente dedicado à matéria do livro, temos:

- Introdução** — Antecedentes da regulamentação do trabalho
Parte I — Organização e regulamentação do trabalho
Parte II — Relações colectivas de trabalho
Parte III — Contrato individual de trabalho
 O livro de Luís de Abreu Ribeiro tem ainda um «apêndice» com sumário, bibliografia e siglas, e quatro «notícias»:
 I — Panorâmica e esquemática dos órgãos de soberania nacional e da administração pública (visão simplificada)
 II — A organização corporativa portuguesa.
 III — Aspectos fundamentais da regulamentação do trabalho e da previdência em Portugal
 IV — A Organização Internacional do Trabalho (breve notícia)

KM 11,3 CARRETERA DE BARCELONA, MADRID 22

Auto-serviço grossista exclusivamente para comerciantes, retalhistas regulares, legalizados, dos ramos alimentar e não alimentar. Superfície total 40.000 m². Parque de estacionamento para 1.000 veículos. Variedade de produtos à venda: 35.000. Horário de funcionamento: das 7,30 da manhã às 10 da noite. Dois turnos de pessoal. Encerramento ao domingo.

É este o cartão de visita do «cash and carry». C.A. Atlas, originariamente holandês, trajando à espanhola, integrado na organização estendida pela Bélgica, Inglaterra, Alemanha, França, Dinamarca, Áustria, Itália, União Sul Africana e Brasil. Empório, PEGUE E PAGUE, correspondente a 45 armazéns tradicionais, inaugurado em 18 de Setembro último, cerca do aeroporto de Barajas.

Chegará a Portugal em 1974, com a instalação de uma unidade na periferia de Lisboa. Seguir-se-á uma outra no Porto e, finalmente, mais outra em Lisboa, máximo comportável segundo rigorosos, quão recentes, estudos feitos pela organização.

Estas unidades giram sob a administração comum para a península Ibérica, dado que a cobertura dos elevados gastos administrativos obriga à existência mínima de 5 unidades.

Cada unidade compreende um, e só um, elemento originário da Holanda. Todo o demais pessoal é da nacionalidade do país onde o auto-serviço funciona, sendo o mesmo preparado e mentalizado consoante a missão a cumprir.

De revolucionário, de novo, no universo das compras e das vendas, que pretende «Makro»?

Ser um terceiro elemento, para facilitar o ofício do comprador, graças à sua equipa de pesquisa e selecção de produtos, de forma a deixar mais capacidade ao retalhista para vender mais e melhor, no momento preciso, ao encontro das motivações do consumidor, adivinhadas por «Makro».

Também pretende ser o armazém do retalhista, pois este numa só visita pode comprar ao mesmo tempo todos os produtos de que carece e, de acordo com o seu espaço disponível na loja. Pode empacar uma caixa, ou uma só unidade da caixa, logrando ao mesmo tempo vender produto recente, de qualidade, e apresentação não envelheci-

dos, com garantia total da «Makro».

Oferecer o preço mais competitivo pela funcionalidade dos serviços, pela eliminação dos gastos com pessoal de vendas e distribuição, cada dia mais cara, mercê do emaranhado crescente, das dificuldades de toda a ordem.

A quem se dirige Makro. Exclusivamente a retalhistas, hotelaria e compradores profissionais para o comércio ou indústria, logo, com exclusão do consumidor particular.

Como podem estes identificar-se, para alcançar e operar na área coberta de vendas deste mundo novo de comércio, andar térreo e sobre loja cercadura, que ocupa cerca de um terço dos 40.000 m² do seu conjunto?

Através dum passaporte «Makro» para produtos alimentícios que, é comum de todo o território, ou seja de todas as secções. Ou passaporte não alimentício que, é confinado apenas aos produtos não alimentares.

O passaporte é concedido a quem apresente às suas contribuições em devida ordem e, contra o Bilhete de Identidade legal.

Do passaporte consta: o nome da firma, social ou individual, sede, um ou dois compradores autorizados, identificáveis através das assinaturas no próprio passaporte, a ratificar pelas idênticas do Bilhete de Identidade.

O acesso, ou seja a passagem da frenteira, é feito por uma só porta, onde o controle diário

é mais rigoroso do que na alfândega. As saídas são duas, servidas por 18 caixas, terminais do computador privativo do edifício.

No andar térreo estão montadas terras de estantes de nove andares. Os 3 inferiores funcionam como prateleiras expositivas de vendas; os 6 restantes são armazéns dos mesmos produtos, que baixam através de empilhadores accionando paletes, logo que necessário, para alimentação do sector de vendas.

Metade do rez do chão, é pa-

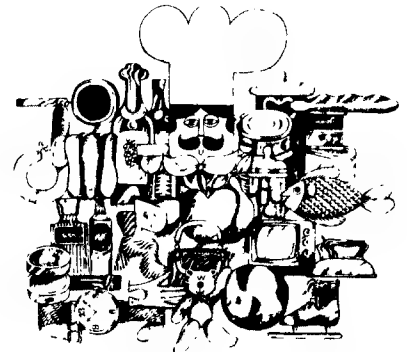
ra produtos alimentares. A outra metade para artigos não de alimentação. Nas galerias sobreloja, enquadrando as altas estantes, e servidas por duas escadas mecânicas, temos electrodomésticos, móveis, discos fotográficos, joalharia, confecções para homem, senhora e criança, artigos de viagem, etc..

Lateralmente, atracado a este corpo do edifício, o restaurante e a cafeteria.

No lado oposto ao serviço, de escoamento, os serviços privativos de reabastecimento.

JOSÉ ALVES

el mayor
autoservicio mayorista
del mundo
llega a Madrid

A RIVALIDADE
GENERAL

ELECTRIC- WESTINGHOUSE

As duas maiores empresas americanas de construção de equipamento electromecânico transpuseram para a Europa a sua rivalidade, sendo rara a instância em que, aparecendo uma delas, a outra não surja disposta a lutar.

No quadro abaixo transcrevem-se as suas principais ligações em alguns países europeus:

	General Electric	Westinghouse
Alemanha	AEG*	Siemens* (o acordo expirou em fins de 1972)
Bélgica		ACEC
Espanha		Cenemesa
França	CGE-Alsthom-Sogerca	Creusot-Loire-Feumont-Schneider Framatome
Itália	ASGEN-Finmeccanica AMN	Franco Tosi-Ercole Marelli Fiat-Breda
Noruega		National Industri
Países Baixos		Neratoom

* — duas empresas alemãs que lutaram, desde o início do séc. XX, pelo domínio do mercado alemão, acabando a A.E.G. por se destacar e disputar à General Electric o domínio mundial, luta que terminou com um acordo de partilha do mundo, realizado entre as duas sociedades em 1907.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
UM BANCO VOLTADO AO FUTURO

DEPÓSITOS À ORDEM
ATÉ 50 CONTOS

3%

DEPÓSITOS A
181 DIAS

5,25%

DEPÓSITOS A MAIS
DE UM ANO

5,75%

O P.N.B. E OS SEUS FANTASMAS

Promovida pelo Ministério da Economia e Finanças de França, realizou-se em Paris, em meados do ano passado uma reunião de economistas, sociólogos e políticos eminentes com o objectivo duma ampla reflexão sobre o desenvolvimento económico, seus custos e benefícios sociais e humanos e seus conflitos com a justiça social. Galbraith, presidente da Mesa no primeiro dia de trabalho não perdeu a oportunidade de evidenciar a firma da sua ironia associada à justeza da reflexão no seguinte comentário à exposição que Roger Garaudy acabara de fazer.

«... permitam-me chamar-lhes à atenção sobre a forma como o prof. Garaudy deixou passar a ocasião, no seu discurso, de os informar de uma das grandes maravilhas da economia: ele sublinhou que as despesas do Ministério francês da Saúde Pública eram aproximadamente equivalentes aos rendimentos do monopólio do tabaco. Espero que as possibilidades de crescimento económico que residem nesta simples e notável constatação não tenham escapado a nenhum de nós. Sendo certo que está bem assente, hoje em dia, penso eu, que o consumo do tabaco é uma coisa iminente dessas terríveis doenças que são as afecções cardíacas, o cancro do pulmão, o enfizema e outras desordens do organismo e que, com o aumento do consumo do tabaco aumente o Produto Nacional Bruto, então aumentará consideravelmente também as despesas do Ministério da Saúde Pública, reforçando ainda mais o aumento do PNB. É necessário portanto concluir-se que existe, para aumento do PNB uma fórmula cuja eficácia é dupla da do consumo de qualquer outro produto...»

Assistimos hoje a esforços consideráveis visando a «desmitificação» dos indicadores económicos como expressão do progresso e desenvolvimento sociais.

O defeito não está, como é evidente, nos conceitos cuja utilidade é incontestável, mas na ignorância, esquecimento ou indiferença pelas premissas e condicionamentos que informam a sua definição. Inerentes a esta definição e inseparáveis dela devem estar bem presentes as mínimas limitações, reservas e restrições à sua operacionalidade.

Curiosamente, mesmo assimilando que são tantas e tão grandes essas reservas, isso como que é relegado para segundo plano emergindo de forma dominante a mobilização das intenções para que tais indicadores cresçam o máximo e o mais rapidamente, aceitando-se que nada melhor existe ainda para identificar o progresso económico, social e a difusão do bem estar.

O QUE SÃO OS CONCEITOS

O que é o PNB? Ensinam-nos ser a forma de tudo quanto se produz dum economia, sejam bens ou serviços, desde que se transacionem no mercado (ou, quando assim não seja se possam imaginar como tal por meio de imputações como por exemplo, no caso de

consumo de produção própria ou rendas de habitações ocupadas pelos próprios proprietários, etc.) e possam por isso ser medidas em «moeda». Esta é a única forma possível de somar quilovátios de electricidade, com metros de tecido com quilos de carne, consultas médicas com sessões de cinema, etc. Nos fundamentos do conceito vamos reencontrar uma vez mais a lógica do sistema de mercado e, na preocupação «política» de sua medição cuidadosa e permanente, o «dictum» de intervenção estadual na regularização da vida económica — emprego máximo estábilidade de preços — consequente às desordens de Grande Depressão. A promoção do PNB a indicador de desenvolvimento é bastante mais recente.

O sistema de mercado, glorificado por gerações de economistas, saído sempre vitorioso de todos os ataques de Adam Smith a Wals, de Wals a Marshall, de Marshall a Fridman ou Jacques Rueff, é um marco de referência teórico com força de persuasão insuperável.

Os consumidores, plenamente conscientes das suas preferências decidem a produção, pelo empenho permanente em tomar máxima a sua «utilidade» o que só virá a acontecer quando a distribuição dos seus gastos pelos diferentes bens seja tal, que nenhuma transferência de gasto de um bem para outro lhe traga qualquer vantagem.

Do outro lado, os produtores, submissos e argutos, empenhar-se-ão em tomar os seus lucros os maiores que possa ser, num mundo de sã concorrência, e isso só pode ser conseguido temporariamente desde que sejam capazes de distribuir os recursos necessários à produção de forma mais eficiente.

Para assegurar o funcionamento disto os preços estabelecem o «equilíbrio» do face-a-face estabelecido no mercado entre consumidores soberanos e produtores avisados, bastando que tal que o mercado seja «aberto», transparente (todos estão perfeitamente informados de tudo), não manipulado. Preços e quantidades ficam portanto determinados e se o PNB é a soma de tudo quanto se produz por força do voto do rei consumidor apresentado seu produtor, ele constituirá como que uma medida de «satisfação nacional». Quanto maior PNB, maior a «satisfação nacional» como decorre.

Os golpes demolidos do desengano a má ciação, se obrigaram a uma revisão profunda das idéias assen-

Por FRANCISCO CORREIA GUEDES

— Os conceitos definidos não procuram está-lo de maneira perfeitamente «académica» mas no sentido de facilitar a compreensão. Por exemplo, o Produto Nacional Bruto é conceito que não inclui mais do que produtos finais, eliminando-se na contabilidade nacional — as duplicações.

tes, reforçaram e consolidaram o papel dos indicadores. Eles passam a ser «o painel de instrumentos» da política económica. Definidos os esquemas da intervenção do estado nas funções correctiva e supletiva, é esta a altura de mais intensa e completa formalização da Contabilidade Nacional. O que era desejável que se conhecesse passa agora a ser imperativo. A nossa linguagem económica passará a gravitar em torno de PNB, Rendimento, Formação de Capital etc....

O PNB, mede, portanto, um imenso e inorgânico conjunto de coisas indispensáveis umas, algumas toleráveis, outras respostas até. Quem o determina? Certamente que parte muito significativa (e cada vez mais) da produção é determinada por interesses que se não identificam com os da grande maioria das pessoas, mesmo que estas (ou por isso mesmo) por deficiência de produção ou importância de expressão os não saibam ou possam formular. A ela fica, apenas, portanto, um campo muito limitado de afirmação na sua exclusiva qualidade de consumidores. Mas, de «soberania» do consumidor só restam vestígios: a pressão psicológica asfixia a vontade própria. Pense-se, por exemplo, que as despesas feitas com publicidade pelo grupo de países ditos industrializados representam 10 vezes (dez!) o total dos auxílios financeiros que os mesmos países prestam ao terceiro mundo!

Não é possível deixar de contar esta alienação entre uma das causas importantes da imensa e perturbadora contestação dos jovens que recusam ver-se manipulados e exigem uma total revisão de valores.

A QUALIFICAÇÃO DOS OBJECTIVOS

Nenhum país deixa hoje em dia, de formular em termos de PNB e sem crescimento, os seus objectivos de desenvolvimento e declaradamente fazê-los coincidir com o desenvolvimento social. Isto é, difunde na colectividade, pelos poderosos meios ao seu dispor, a convicção de que o crescimento dos indicadores corresponde e é condição básica do progresso da comunidade e da melhoria das condições de vida das populações.

Ora isto, é só meia verdade.

O nível e o crescimento do PNB devem ser qualificados por outros indicadores e de objecto de reservas prudentes, sem o que, perdem substância e sentido. Num país muito atrasado é quase certo que o cresci-

mento do PNB tenha efeitos que mais que largamente compensam os «custos sociais» suportados. Mas à medida que aquele nível é mais alto a relação «crescimento de produto/crescimento de custos sociais», começará, muito possivelmente, a ser mais pequena. Começa hoje a pensar-se que, em futuro não muito distante tal relação possa deixar de ser superior a 1 (não há nisto, evidentemente unanimidade de vistas).

Como definir «custos sociais» neste processo? Esta é uma complicada tarefa. As variáveis são muitas, muitas reveladas já, antes que se revelarem ainda, à medida que o processo avança.

O volume de emprego, a taxa de inflação, variáveis de curto prazo: a degradação do meio ambiente, o esgotamento dos recursos naturais, a saúde pública, as discriminações, os efeitos sobre distribuição do rendimento, variáveis de prazo mais longo, são apenas algumas das que ocorrem imediatamente. Todo um mundo de investigações, na identificação e na forma de «estimar» os «variáveis sociais», se abre à vossa frente.

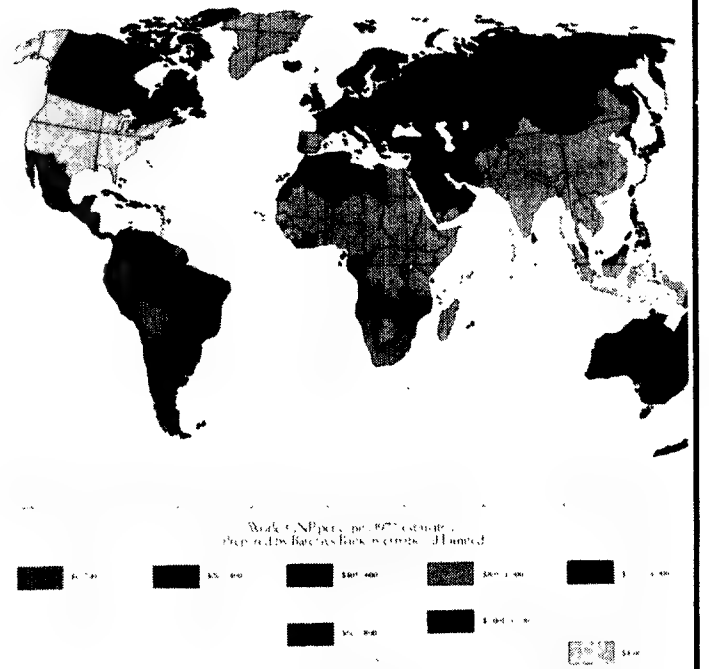
UM EXEMPLO. A DISTRIBUIÇÃO DO RENDIMENTO

Para fixar ideias e concluir, vamos procurar mostrar a confusão e contradição que pode existir entre «Desenvolvimento» quando medido pelo PNB ou pelo «Rendimento Nacional» e os objectivos de atenuação nas disparidades dos rendimentos individuais, que se tende a crer que com aquele venham associados.

Para isso, partiremos da situação portuguesa que de formamos num sentido claramente optimista, o que reforçará as conclusões, como vamos ver.

Seja de 150 milhões de contos o Rendimento Nacional Português e de 50% — 50% a sua divisão entre remunerações do trabalho (salários e ordenados) e remunerações de outros factores de produção (render, juros, lucros, dividendos).

Façamos agora uma hipótese optimista: a de que seja de 20% a parte da população que detém a propriedade de factores que não o trabalho e de 80% a parte da população cujos rendimentos provêm unicamente do trabalho (o detentor de propriedade ou capital, também em regra está empregado auferindo um salário e da mesma forma existem assalariados detentores de pequena propriedade: para o exemplo isto é irrelevante. Poderíamos usar outro caminho — com



iguais conclusões — : dividir os rendimentos em duas classes, altos e baixos, ficando a separação por exemplo no nível que determina o pagamento de imposto complementar). Então, sendo a população de 9 milhões, temos que 20% = 1.800.000 pessoas dispõem de 75.000.000 contos, o que dá um rendimento anual por pessoa, de $75.000.000 / 1.800.000 = 41,6$ contos, enquanto que 80% = 7.200.000 pessoas dispõem de 75.000.000 contos significa um rendimento anual por pessoa deste grupo, de $75.000.000 / 7.200.000 = 10,4$ contos.

Suponhamos agora que a economia portuguesa con-

20% pessoas = 1.800.000 dispõem de 75.000.000 + 4.500.000 = 79.500.000 passando a ser de $79.500.000 / 1.800.000 = 44,1$ contos o rendimento por duas pessoas, enquanto 80% pessoas = 7.200.000 dispõem de $75.000.000 + 10.500.000 = 85.500.000$ e o rendimento por pessoa ano deste grupo passará a ser de 11,8 contos.

Os jornais podem agora dizer: «o leque» dos rendimentos em Portugal, «fechou-se», no ano tal, pois passou de 41,6:10,4 = 4 para 44,1:11,8 = 3,7.

Eis uma «verdade mentirosa»! A distância entre os rendimentos que era de 41,6 — 10,4 = 31,2 contos aumentou para 44,1 — 11,8 = 32,3 contos! O fosso alargou-se. O rendimento dos mais favorecidos subiu de 2,5 contos enquanto o da maior parte da população apenas subiu 1,4 contos!

É certo que, à primeira vista, toda a gente ficou melhor. O que ajuda a grande maioria a conformar-se com a sorte que lhe cabe. Mas parece-nos dificilmente contestável que se tenha como

segue num ano um crescimento espectacular de 10% em termos reais, ou seja, mantidos os preços constantes (ver nota), o Rendimento sobe de 15 milhões de contos.

Mas vamos mais longe: admitamos que na sequência dum franco entendimento entre patrões e trabalhadores os primeiros «aceitam» apenas 3% daquele aumento enquanto 7% beneficiarão o trabalho, isto é, enfiarão lucros, rendas e dividendos apenas aumentam de 4.500.000 contos, as remunerações do trabalho «ganham» 10.500.000 contos.

A nova situação é como segue:

objectivo social de primeira importância atenuar as diferenças que tão grandes são: sendo assim, é indispensável formular claramente esse objectivo e claramente definir a política atinente à sua consecução.

NOTA — A população vale a pena lembrar o paradoxo que existe, quando, por via de inflação os detentores de propriedade e capital podem conseguir mais participação na distribuição de rendimento muito embora a taxa de aumento de salários possa exceder a dos preços e portanto, os trabalhadores ganhem, em termos reais. Deixaremos a explicação (de resto bem simples) deste paradoxo para artigo próximo

INDÚSTRIAS
CAMBOURNAC

Das nossas fábricas directamente ao público
A bem da sua economia consulten-nos

Em defesa da sua comodidade utilize a nossa Frota Automóvel que, gratuitamente, transportará as encomendas a sua casa.
Descontos especiais às tricoteiras FILIAIS E DEPÓSITOS
Largo da Anunciada, 11 - T. 326415
Av. Almirante Reis, 28-B - T. 833811
L I S B O A

FIOS PARA TRICOT

A FUNÇÃO ECONOMISTA NA VIDA PORTUGUESA



... Continuamos a publicar pedaços da «mesa-redonda» sobre a função economista na sociedade portuguesa, promovida pelo Sindicato Nacional dos Comercialistas. A partir deste número do suplemento passaremos a transcrever a forma como foram encarados, pela mesa animadora, alguns problemas particulares da actuação dos economistas na sua participação na vida social. Fá-lo-emos enquanto nos parecer que terá interesse essa divulgação de pontos de vista, que sobretudo gostaríamos de medir pelas reacções e opiniões que até nós chegassem.

... Para hoje, publicamos o diálogo entre o dr. Mário Baptista, nosso colaborador, que moderou a reunião, e o dr. Brasão Gonçalves sobre o problema da articulação da «economia» com a «política».

... Mais não se faz que oferecer pontos para reflexão, aliás na própria linha definida e afirmada pela mesa durante a reunião dos economistas.

“A Economia e a Política”



M. B. — Sabe-se que, em matéria de realizações de âmbito público, as diferentes opções de desenvolvimento podem ser apreciadas sob ângulos não exclusivamente económicos. Haverá que entrar também com o social e o político. Que se pode dizer a este respeito?

B. G. — No âmbito do desenvolvimento nacional, cabe ao político tomar as decisões que melhor sirvam os objectivos sociais, incumbe ao económico informar quem toma as decisões sobre os elementos desta natureza, quer estes devam ser considerados objectivos a atingir, quer sejam apenas limitativos ou condicionantes das decisões a tomar. Quando o político decida sem ter em conta o económico, evidentemente que este aspecto da realidade resultará mal resolvido. Só por mero acaso assim não sucederá. A inversa é também verdadeira: as opções de desenvolvimento no domínio das realizações públicas não poderão ser apreciadas somente sob ângulos exclusivamente económicos.

M. B. — Surge, por vezes, a tentação de separar o económico do político. Porquê?

B. G. — A tentação de separar o económico do político resulta em grande parte das dificuldades que a introdução do económico pode trazer ao político na tomada de decisões, muito em especial quando exista falta de tradição nesta cooperação ou, o que é mais grave, quando haja certo desconhecimento da utilidade que o económico pode proporcionar.

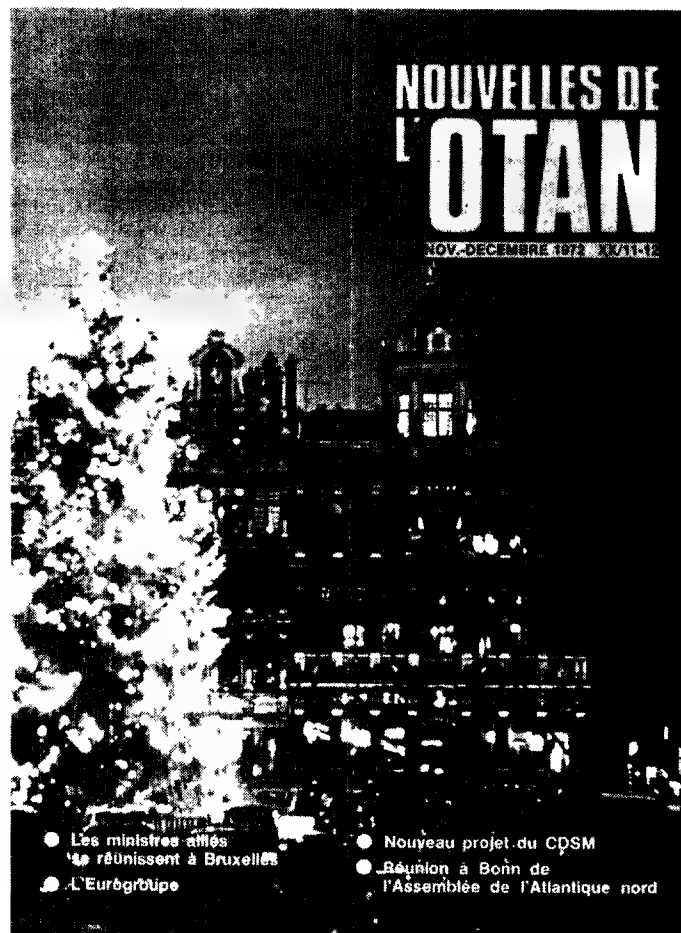


M. B. — A experiência nacional mostra que se tem verificado a predominância do político sobre o económico. O que se afigura desejável é que as decisões políticas sejam previamente aferidas pela economia. Será assim?

B. G. — É de facto desejável que as decisões políticas tomem na devida conta o económico. Não tem, porém, acontecido assim no domínio da experiência nacional. Pelo contrário, tem-se verificado bastantes vezes até o puro alheamento deste aspecto da realidade. As decisões deverão não só ser previamente aferidas pela economia mas, até agora, em muitos casos, tomada como objectivo a atingir.

Por JACQUES ATTALI
Exclusivo «Le Monde»-DL

Na realidade moderna, os produtores, com a publicidade comercial, exerceram, durante muito tempo, um monopólio de facto sobre a Informação económica. As associações de consumidores esforçam-se, pouco a pouco, por reequilibrar o debate e melhorar a escolha dos produtos comercializados. Mas, para lá do confronto entre consumidores e produtores no mercado dos bens privados, a Informação e a publicidade desempenham um papel no processo de repartição da produção entre bens privados e bens colectivos.



Um organismo político-militar internacional

CONSUMO PRIVADO E CONSUMO COLECTIVO

Poder-se-á compreender tal papel? A questão não é simples. É, no entanto, muito urgente. Se é, com efeito, muito difícil demonstrar que a publicidade comercial exerce uma influência quantificável sobre a concentração das empresas ou sobre a parte que cabe no mercado a um produto, é inegável, no entanto, que, nos países onde a publicidade está muito desenvolvida, o consumo privado cresce mais depressa que o consumo colectivo: entre 1955 e 1970, o consumo privado cresceu na Alemanha 1,32 vezes mais depressa do que o consumo colectivo, 1,42 vezes em Itália, 1,49 em França, 1,78 ve-

zes na Grã-Bretanha, 2,93 na Holanda.

Assim, em dez anos, em França, as despesas com a conservação dos automóveis, em francos constantes, aumentaram de 167 por cento, ao mesmo tempo que as despesas com os transportes colectivos urbanos desceram de 5 por cento.

Além disso, para além dos números, estas diferenças de evolução são imediatamente perceptíveis: o desenvolvimento das respostas privadas às necessidades inicialmente produzidas de maneira colectiva — águas de mesa, sistemas privados de formação permanente ou clínicas particulares, até mesmo, em certos países, a segurança social privada ou as polícias particulares — são exemplos desta transfe-

rência para o sector privado da produção de certos serviços colectivos. A simultaneidade destes fenómenos e o crescimento da publicidade comercial não constituem, evidentemente, uma prova definitiva do seu papel na evolução dos modelos de consumo. O mecanismo de contribuições sobre o mercado dos recursos e dos rendimentos continua, em economia liberal, a ser o principal responsável daquele desequilíbrio. Isso não impede, porém, que a publicidade desempenhe um importante papel no processo, cuja análise não é simples e continua muito discutida.

Para alguns, se existe, a sua influência é largamente compensada pela da Informação e a propaganda política, que equivaleria a uma publicidade para o consumo colectivo. A meu ver, isto é inexacto e é necessário distinguir, nitidamente, aqueles dois tipos de Informação: se a publicidade comercial é, ao mesmo tempo, exacerbadora de desejos, criação de necessidades e orientação para um determinado produto, a propaganda política é, apenas, orientação para um programa e um candidato. Os partidos políticos não consagram, ou quase não consagram, dinheiro à promoção do consumo colectivo, quer por falta de meios, quer por reticências ideológicas ou por não terem que propôr a fiscalização necessária ao seu financiamento. A propaganda e a produção mitológica vêm, então, suprir a insuficiência dos serviços colectivos, deixando o campo livre ao dinamismo do sistema industrial privado. A perenização dos regimes conservadores nas sociedades ocidentais desenvolvidas explica-se, talvez muito bem por aquela convergência de interesses dos governantes e das potências industriais.

É então certo que, no estado actual da sua utilização, a publicidade acentua a evolução da nossa sociedade para um modelo que favorece o consumo privado. Tendo de escolher entre a compra de um novo automóvel que a publicidade lhe diz ser indispensável para a sua felicidade, e a aceitação de uma subida dos impostos para financiar o desenvolvimento dos transportes colectivos, nenhum consumidor hesitará em optar pela primeira solução. Mal defendidos, nunca valorizados num modelo de comportamento social, o consumo cultural, o gesto pela igualdade das oportu-

UTIL
PA

Entre os diversos aspectos da investigação económica teórica actual, há um pelo menos, que deveria interessar, para já, o político: a teoria da Informação. Tal como com a física nuclear, a respectiva da investigação sofreu grande modificação quando os economistas decidiram levar em linha de conta o papel e o custo da circulação da Informação. Muitas coisas mudariam se essa mesma preocupação animasse os dirigentes económicos.

Claro, apercebemo-nos bem, hoje em dia, do impacto da Informação sobre as evoluções económicas: a Informação dos que fazem economias, dos trabalhadores, dos consumidores ou dos cidadãos influentes, é bem perceptível nos respectivos comportamentos. Mas é difícil a análise precisa de tais influências. A teoria económica permite, apenas, no seu estado actual, estudar, sumariamente, como é que a utilização dos recursos por um mercado ou um sistema de planificação descentralizada evoluirá com a origem e a natureza das informações de que dispõem os agentes económicos.

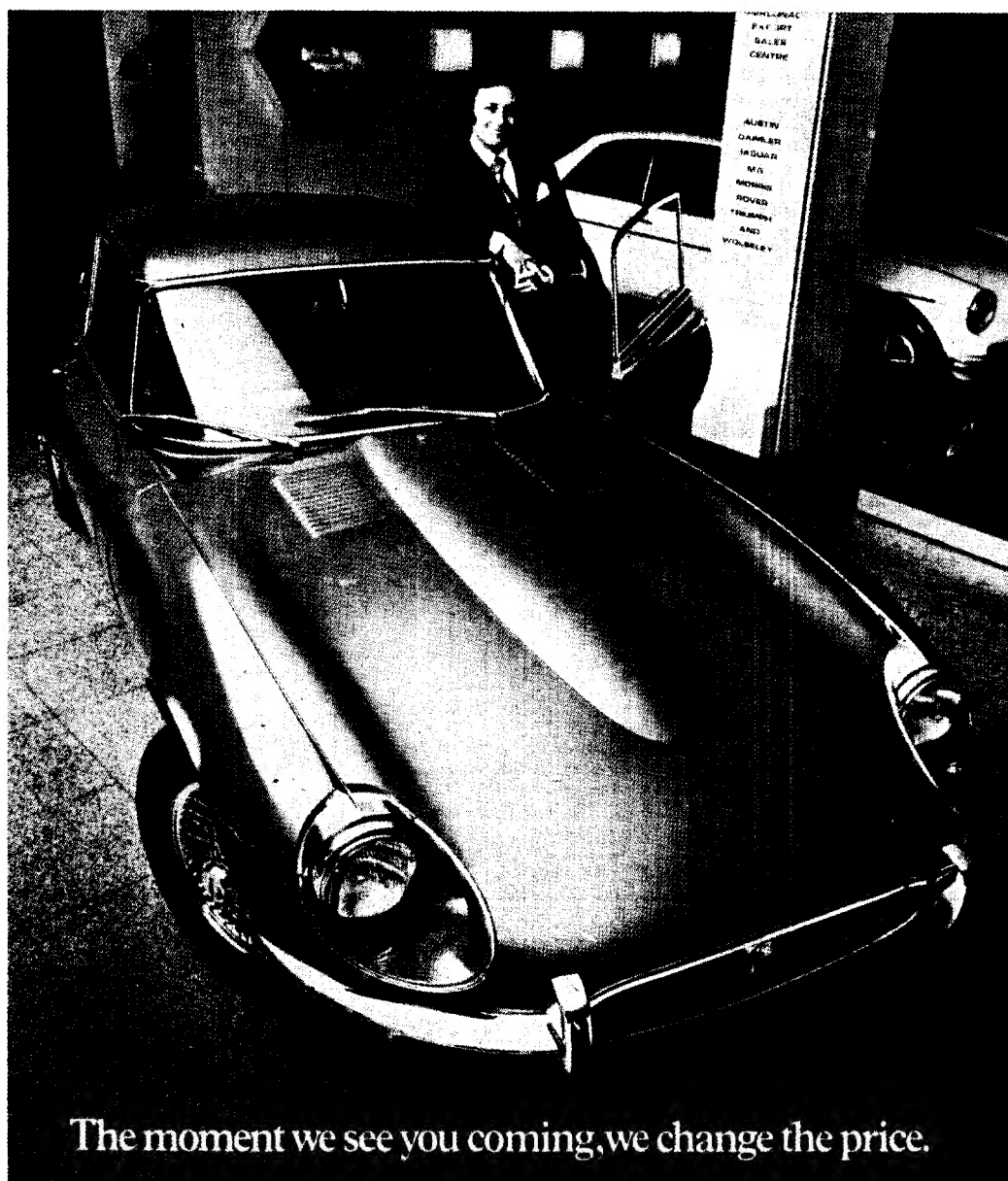
IZAR A PUBLICIDADE ARA FINS SOCIAIS

nidades, a utilização dos transportes colectivos ou da água potável nunca são, deste modo, sentidos como prioritários, num mesmo como soluções para o abarrotamento e a injustiça que provocam, demasiadas vezes, a comercialização de serviços e de bens que poderiam ser produzidos ou consumidos colectivamente. Será possível dominar melhor o complexo papel da Informação neste subtil desvio dos processos económicos?

São possíveis dois tipos de estratégia: para uns, se publicidade comercial é persuasiva deve ser proibida. Mais do que nunca, é verdade, se torna urgente o seu «controle». A exigência de provas, o «controle» dos temas utilizados, deverão ser aceites por todos os países desenvolvidos. Será, no entanto, ilusório, seja sob que regime for, pretender proibi-la. Será sempre necessário informar, de maneira contraditória, sobre o valor relativo dos produtos e a renovação tecnológica. Esta Informação que a empresa deve fornecer submeter à crítica dos consumidores e ao «controle» público é intrinsecamente publicitária. Para além, portanto, deste «controle» necessário, é preciso procurar uma outra resposta e organizar uma verdadeira competição de informações, utilizando a publicidade (mas também, e sobretudo, talvez, a educação) para a promoção do consumo colectivo, tão fortemente sujeito à concorrência das produções particulares.

De facto, este uso social da publicidade já existe, mais ou menos tímido, conforme os países, os bens em causa e a instituição que os produz. Vêm-se, por vezes, campanhas lançadas pelos caminhos-de-ferro, os hospitais ou a electricidade. Quase nunca se gabam as qualidades da água potável, dos transportes urbanos e, menos ainda, da educação, da cultura, da igualdade de oportunidades ou da descentralização do poder. Uma sã teoria da informação leva a pensar que, naqueles domínios da publicidade social, apresentando aos cidadãos as soluções colectivas, os liberta, um tanto, do domínio do modelo de consumo privado.

Os ministérios, as colectividades públicas, as associações privadas de toda a ordem, os partidos políticos e até mesmo as empresas podem empreender tais campanhas, que deveriam beneficiar de facilidades particulares (tempo de antena, sub-



The moment we see you coming, we change the price.

Uma empresa, uma marca, um produto

venções públicas, acesso privilegiado à televisão) e de uma parte dos resultados de uma eventual tributação da publicidade comercial. As colectividades públicas veriam tais fundos compensados, em parte, pelas reduções dos défices de exploração dos equipamentos colectivos.

Muitas objecções se formulam contra um tal uso da publicidade. Seria, dirão, indissociável da pior propaganda política. Lembraria os mais monstruosos excessos das ditaduras. A fronteira deveria ser, evidentemente, traçada com to-

da a nitidez por uma nova construção jurídica, protegendo as minorias, segundo éticas muito perigosas. Não é necessário, evidentemente, que um «bombardeamento» venha substituir outro, mas que uma concorrência de informação desmistifique os actuais valores do consumo.

**UM PAPEL
DESMISTIFICADOR,
POLEMICO
E CRIADOR**

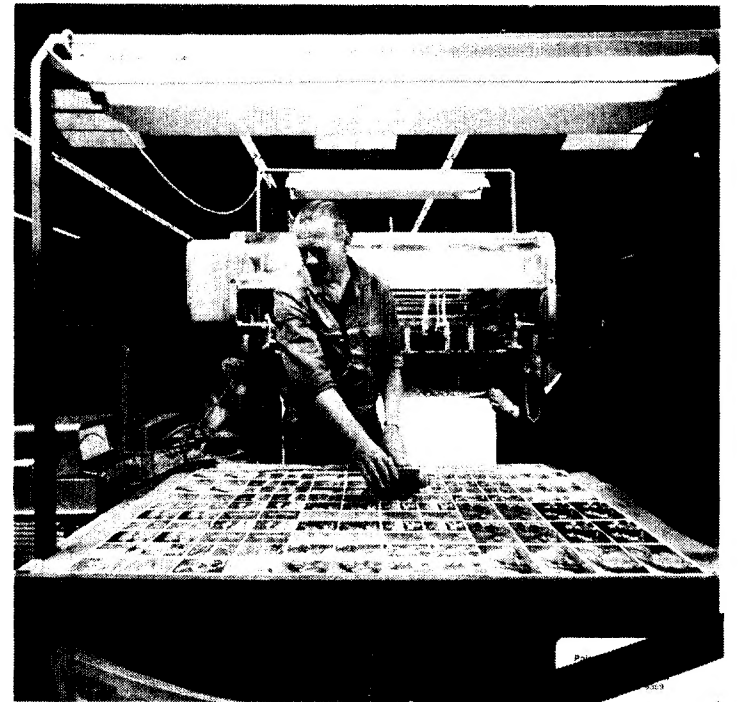
Além do mais, é verdade que a publicidade comercial representa, em si própria, uma pro-

paganda esmagadora e clandestina de um modelo social único e desidealizado, onde a apropriação de bens materiais se tornou o único critério de desafogo individual e de inserção social. Em contrapartida, a publicidade social será veículo de outros modelos sociais, restaurando, assim, talvez, um pouco daquela liberdade de escolha política tão difícil de preservar.

Poder-se-á dizer, também, que a publicidade social se arrisca a exacerbar necessidades que as estruturas públicas não poderiam satisfazer. Para que serve encorajar a utilização dos trans-

fasson

INTERNATIONAL 3/72



portes colectivos se estes continuam bloqueados pelos engarrafamentos ou a de um hospital público, se este se apresenta em muito más condições? De facto, reside aqui um dos maiores interesses da informação social, pois esta provoca uma tomada de consciência colectiva sobre a inadequação dos serviços públicos disponíveis. Será assim que a publicidade social desempenhará, como as outras redes de informação e ensino, um papel desmistificador, polémico e criador.

Numa altura em que se começa a querer descobrir como

reorientar o crescimento económico dos países ricos sem aumentar os constrangimentos sociais, não se devem esquecer as lições da teoria e da experiência: a Informação está no poder. O uso actual deste poder é largamente responsável pelos vícios e fraquezas do nosso desenvolvimento. Substituir a superinformação publicitária comercial por uma multiinformação contraditória, dialéctica e desmistificadora ajudará a lembrar, entre outras coisas, que o consumo era, em primeiro lugar, uso, antes de se tornar, hoje em dia, sinónimo de propriedade.

De Coruche e da Figueira da Foz

Mais dois milionários na galeria do Totobola

—Mais de 2 300 contos
PARA CADA "TREZE"

Depois do sensacional «record» da semana passada (mais de 6 300 contos para um único totalista, de Moçambique), o Totobola faz, esta semana, dois novos milionários: um serrador de Volta do Vale (Coruche) e um «anónimo» da Figueira da Foz, que dividiram entre si os 4 600 contos do primeiro prémio!

O 22.º concurso do Totobola tinha um calendário aparentemente fácil e não seria de esperar que surgissem grandes surpresas ou empates em série, como na semana passada. E, ainda aparentemente, os resultados não apresentavam espectaculares surpresas e os empates são apenas quatro. No entanto, o número de totalistas foi bem reduzido, apenas dois, e os «dozes» também não passaram de 12!!

Parecerá estranho, à primeira vista, mas a verdade é que os concorrentes devem ter jogado um pouco sem preocupações, «carregando» nos empates, talvez influenciados pelo «chorrillo» do concurso anterior.

Coisas do Totobola, que vive da «cruel incerteza do desporto», tão cantada e decantada.

O mais bafejado dos dois totalistas desta semana, foi o sr. José Filipe Balsa, do lugar de Volta do Vale (Coruche), trabalhador rural ou, mais propriamente, serrador, de 46 anos, com

dois filhos, que jogou com um boletim de 64 apostas (128\$00), razão pela qual, além do «treze», recebe mais seis «dozes». Tudo isto representa um total de 2 535 921\$60, ou seja, os 2 307 117\$00 correspondentes ao «treze» e seis vezes 38 134\$10 dos «dozes» (228 804\$60).

O segundo totalista marcou no seu boletim a pequena cruz que significa o desejo de manter o anonimato, razão por que não podemos divulgar o seu nome, embora se saiba que é da Figueira da Foz, onde vive, reformado da Câmara Municipal, como encarregado de motoristas. Tem 68 anos, é viúvo e, tal como o seu «colega» de Coruche, também tem dois filhos. Por ter apenas jogado com um bilhete de apostas simples, de seis apostas, ganhou «só» o prémio equivalente ao «treze» que representa 2 307 117\$00.

Temos, portanto, mais dois milionários do Totobola!

O segundo prémio foi distribuído por 121 «dozes», sendo 104 do Continente, 1 da Guiné, 12 de Angola e 4 de Moçambique, e renderam cada um 38 134\$10.

O valor de todos estes prémios é ainda provisório, dado que, como se adivinha, podem surgir, dentro dos prazos regulamentares, quaisquer reclamações relativas ao escrutínio.

Falar de economia e fazer dinheiro são factos que não se coadunam em matéria de edição. Duas obras recentemente publicadas em França pelo americano Samuel Pizar — advogado de fama internacional — tornaram-se todavia no espaço de algumas semanas em «best-sellers».

«As Armas da Paz» (prefácio de Jean-Jacques Servan Schreier — publicado por Denoël) e «Transacções entre o Leste e o Oeste» (prefácio de Valéry Giscard d'Estaing — publicado por Dunod) contam-se entre os livros de cabeceira actuais de um grande número de homens de negócio.

A sua leitura — por vezes árdua — sobretudo a do último, cujo texto está nitidamente cheio de noções jurídicas — não é daquelas que permitem brilhar em sociedade, a golpes de citações ou de aforismos.

Mas ela esclarece, por exemplo, sob um novo ângulo, as recentes visitas do presidente dos Estados Unidos à U. R. S. S. ou à China.

Esta «tournée» de caixairo viajante do business americano, como o qualificariam certos editorialistas, constitui de certo modo o tema da teoria defendida por Samuel Pizar. Para ele, coexistência pacífica e comércio são apenas uma e mesma coisa. Tal era aliás o título da obra que ele publicou nos Estados Unidos em 1970 onde fez sensação (*Coexistence and Commerce*, Mc. Graw Hill).

A PAZ PELO COMÉRCIO

Parafraseando a célebre tirada atribuída a Luís XIV, Pizar dizia: «Já não há cortina de ferro». Quinze anos de prática como especialista do direito internacional e negociador de transacções comerciais entre o Leste e o Oeste, permitem-lhe desmontar o mecanismo de aproximação dos dois blocos. Porque é que o comércio se desenvolve entre dois países opostos pelos seus sistemas político e económico. É este o tema exposto em «Armas da Paz». Na sua segunda obra «Transacções entre o Leste e o Oeste», Pizar explica como se fazem os negócios com o Leste, dirigido a todos aqueles que se interessam de perto ou de longe por este género de transacções.

Se as possibilidades de trocas com os países socialistas continuam ainda redu-

zidas, as relações económicas com estes, sofrem profundas mudanças qualitativas.

Por isso uma verdadeira cooperação industrial, científica e técnica estabelece-se hoje entre algumas das nossas sociedades ocidentais cujo fundamento é a empresa privada e as sociedades do lado de lá, fundadas sob a empresa do Estado.

Para acelerar o seu desenvolvimento, os países do Leste têm necessidade de aproveitar os progressos da ciência e da tecnologia ocidentais: é-lhes necessário não somente adquirir patentes, ordenadores, fábricas integradas, mas eles sentem também a necessidade de se iniciarem nos segredos do «management».

BENEFÍCIO MÚTUO

Os países ocidentais por seu lado procuram novos mercados como outros exultórios à sua capacidade de produção aumentada sem cessar.

E assim que nascem acordos e que se criam verdadeiras empresas comuns onde os processos encontram finalmente cada um as suas vantagens.

São criadas empresas de coprodução, geralmente do seguinte modo: a parte ocidental compromete-se a fornecer a metodologia técnica, os capitais, os conhecimentos em matéria de gestão e os mercados para as vendas no estrangeiro.

Os países do Leste fornecem as matérias-primas, as instalações de base, a mão de obra, etc.

As vantagens podem, segundo Pizar resumir-se assim: «As firmas particulares... conseguem não somente vender complexos industriais dispendiosos mas também tirar proveito da abundante mão de obra qualificada e pouco dispendiosa do Leste, que pode produzir para os mercados externos em condições de grande estabilidade, sem conflito e sem greve. O seu parceiro comunista é atraído por este tipo de operação visto que ele pode adquirir uma instalação independente que engendra entradas de divisas que permitem reembolsar os empréstimos de investimento concedidos pelo estrangeiro».

Se bem eles adquiram uma importância crescente, estes sistemas de cooperação continuam ainda bastante «experimentais».

Não se pode negar a exis-

tência de dificuldades complexas que vão dos problemas de adaptação do pessoal ocidental no Leste (ou os dos estagiários orientais no Oeste) às questões de propriedade, gestão e lucro. Três elementos que vão ao encontro dos sacrossantos princípios socialistas.

PARA A VALORIZAÇÃO

Por agora, o essencial desta cooperação de estilo novo, incide o desenvolvimento dos recursos naturais dos países socialistas, sobre a criação de infra-estruturas industriais. O exemplo tipo deste género de operação é fornecido pelos acordos feitos desde 1969 e 1970 entre a U. R. S. S. e empresas da Alemanha Federal, da Itália e da Áustria, para a construção de gasodutos e a entrega de gás natural proveniente dos jazigos siberianos.

Foi firmado um contrato de 20 anos com a indústria oeste-alemã que fornece os tubos de aço de grandes diâmetros e os equipamentos adequados, para a construção de uma rede de alimentação em gás natural servindo os países ocidentais via Checoslováquia.

Esta transacção terá sem dúvida repercussões na Bélgica onde se procura diversificar as fontes de abastecimento energético. Indirectamente, já o país participa no negócio. Foi com efeito por intermédio do «Comptoir Franco-Belge d'Exportation des Tubes d'Acier» que o grupo francês Vallourec fornecerá equipamentos à U. R. S. S..

A DESFORRA DO TIO SAM

Os «bons negócios» efectuados no Leste pelas empresas alemãs (Siemens, Henkel, Hoechst, AEG-Telefunken, BASF), os êxitos da Fiat, depois da Renault, os sucessos da Imperial Chemical Industries (ICI) ou da International Computers Limited (ICL) não podiam deixar o tio Sam indiferente.

Desde 1964, ano em que os Estados Unidos venderam uma quantidade excepcional de trigo (pago a pronto — um facto absolutamente excepcional — pela U. R. S. S.), as trocas com os países socialistas estagnavam. Por fobia do comunismo, a América tinha assumido, ao contrário dos países europeus, mais pragmáticos desta vez, uma rígida severi-

dade, que não se pode modificar rapidamente (exportações «estratégicas» submetidas a um «contrôle» minucioso, restrições legislativas com o Trading with the Enemy Act).

Certos meios de negócios americanos, impressionados pelos êxitos europeus no Leste passaram à ofensiva.

A PASSAGEM DA CORTINA

Viu-se Henry Ford interessar-se por uma fábrica de camiões do Kama na Sibéria. Teve finalmente de «passar a mão» aos europeus, mas o movimento estava lançado. A perseverança de certos homens de negócio yanques produziu os seus frutos e assim no ano passado a *Occidental Petroleum* conseguiu brilhantemente a sua passagem da fronteira.

O acordo de cooperação científica e técnica assinado entre a U. R. S. S. e a companhia petrolífera é um dos mais importantes que jamais foi feito entre o Leste e o Oeste. Houve quem visse nisso uma consequência da visita feita na Primavera por Nixon a Moscovo. O presidente da *Occidental Petroleum* precisa, que se não trata de uma «consequência directa» da cimeira Nixon-Brejnev mas que sem este encontro o acordo não teria sido sem dúvida firmado tão rapidamente.

A *Occidental* traz o seu financiamento e a sua tecnologia (própria ou a da indústria americana) a 5 sectores-chave:

- 1) exploração, produção e utilização do petróleo e do gás;
- 2) adubos e química agrícola;
- 3) tratamento dos metais e galvanização;
- 4) construção de hotéis;
- 5) reciclagem dos desperdícios sólidos.

O acordo incide sobre investimentos da ordem dos 3 bilhões de dólares que serão reembolsados por cedências de petróleo e de gás e também de outras matérias-primas soviéticas.

Este negócio de envergadura conseguido pela indústria americana, pode ser considerado como uma vitória pessoal do presidente da *Occidental Petroleum*, Armand Hammer. Este é um veterano de negócio com o Leste; começou a sua fortuna na U. R. S. S. há cinquenta anos, quando Lenine cha-

mou em seu auxílio homens de negócio ocidentais para edificar a indústria soviética.

CEE NÃO (RE)CONHEÇO...

Lançando uma rápida vista de olhos para as estatísticas das importações CEE-COMECOM ultrapassam cebemo-nos de que apesar do não reconhecimento oficial do Mercado Comum como entidade económica, os países da Europa do Leste fazem cada vez mais negócios com aquele.

De 1958 a 1970, as importações comunitárias de produtos vindos do COMECOM, aumentaram 300 por cento. As exportações progrediram 385 por cento! Durante o mesmo período, as trocas da CEE com o resto do mundo, desenvolviam-se em proporções bem menos importantes (respectivamente 180 por cento e 181 por cento).

Entre os países do COMECOM, foi a Roménia a que parece ter sido mais favorecida: as trocas progrediram 620 por cento em 10 anos. Além disso, a Roménia, que entre os países do COMECOM, está um pouco à parte, interessa-se de perto pelo Mercado Comum. Uma personalidade oficial romena não teria mesmo resistido, em Janeiro-Fevereiro do ano passado, à tentação de experimentar aproximações. Enviou uma carta ao presidente do Conselho das comunidades, solicitando a inclusão da Roménia entre os países beneficiários do sistema das preferências generalizadas da Comunidade.

Um membro do Governo búlgaro teria feito, segundo parece, mas a título puramente pessoal, tentativas no mesmo sentido. Esta atracção para o Oeste revela-se também através de cifras: as exportações, assim como as importações CEE-COMECOM ultrapassam também os 3 bilhões de dólares, o que representa um volume de transacções mais do que honroso se pensarmos nas dificuldades de ordem técnica (penúria de divisas por exemplo) e estrutural (inadaptação dos produtos) que subsistem entre as duas partes.

LANTERNA VERMELHA, MAS...

A Alemanha, a França e a Itália conduzem o pelotão. O que não impede a Bélgica

de alinhar também sem ostentação com o Leste, lentamente mas com segurança. O volume das exportações belgas para os países socialistas é da ordem dos 12 bilhões de francos belgas. Desde os anos 64-65, esse volume duplicou. Foi com efeito em 1965 que se deu o arranque decisivo ao comércio Bélgica-Leste.

Paul Henry Spaak, que tinha ainda as rédeas dos negócios estrangeiros negociava e assinava o primeiro acordo de cooperação industrial a técnica da UEBL com um país socialista, neste caso a Polónia. E foi assim que se viu em seguida a nossa FN fabricar peças, dos quais algumas partes eram devidas à técnica polaca. Durante os anos seguintes, outros acordos da mesma natureza se firmaram: com a Checoslováquia, Hungria, Bulgária, Jugoslávia, Roménia, U. R. S. S....

EM TODA A PARTE

As empresas belgas, a que chamam por vezes timoratas, não hesitaram em iniciar relações por vezes laboriosas de princípio, mas revelando-se frutuosas com as empresas de Estados do Leste. Co-produção, participação na instalação de complexos industriais, investimentos em comum e acordos de comercialização ulterior, trocas de patentes e licenças, de especialistas e estagiários, de documentação, etc....

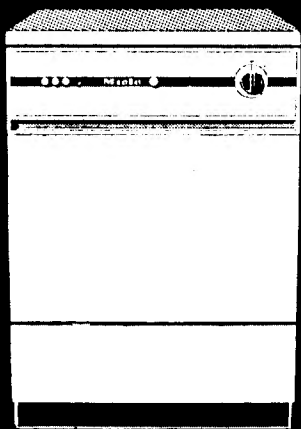
A Bélgica apontou para todos os alvos. Uma empresa belga, a sociedade *Schreder* (especialista de iluminação urbana) foi mesmo mais longe e criou com a empresa do Estado *Minel* uma «joint venture» na Jugoslávia. Grandes sociedades belgas como sublinhavam com satisfação os russos aquando da última viagem do sr. Fayat à U. R. S. S., fizeram o possível por cooperar estreitamente com o Leste. Os contactos de negócios com a União Soviética são, por exemplo, baseados no acordo bilateral assinado a 14 de Junho de 1971 e graças ao qual a U. R. S. S. beneficia da aplicação do princípio da nação mais favorecida.

Os contactos são particularmente frutuosos nos domínios da química, construções metálicas e mecânica, na indústria electrotécnica, alimentar, etc. Desde há já 7 anos, a *Union Chimique Belge* e os químicos moscovitas trabalham em comum; conseguiram nomeadamente aperfeiçoar um processo económico de produção de nitrato acrílico. *Solvay* elabora com os engenheiros de la novos polímeros. *Agfa-Gevaert*, *Glaverbel*, *ACEC*, e *Cockerill* para citar apenas alguns deles, trabalham também doravante com os especialistas soviéticos. Esta colaboração prossegue, sem alardes mas com eficácia. A cooperação belga com o Leste situa-se também ao nível da investigação pura. No domínio agrícola, por exemplo, podem ver-se especialistas do Instituto Agronómico colaborar com os investigadores búlgaros. Uma corrente de trocas de estagiários instaura-se também nos sectores da economia, do «management», etc. Desde há 7 anos, uma trintena de contratos de cooperação industrial, técnica e científica foram firmados de um e outro lado.

Annick LEIN (Belgian Business, n.º 54).

O comércio Leste—Oeste

Máquina de lavar louça G 220 UNIBODY



“Unibody” — um novo sistema de fabrico da MIELE! Maior resistência, menos espaço, melhor isolamento térmico, mais silencioso e naturalmente máxima capacidade de lavagem.

Miele

Agente Oficial:

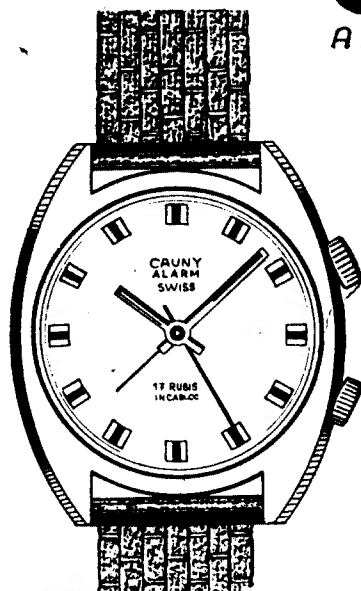
M. L. FERREIRA

RUA D. ESTEFÂNIA, 48-A — Telef.: 58958 LISBOA

O RELOGIO DESPERTADOR

CAUNY

A MAIS ALTA PRECISÃO SUÍÇA



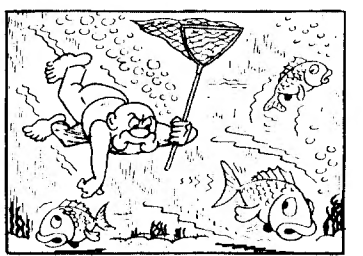
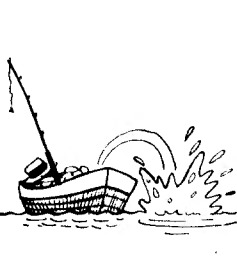
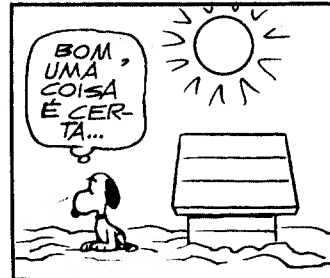
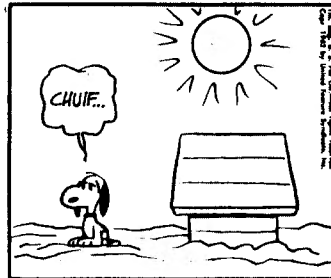
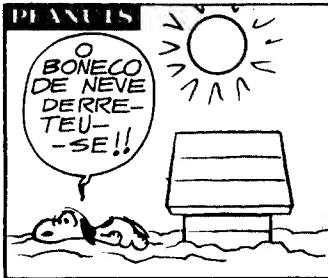
Mudança de data ultra-rápida

EXIJA A MARCA CAUNY GRAVADA NA COROA E NA PARTE EXTERIOR DA CAIXA

ENTRE HOMENS



... e os mineiros perguntavam aos polícias parisienses: "E vocês, quanto é que ganham?"



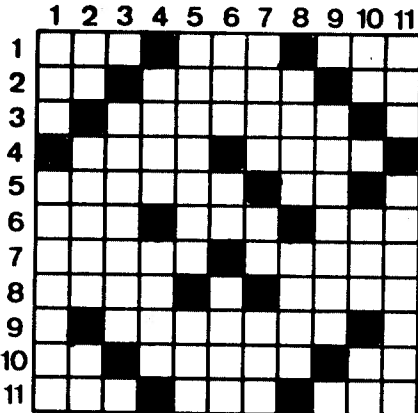
PROBLEMAS DE PALAVRAS

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10333

HORIZONTAIS:

- 1 Sinal ortográfico. Espaço de doze meses. Doença.
- 2 Antes do meio dia. Afia. Nota musical.
- 3 Que tem crômio.
- 4 Em mais alto grau. Sarrafo.
- 5 Nevoento. Criminosa.
- 6 Rei de Israel. Lavra. Rato.
- 7 Extras. Atraíção.
- 8 Vantagens. Sulcam a terra.
- 9 Esposa (pop).
- 10 Batráquio. Dividida ao meio. Post scriptum.
- 11 365 dia. Trituro. Gume de instrumentos cortantes.



VERTICAIS:

- 1 Bigorna de aço sem hastes. Nome de fruto.
- 2 Prefixo de negação. Adoçar com mel. Prefixo de privação.
- 3 Lenha miúda (pl).
- 4 Padre de Alexandria, fundador da seita dos Arianos. Guardam de asas.
- 5 Conquistas. Conjunção.
- 6 Ilha inglesa do mar da Irlanda (inv.º). Sufixo que designa estado. Solo.
- 7 Pregar. Atomo. Rezo.
- 8 Acrescentar. Involgar.
- 9 Realizar.
- 10 Brisa. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Letra grega.
- 11 Regra. Belo.

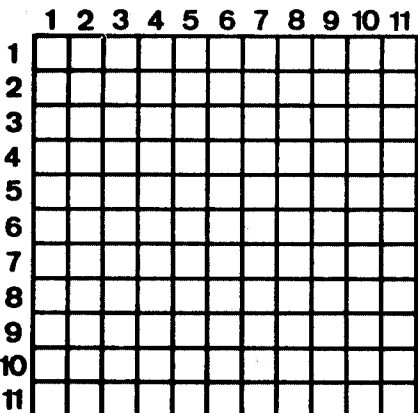
Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6489

HORIZONTAIS:

- 1 Pessoa estúpida. Cordeiro.
- 2 Preposição. Descasque. Letra do alfabeto hebraico.
- 3 Viscera dupla. Descarnadas.
- 4 Lavrar. Naípe das cartas de jogar.
- 5 Conclui. Prasiódimo (s.q.).
- 6 Passada. Reze.
- 7 Bário (s.q.). Antiga medida de quatro palmos.
- 8 Adicione. Contrata.
- 9 Unir por casamento. Chefe etíope.
- 10 Maior. Capas sem mangas. Pronome reflexo.
- 11 Épocas. Longe.



VERTICAIS:

- 1 Pessoa cruel (fig). Concelho do distrito de Cabo Delgado. Pronome pessoal.
- 2 Olhadela. Colorido.
- 3 nome de fruto. Cura.
- 4 Abreviatura que se usa em música. Batráquio. Colocou.
- 5 Possui. Jornalista, político e poeta português, autor de «Ilusões Perdidas».
- 6 Oculta. Vila e se de concelho (Beja).
- 7 Povoação do concelho de Condeixa. Campeão. Arvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
- 8 Artéria. Sopro. Catedral.
- 9 Despidas. Aroma.
- 10 Tens. Maldições.
- 11 Alternativa. Greda branca. Guardam de asas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10332

HORIZONTAIS:

- 1 Pás. Peste.
- 2 Nuas. É. Miar.
- 3 Iru. Pró. Aca.
- 4 Catre. Sora.
- 5 Aero. Pá.
- 6 A. Morte. Fé.
- 7 Bico. Ruar.
- 8 Arara. Pés.
- 9 Calda. Itaca.
- 10 Adie. A. Arad.
- 11 Lâmia. Osa.

VERTICAIS:

- 1 Ura. Airada.
- 2 Ura. Airada.
- 3 Paula. Calim.
- 4 As. Remordei.
- 5 Pero. Aa.
- 6 Er. Oro.
- 7 Os. Pi.
- 8 Em. Operetas.
- 9 Siara. Usara.
- 10 Taça. Fa. Cã.
- 11 Era. Verdade.

Provérbo: É A MORTE A ÚNICA VERDADE.

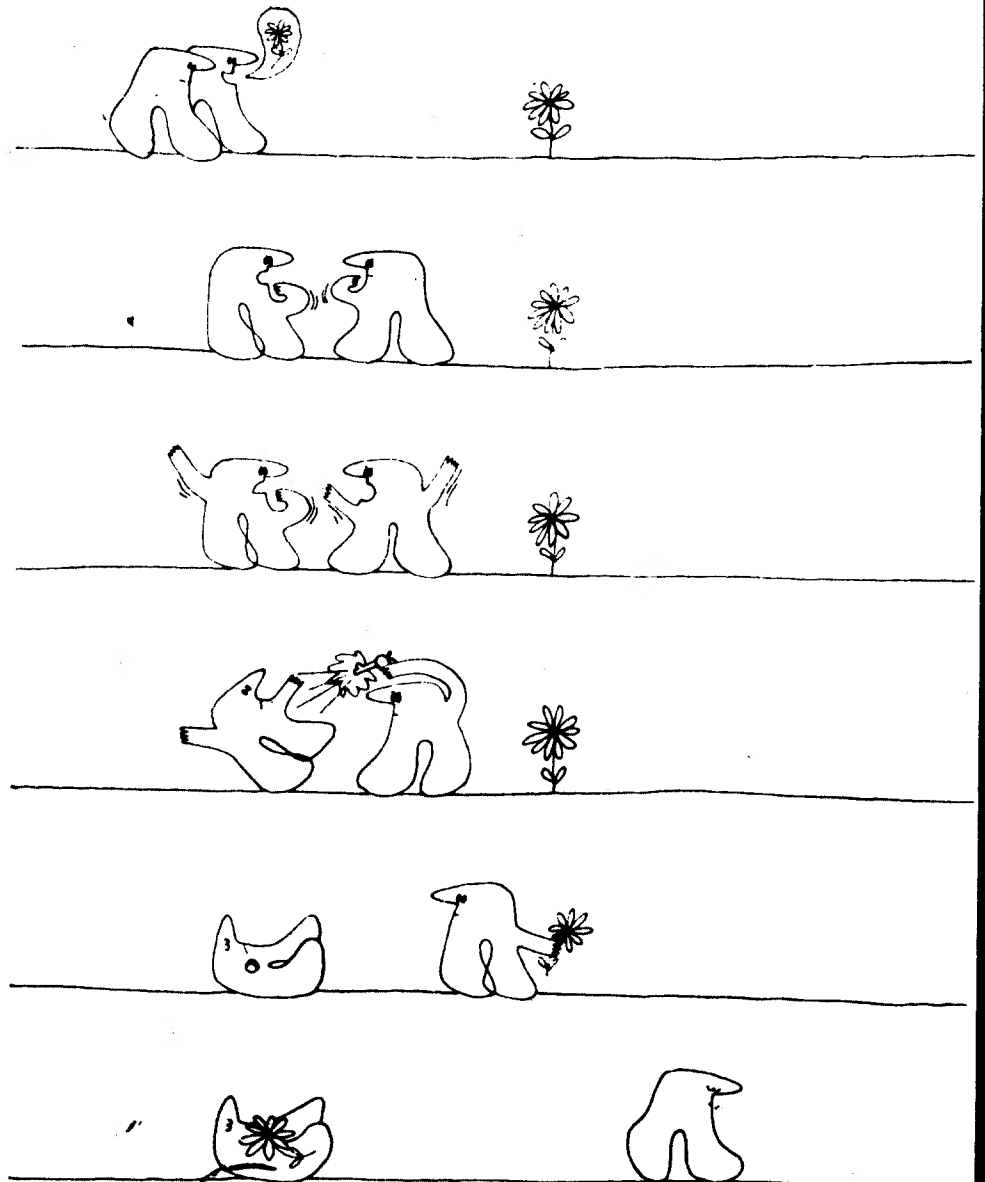
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6488

HORIZONTAIS:

- 1 Agar. Marrã.
- 2 Icar. Pies.
- 3 Rosas. Somas.
- 4 Ar. Datar. Ta.
- 5 Orçou. Farás.
- 6 Ir. Er.
- 7 La. Cacos. Al.
- 8 Pó. Em.
- 9 Pumo. Ecais.
- 10 Aire. Arca.
- 11 Soara. Prior.

VERTICAIS:

- 1 Acorria. Lupas.
- 2 Acorria. Lupas.
- 3 Gas. Cr. Pura.
- 4 Arado. Comer.
- 5 Saída.
- 6 Cu.
- 7 Satio.
- 8 Aporá. Secar.
- 9 Rim. Re. Mari.
- 10 Realara. Iço.
- 11 Assas. Lesar.



EU, TU, ELE E O HUMOR

Desenhos humorísticos
Chamaco

Actividades económicas

Intenção de investir e empregar

O mapa das «intenção de investimento e de emprego na indústria transformadora», relativo ao quarto trimestre de 1972, obtido a partir dos pedidos que obtiveram despacho favorável para instalação de novos estabelecimentos e de ampliação de actividades incluídas no condicionamento industrial, e ainda para a instalação de novos estabelecimentos industriais em todas as restantes actividades transformadoras isentas de condicionamento, atingiu cerca de dois milhões de contos e pouco mais de sete mil e quinhentos novos empregos.

Sobre o aspecto de investimento em «actividades económicas», as perspectivas são mais fortes em «bebidas», com 568 mil contos, «texteis» com quase 289 mil contos e em «minerais não metálicos», com 268 mil contos. Nas restantes actividades

nenhuma outra se aproxima dos 200 mil contos. Quanto a emprego, o maior número de empregos criados (ou a criar) aparece em «calçado e vestuário», com 1992, e só os «têxteis», com 1.084, também passam o milhar.

Por distritos, Lisboa tem o primeiro lugar em emprego, com 1.777, (367, mil contos) e Faro em investimento com 482 mil contos (268 emprégos). Anote-se que os distritos de Beja e Bragança não criaram mais de 7 novos empregos e o de Portalegre mais de 8, não chegando os dois primeiros aos dois mil contos de investimento.

Para o trimestre, a conjugação das «bebidas» com Faro (475 mil contos e 230 novos empregos) revela-nos a importância da instalação de uma nova fábrica para a produção de cervejas.

CERVEJA

1969 E 1970: CAPITAÇÕES NA EUROPA OCIDENTAL
CONSUMO PER CAPITA EM LITROS E CONSUMO TOTAL EM 1000 HL.

Países	1969		1970	
	Per Capita	Total	Per Capita	Total
Alemanha Federal	135,8	83 094	139,2	85 603
Bélgica/Luxemburgo	127,6	12 753	132,0	12 781
França	40,7	20 527	41,3	21 043
Itália	11,0	5 969	11,2	6 217
Holanda	51,8	6 664	57,4	7 478
CEE	68,6	120 007	70,1	133 122
Austria	99,0	7 298	98,7	7 300
Dinamarca	101,3	4 948	107,2	5 285
Finlândia	51,0	2 399	47,5	2 267
Noruega	34,5	1 328	36,7	1 421
Portugal	10,1	913	13,9	1 353
Suécia	55,6	4 412	55,2	4 419
Suíça	74,9	4 607	77,0	4 841
Inglaterra	99,8	55 425	102,3	57 018
Finlândia	81,7	81 330	84,2	83 904
Irlanda	93,6	2 732	101,0	2 961
Espanha	—	—	36,3	(12 300)
Ebica	—	—	45,0	15 261
Total	76,1(1)	213 069(1)	72,1	232 287

MÁQUINAS NOVAS EM CONTRATOS NO DIÁRIO DO GOVERNO

«Aos oito dias do mês de Janeiro do ano de mil novecentos e setenta e três (...) lavra-se o presente termo de contrato para o fornecimento de máquinas de escrever aos serviços do Estado e organismos de coordenação económica, durante o actual ano económico, no número provável de mil quatrocentos e cinquenta máquinas comerciais carretes médio e grande, setenta máquinas de escrever portáteis e trinta carretes sobresselentes,

de harmonia com o despacho de Sua Excelência o Secretário de Estado do Tesouro por delegação de sua Excelência o Presidente do Conselho, datado de vinte de Dezembro último, com dispensa da realização de concurso, nos termos do artigo oitavo e sua alínea a) do Decreto-Lei número quarenta e um mil trezentos e setenta e cinco, de dezanove de Novembro de mil novecentos e cinquenta e sete, com as cláusulas seguintes:

(...)

É assim que vem parte da primeira página do Diário do Governo-III Série, de 29 de Janeiro de 1973, com continuação para toda a segunda página.

Um contrato importante e não só pelo espaço que ocupa no diário oficial. A adjudicatária é a empresa Máquinas Messa Comercial, Lda. e as máquinas terão de ser fabricadas por Messa Máquinas de es-

crever, S. A. R. L. (cláusula quarta)

Esta empresa industrial passou já por dificuldades e foi a intervenção do Banco de Fomento Nacional que a ajudou a recuperar. Depois da exportação, este contrato é mais uma achega para a marcha dos negócios da empresa. Já houve tempo de batalha pelo «teclado nacional», este tem sido de luta para sobreviverem as «máquinas de escrever nacionais»...

POSIÇÕES DE BALANÇO DA COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

	1970	1971
	em milhões de contos	
Capital social	250,00	250,00
Reservas líquidas e legais..	736,64	769,65
Lucro líquido	83,77	80,48
Receitas totais	904,49	1.030,88
Participações	133,94	180,81
Activo total.....	1.647,47	1.915,04

O que se anuncia

AVIÕES
“MIRAGE”

TÉCNICA E PODER MILITAR
AO SERVIÇO DAS FORÇAS AÉREAS

SAPREL — PRAÇA DAS AGUAS LIVRES, 8 S / LOJA-LISBOA 2

COM FINS LUCRATIVOS

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

Direcção-Geral da Assistência Social

Concedido à Sociedade Portuguesa de Infância, Lda, alvará para o funcionamento de uma creche, com fins lucrativos, denominada «Bébédumus» (Sociedade Portuguesa de Infância, Lda), com sede na Rua de Buenos Aires, 23, rés-do-chão, em Lisboa, fixando-se a lotação total em 70 crianças de ambos os sexos.

O alvará tem o n.º 1 e a data de 14 de Abril de 1971.

Direcção-Geral da Assistência Social, 10 de Janeiro de 1973. — O Director-Geral, *Maria Raquel Ribeiro*. 1-0-741

Concedido a Maria do Carmo Saturnino Maú alvará para o funcionamento de um lar para pessoas idosas, com fins lucrativos, denominado «Lar de Nossa Senhora do Amparo», sito na Avenida da República, 76, rés-do-chão, em Lisboa, fixando-se a lotação total em 15 camas.

O alvará tem o n.º 3 e a data de 14 de Agosto de 1971.

Direcção-Geral da Assistência Social, 10 de Janeiro de 1973. — O Director-Geral, *Maria Raquel Ribeiro*. 1-0-747

LEIA



motor